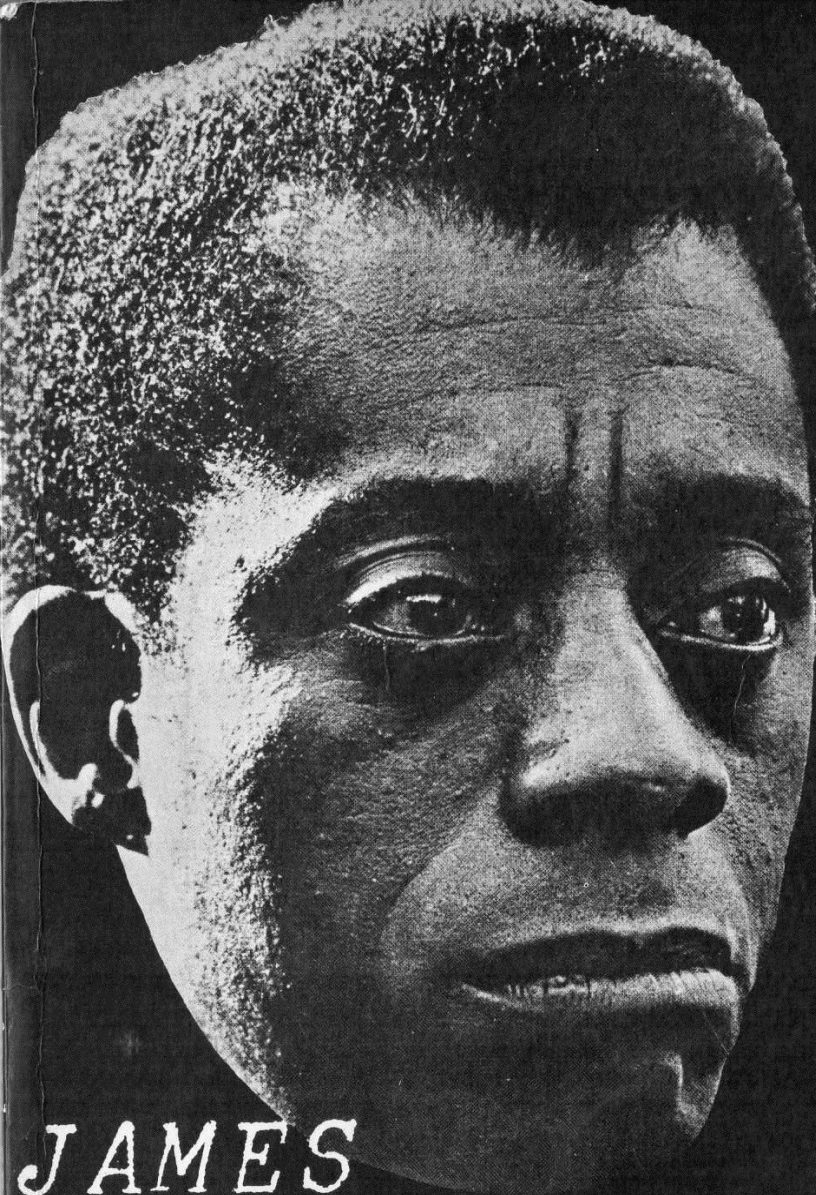




*e pelas praças não terá nome*

# JAMES BALDWIN

*brasiliense*

JAMES

# BALDWIN

*e pelas praças não terá nome*

*As profecias do livro anterior deste grande escritor de nosso tempo, "Na Próxima Vez, Fogo", se confirmaram na tragédia em que se aprofunda o problema de uma América contraditória e dolorosamente verdadeira. Neste livro, Baldwin, depois das traumáticas experiências da violência, retorna à luta por um mundo mais humano.*



*brasiliense*



A SUA MEMÓRIA PERECERA  
NA TERRA,  
E PELAS PRAÇAS NÃO TERA  
NOME

DA LUZ O LANÇARÃO NAS  
TREVAS,  
E AFUGENTA-LO-ÃO DO  
MUNDO.

Jó 18: 17-18

Este é o tão esperado depoimento de James Baldwin, sobre tudo aquilo que aconteceu na América através das agonias políticas e sociais de sua recente história. As profecias de "Na Próxima Vez, Fogo", foram tragicamente confirmadas, através de assassinatos, distúrbios urbanos e a polarização ampliada das suas paranóias mais profundas; as esperanças de justiça, de simples medidas humanas de identidade e necessidades, são mais ilusórias que nunca. A compreensão de Baldwin sobre a crise da América, nesta obra completa-

test/RO  
JO

*e pelas praças não terá nome*



1943-1973

30 ANOS DE CULTURA



A SUA MEMÓRIA PERECERÁ NA TERRA,  
E PELAS PRAÇAS NÃO TERÁ NOME.

DA LUZ O LANÇARÃO NAS TREVAS,  
E AFUGENTÁ-LO-ÃO DO MUNDO;

JÓ18:17-18



JAMES BALDWIN

*e pelas praças não terá nome*

  
**brasiliense**



Do original em inglês:  
"NO NAME IN THE STREET"

Copyright © 1972 by The Dial Press-New York

Tradução:  
CRAYTON SARZY

Revisão ortográfica:  
ANTONIO SÉRGIO GUIMARÃES

Capa:  
NELSON QUARESMA.



EDITORA **brasiliense** SOC. AN.  
01042 - Rua Barão de Itapetininga, 93  
SÃO PAULO - BRASIL

para

Berdis Baldwin

e

Beauford DeLaney

e

Rudy Lombard

e

Jerome



## LEVE-ME PARA A ÁGUA

Se eu tivesse minha vontade  
Eu poria esta casa abaixo.  
Deus Poderoso, neste caso, se eu tivesse minha vontade  
Se eu tivesse minha vontade, criancinhas,  
Eu poria esta casa abaixo.

— *Canção Escrava*

Tão pouco tempo para estar aqui,  
Tão pouco tempo para estar.

*Popular*



“É uma boa idéia”, ouvi minha mãe dizer. Ela olhava fixamente um pedaço de veludo negro que segurava nas mãos, e então cuidadosamente guardou esse pedaço de pano num armário. Nós podemos adivinhar quantos anos eu devia ter, pelo simples fato de que anos depois eu ainda pensava que uma “idéia” era um pedaço de veludo negro.

Muita, muita coisa ficou adormecida no recôndito de minha mente e agora, quando tento me recordar, tudo me parece confuso e vago. Eu devia ter uns cinco anos, imagino, quando fiz minha conexão entre idéias e veludo, mas talvez eu fosse mais novo ainda; isto pode ter acontecido no mesmo ano em que meu pai tinha me circuncidado, um evento terrível para a época, mas que hoje, dificilmente consigo me recordar; ou talvez eu imagine que tivesse cinco anos porque eu me lembro estar puxando a saia de minha mãe e olhando fixamente para seu rosto, enquanto ela dizia para alguém que tinha vinte e sete anos. Para mim, isto significava que ela já estava virtualmente numa cova, e eu me agarrei com mais força à sua saia. Eu sabia por alguma razão, ou tentava acreditar por alguma razão, que tinha vinte e dois, quando nasci. Hoje, eu não consigo calcular, e, todavia, podia fazê-lo quando era pequeno.

Eu era a única criança na casa — ou casas — por pouco tempo, um calmo período que minha memória repudiou; e se eu me recordo agarrado à saia de minha mãe e olhando fixamente para ela,



é porque sentia um medo terrível do homem a quem chamávamos meu pai; o qual na verdade não apareceu na *minha* lembrança, a não ser quando eu já estava com mais de dois anos de idade. Eu tenho escrito demais e quase nada sobre esse homem, que não cheguei a compreender até que ele estivesse velho demais para ser compreendido. Nas minhas primeiras recordações, ele está em pé na cozinha, enxugando os pratos. Minha mãe tinha me vestido para sair, ela está me levando para algum lugar, e deve ser inverno, porque estou usando, na minha lembrança, um desses bonés de lã, que tem uma espécie de aba, que se abotoa embaixo do queixo — um boné Lindberg, eu acho. Aparentemente, estou nos braços de minha mãe, porque estou olhando para meu pai, por sobre os ombros dela, nós estamos perto da porta — e meu pai sorri. Isto pode ser uma recordação, eu creio que é, mas pode ser uma fantasia. Numa das últimas vezes, vi meu pai em pé. Eu olhava para ele por cima dos ombros de minha mãe — que entrava correndo no quarto para nos separar — meu pai não estava sorrindo e nem eu tampouco.

A mãe dele, Bárbara, vivia em nossa casa, e tinha nascido durante a escravidão. Era tão velha que nunca saía da cama. Eu me lembro dela pálida e descarnada e ela devia usar um lenço na cabeça, porque não consigo me lembrar dos seus cabelos. Eu me lembro que ela me amava; costumava repreender o filho pela maneira como me tratava; e ele tinha um pouco de medo dela. Quando morreu, ela me chamou no seu quarto para me dar um presente — uma dessas caixas redondas de metal, geralmente com um desenho de flores, usadas para guardar doces. Ela pensava que estava cheia de doces e eu pensava que estava cheia de doces, mas não estava. Depois que ela morreu, eu a abri e estava cheia de agulhas e linhas.

Isto me deixou muito magoado, claro, mas a morte dela me deixou muito mais, porque eu a amava e dependia dela. Eu sabia — as crianças *precisam* saber — que ela ia sempre me proteger com todas as suas forças. Naturalmente que minha mãe também, eu sabia disso, mas a proteção de minha mãe só devia ser pedida num momento de desesperada emergência. Não me foi difícil, tampouco para meus irmãos, que entravam aos trambolhões neste mundo, descobrir que nossa mãe pagava um preço imenso para estar entre nós e nosso pai. Ele tinha maneiras de fazê-la sofrer que estavam além do nosso conhecimento, e por isso logo aprendemos a depender um do outro e formamos uma espécie de muda conspiração para protegê-la. (Nós

todos estávamos unidos, total e cruelmente, contra nosso pai). De qualquer forma, logo percebemos que ela mal nos pertencia: ela estava sempre no hospital, tendo algum filho. No meio dos seus filhos cruéis, que tinham pavor dele, as gravidezes, os nascimentos, os ratos, as mortes na Avenida Lenox, as prostitutas que viviam no andar de baixo, seu trabalho em Long Island — para o qual ele ia todas as manhãs, usando um chapéu coco, terno preto, camisa branca, gravata escura, parecendo o pregador que ele era, com uma marmitta nas mãos — e com o seu irrecíproco amor pelo Onipotente, Todo Poderoso, não havia dúvida que nosso pai estava louco. Nós, por outro lado, afortunadamente para nosso pai e, sem dúvida, afortunadamente para nossa mãe, aceitávamos cada criança e a fazíamos nossa. Eu quero evitar generalidades tanto quanto possível; espero deixar claro futuramente que o que estou tentando agora determina este escape; e portanto, não direi que as crianças amam os milagres, mas posso dizer que acho que nós amávamos. Um recém-nascido é um evento extraordinário; nunca vi dois bebês que se parecessem ou mesmo que chorassem de uma forma remotamente semelhante. Aqui está este milagre da respiração que não pode viver um instante sem você, com uma cabeça mais frágil do que um ovo, um milagre de olhos, pernas, unhas e (especialmente) pulmões. Ele se arrasta para a luz como uma coisa cega — *é*, por um momento, cego — que diferença faria se ele pudesse ver? Tem um pouco de cabelo, que cairá, não tem dentes, urina em você todo, arrota, e quando está com medo ou com fome, quase sem perceber que um milagre está se realizando, ele exercita seus pulmões. Você o observa e vê que ele descobre que tem uma mão, então ele descobre que tem dedos dos pés. E, nesse momento, ele descobre que tem *você*, e desde que já decidiu que quer viver, ele lhe dá um sorriso desdentado quando você se aproxima, gorgoleja ou ri quando você o levanta, agarrando-o com força pelo dedão, pelos olhos ou pelos cabelos, e, tendo já optado contra a solidão, soluça quando você o deita novamente. Você inicia a extraordinária caminhada para conhecer e controlar esta criatura. Você conhece o som — o significado — dos diferentes choros; sem conhecer aquilo, você o conhece. Sabe quando ele está com fome — este é um choro. Sabe quando ele está molhado — este choro é outro. Sabe quando ele está com raiva. Sabe quando ele está aterrorizado. Você vai ou vem ou se senta de acordo com o choro que ele chora. Onde eu nasci, você toma conta dele, mesmo quando dor-



minho, porque os ratos adoram o cheiro de recém-nascidos e são grandes, são imensos.

Nessa época, consegue se arrastar por baixo de cada cama, quase se sufocando em cada gaveta, quase se estrangulando nos fios, de que maneira só Deus sabe, ficar encurralado atrás do radiador, sendo puxado por uma perna, a investigação suicida pela escada, e quase se envenenando com tudo — com as pernas mais rápidas do que os seus olhos — pois nada é impossível que ponha na boca, você tinha que começar a amá-lo ou então tinha que deixar a casa.

Eu, James, em agosto, George, em janeiro, Bárbara, em agosto, Wilmer, em outubro, David, em dezembro. Glória, Ruth, Elizabeth, (e quando pensávamos que tinha terminado) Paula Maria, nome dado por mim, que nasceu no dia em que o nosso pai morreu, num verão.

O filho mais jovem, do ramo da família de Nova Orleans — família, aqui, é usado frouxamente e tinha que ser; nós não sabíamos quase nada desse ramo, que, por sua vez, não sabia nada sobre nós; Papai, o grande e bom amigo do Onipotente, Todo Poderoso, tinha dado um giro pelo Sul, deixando atrás uma família. Como eu disse, ele era filho de um escravo, e sua filha mais nova, do seu primeiro casamento, tem a idade de minha mãe, e o seu filho mais novo é nove anos mais velho do que eu. Este menino, que ficou muito tempo com o pai, era meu irmão mais velho, pelo que me constava e, algumas vezes, ele me levou para passear. Um dia, me levou nas suas costas até a arrebentação na Ilha de Coney e quando estava me ensinando a nadar, mergulhou, brincando ou sendo levado pelas ondas, afastou-se de mim por um momento, e terrificado me pegou trazendo-me para cima. No momento em que seu corpo desapareceu por baixo do meu e a água cobriu a minha cabeça, eu ainda me lembro dessa água verde-escuro e viscosa — não era verde — era o ranho e o vômito do mundo inteiro — aquilo entrava em mim; quando minha cabeça subiu abruptamente para fora d'água, quando senti os braços de meu irmão e vi a sua cara preocupada — seus olhos fixando intensamente os meus, com a mesma intensidade e impessoal ansiedade de um cirurgião, o céu acima de mim, não totalmente claro, meus pulmões falhando para libertar o poderoso grito que eu tinha quase feito explodir nas profundezas, minhas pequenas pernas se agitando — e meu irmão carregando-me nos seus ombros como

um pedaço de carne ou uma criança muito amada, saindo do mar comigo, comigo! ele tinha me salvado, afinal de contas — eu aprendi alguma coisa sobre o terror e a solidão e a profundidade e a altura do amor.

Algum tempo depois, este irmão, que estava na sua adolescência, andando atrás das garotas ou jogando dados com os amigos, quem podia saber?, voltou tarde para casa, coisa que era proibida na nossa casa Batista, teve uma briga terrível com o pai e saiu de casa para nunca mais voltar. Ele jurou que nunca voltaria e que seu pai nunca o veria de novo. E ele nunca voltou, não enquanto o pai estava vivo. Papai escreveu, mas esse filho nunca respondeu. Quando eu me tornei ministro, me pediram para lhe escrever, e eu o fiz — às vezes meu pai me ditava as cartas. Algumas vezes ele me respondeu, mas jamais respondeu ao pai dele, jamais o mencionou. Papai, aos poucos, começou a sentir que nunca mais veria de novo aquele filho, aquele que era o seu preferido, a pupila dos seus olhos, e isto lhe despedaçou o coração e lhe destruiu a esperança, levando-o para o hospício e para a cova — minha única confirmação, talvez, durante todos aqueles anos, de que ele fosse humano. O filho voltou para casa quando o pai morreu, para me ajudar a sepultá-lo. Mas depois ele foi embora de novo, e eu não o vi mais até o momento em que precisei ir para a Califórnia numa marcha pró Direitos Civis, e ele foi me encontrar no aeroporto. Nessa época, eu estava com trinta e nove anos e ele com quase cinquenta, eu tinha tornado famoso o nome desonrado de seu pai, e tinha saído de casa, exatamente da mesma maneira que ele, quase que pelas mesmas razões, quando estava com dezessete anos.

Desde a morte de Martin, em Memphis, e aquele tremendo dia em Atlanta, alguma coisa se modificou em mim, alguma coisa desapareceu para sempre. Talvez, ainda mais do que a própria morte, a maneira como ele morreu, forçou-me a fazer um julgamento a respeito da vida humana e dos seres humanos, julgamento este que sempre relutei em fazer — de fato, eu sei que muito daquilo que os conhecedores chamariam de meu estilo de vida é ditado por esta relutância. Mas, incontestavelmente, muitas pessoas, em ação, não valem grande coisa; e ainda, cada ser humano é um milagre impredicável. Um indivíduo tenta considerá-lo como o milagre que eles são, ao mesmo tempo que está tentando proteger a si mesmo contra o



desastre que eles se tornaram. Isto não é muito diferente do ato de fé solicitado em todas aquelas marchas e petições durante a época em que Martin ainda estava vivo. Não mais, alguém podia ser enganado pelos Americanos, alguém dificilmente ousaria esperar alguma coisa da grande, vasta, branca generalidade; e ainda, ser obrigado a exigir dos Americanos — e por causa deles, afinal de contas — a generosidade, a claridade e a nobreza que eles não sonharam exigir a si mesmo. Parte do erro foi irreduzível, visto que os participantes das marchas e petições foram forçados a supor a existência de uma entidade, a qual, quando o jogo foi baixado, não pôde ser localizada — i.e., não há ainda povo Americano: mas para esta especulação (ou esperança desesperada) deveremos retornar futuramente. No entanto, talvez, a moral da história (e a esperança do mundo) repouse naquilo que cada um exige, não dos outros, mas de si mesmo. Contudo, é possível que o fracasso e a traição estejam para sempre no livro do destino, e que resumidos e condenados para sempre estejam aqueles descendentes dos bárbaros Europeus que arbitraria e arrogantemente reservam o direito de se intitular Americanos.

A mente é um veículo estranho e terrível, movendo-se de acordo com as suas próprias regras; e a minha, depois de eu ter deixado Atlanta, começou a se mover retrocedendo no tempo, para lugares, pessoas e eventos que eu supunha ter esquecido. O infortúnio a levou para lá, o infortúnio, eu acho, e uma certa espécie de confusão iniciados, talvez, com alguma coisa que me aconteceu relacionada com o funeral de Martin.

Quando Martin foi assassinado, eu estava trabalhando em Hollywood — trabalhando, na verdade, na versão cinematográfica de *A Autobiografia de Malcolm X*. Esta era uma tarefa difícil, visto que eu havia conhecido Malcolm e, afinal de contas, nós discutimos, trabalhamos juntos, mantive por ele aquela grande estima que não é facilmente distinguível, se é que pode ser distinguível, do amor. (A empresa em Hollywood não funcionou porque eu me recusei a participar de um segundo assassinato: mas nós retornaremos a Hollywood posteriormente).

Pouco antes de sua morte, eu fui obrigado a comparecer com Martin ao "Carnegie Hall", em Nova York. Tendo estado na Costa tanto tempo, não tinha nada adequado para vestir nessa minha reunião no "Carnegie Hall", e portanto, saí apressadamente, com-

prei um terno escuro, que, ajustado, permitiu o meu comparecimento. Um duas semanas mais tarde, usei este mesmo terno no funeral de Martin; voltei para Hollywood; depois tive que voltar de novo para o Este, a negócios. Fui visitar Leonard Lyons uma noite, e lhe disse que nunca mais poderia usar aquele terno novamente. Leonard escreveu isso em sua coluna. Voltei para Hollywood.

Semanas depois, por causa de um compromisso dos Direitos Civis, ou por causa da "Columbia Pictures", eu estava de volta a Nova York. Lá, na minha mesa de trabalho, encontrei várias mensagens — e é preciso dizer que minha irmã, Glória, que trabalhava para mim, então, é extremamente seletiva, para não dizer brutal, a respeito das mensagens que ela deixa na minha mesa. Simplesmente, eu não vejo a maior parte delas. É absolutamente inconcebível viver com elas. Ninguém poderia, como Glória bem sabe. Contudo, meu maior amigo, negro, do tempo em que eu estava no ginásio, quando eu tinha uns doze ou treze anos, tinha me telefonado e telefonado e telefonado. A culpa de um sobrevivente é uma culpa real — como eu agora estava para descobrir. No entanto, eu nunca serei capaz de tornar real para os meus compatriotas, ou para mim mesmo, o fato de que eu tinha me tornado um "sucesso" — isto é, eu tinha sido visto na televisão, no "Sardi's", podia (presumivelmente!) assinar um cheque em qualquer lugar do mundo, podia, resumindo, em toda duração de uma entrada, de um jantar ou de uma bebida, intimidar os garçons-chefes, por usar um nome que não tinha sido meu quando nasci mas que o amor tinha me obrigado a fazê-lo meu próprio — isto significava que eu tinha traído o povo que me havia produzido. Nada podia ser mais paradoxal: receber aquilo que você jamais sonhou possuir e, amarga verdade, nunca poderia ter sonhado possuir, e este é o preço do traidor de seus irmãos e suas irmãs! Sempre alguém está refutando as acusações em processo, o que é tão inútil quanto é inevitável.

Eu não tinha visto este amigo — que dificilmente ainda podia ser chamado de amigo — por vários anos. Eu fui mais brilhante ou mais esforçado do que ele — não é minha culpa! — e, embora nenhum de nós soubéssemos disso então, nossa amizade terminou durante a época em que fui pastor e estava mais morta do que a minha esperança de alcançar o céu, quando deixei o púlpito, a igreja e o lar. A compreensão tardia do que devia ter sido feito, obviamente,



indica que esta ruptura, que foi de necessidade, excessivamente brutal e que envolvia, afinal de contas, uma rejeição deliberada contra todas as coisas e contra todo mundo com que eu pudesse, até aquele momento, identificar-me, deve ter deixado algumas cicatrizes.

No decurso de minha vida, eu não vi esse homem muito frequentemente, mas sempre me senti terrivelmente culpado todas as vezes que o vi. Eu me sentia culpado, porque não tinha nada para dizer a ele, e antes eu havia dito tudo ou quase tudo. Eu me sentia culpado, porque ele era apenas um outro carteiro, empregado dos Correios, e havíamos sonhado futuros magníficos para nós. Eu me sentia culpado, porque ele e sua família tinham sido muito bons comigo, numa época terrível de minha vida e agora aquilo tudo não significava nada para mim. Eu me sentia culpado, porque sabia, bem no fundo do meu coração, que tinha julgado este negro, simples, muito severamente, mais severamente do que teria feito se ele fosse branco, e sabia que tinha sido injusto e desonesto. Eu estava furioso porque ele achava que minha vida era fácil e eu achava que minha vida era difícil, e certamente tinha que ver aquilo pelo seu ponto de vista, e diante de qualquer comparação medíocre, minha vida parecia invejável perto da dele. E se, como continuo dizendo, não era minha culpa, não era culpa dele tampouco. Naturalmente, não é difícil perceber porque eu tentava evitar o meu velho companheiro de escola.

Mas eu lhe telefonei, claro. Pensei que muito provavelmente ele precisaria de dinheiro, porque isto era a única coisa, no momento, que eu poderia esperar dar a ele. Mas, não. Ele, ou a esposa, ou um parente, tinha lido a Coluna de Leonard Lyons e sabido que eu tinha um terno que não estava usando, e — como ele se lembrou por uma razão e eu por outra completamente diferente — ele tinha exatamente o meu corpo.

Ora, para mim, aquele terno estava ensopado do sangue de todos os crimes do meu país. E se disse para Leonard, sem dúvida, um tanto melodramaticamente, que eu nunca poderia usar aquele terno outra vez, estava apenas sendo honesto. Eu simplesmente não poderia vesti-lo, ou vê-lo, sem pensar em Martin, e no fim de Martin, e no que ele significou para mim e para muitos outros. Eu não poderia vesti-lo sem um frio, desolado, amargo pensamento pelo futuro. Eu não podia, enfim, viver com ele, era uma roupa demasiadamente pesada. E afinal — era somente um terno, usado, no máximo, umas

três vezes. Não era um terno caro, mas era ainda mais caro do que qualquer um que meu amigo pudesse comprar. Ele não podia se dar ao luxo de ter no guarda-roupa ternos que não usasse — não podia se dar ao luxo de jogar ternos fora — ele não podia, enfim, se dar ao luxo do meu elegante desespero. Martin estava morto, mas *ele* estava vivo e precisava de um terno, e — eu tinha exatamente o corpo dele.

Pelo fato de a situação americana ser o que é, e os choferes de táxi americanos serem o que na maior parte são, eu fui absolutamente proibido de me expor aos tremendos riscos de tomar um táxi em Nova York, e sou, portanto, forçado a alugar carros. Naturalmente, o carro que me foi buscar naquela noite particularmente culpada, era uma limusine Cadillac de uns setenta e três quarteirões de comprimento e, naturalmente, o chofer era branco. E naturalmente, também, ele não queria conduzir um negro através do Harlem para Bronx, mas a democracia americana sempre esteve à mercê do dólar: o chofer pode não ter gostado do passeio, mas ele certamente não podia perder o seu pão de cada dia. Enfim, lá estávamos nós, aquele homem branco amedrontado e eu, presos naquele leviatã, que era olhado amargamente quando passava, por uma população totalmente hostil. Mas não era para o chofer que a população olhava com tão ostensivo desprezo: eu carregava o terno no meu braço, e estava tentado a sacudi-lo: *estou somente levando um terno para um amigo!*

Eu sei como eles se sentem a respeito de negros em limusines — a menos que sejam ídolos populares — e assim eu não podia criticá-los, mas sabia que nunca poderia explicar. Nós encontramos a casa, e, com o terno no braço, subi as escadas tão familiares.

Há muito, eu não era a pessoa que meu amigo e sua família haviam conhecido e amado — era um estranho agora, e ciente disso, tentava duramente fingir, como se fosse normal. Mas nada pode ser normal em tal situação. Eles *tinham* me conhecido e *tinham* me amado: mas agora eles não podiam ser criticados pelo sentimento: *Ele pensa que agora é bom demais para nós*. Certamente que eu não me sentia assim, apesar de não ter mais nenhuma relação de amizade com eles — aquele tímido menino de olhos vivos, então com treze anos de idade, que a mãe do meu amigo tinha ralhado e amado, não existia mais. Eu não era o mesmo, mas *eles* eram, como se eles ti-



vessem sido presos naquele momento, preservados no tempo. E eles cumprimentaram-me da mesma forma como haviam feito anos antes, embora eu agora contasse com mais de quarenta e tivesse vivido cada hora desses anos. Somente num aspecto eu e meu amigo continuávamos parecidos — nós dois ainda tínhamos o mesmo peso. Seu rosto e sua voz estavam tão jovens como antes; apenas um toque de cinza em seus cabelos provava que nós já não éramos tão jovens. E toda minha vida entrou comigo naquela apertada, escura, e indescritivelmente respeitável casa, como o ribombar do champagne e o cheiro de enxofre. Eles ainda acreditavam em Deus, mas eu já O tinha ofendido, brigado e saído de Sua Casa. Eles não fumavam, mas sabiam (por me terem visto na televisão) que eu fumava e colocaram por toda sala, em deferência à minha pessoa, esses odiosos cinzeiros que podem suportar exatamente um toco de cigarro. Havia também uma garrafa de uísque, e eles me perguntaram se eu queria bife ou frango; porque, em minhas viagens, eu devia ter aprendido a não gostar mais de frango assado. Aliviado por poder contar-lhes a verdade, eu disse que preferia frango. Dei o terno ao meu amigo.

A enteada de meu amigo é jovem, e se considera uma militante, e nós tivemos um breve debate acerca de *Nat Turner*, de Bill Styron, que eu sugeri a ela ler antes de condenar. Isto chocou um pouco a garota, cuja militância, como de muitos, tende a ser uma matéria de indigestível mito, propaganda e citações. Chocou também os outros, que não imaginavam que eu e um militante negro pudéssemos estar em desacordo com alguma coisa. Mas o mais surpreendente na nossa rápida discussão foi que a mesma indiretamente revelou quão pouco a menina respeitava o padrasto. Demonstrava não respeitá-lo de todo. Isto não foi revelado por alguma coisa que ela tivesse dito a ele, mas sim pelo fato de ela não dizer nada a ele. Ela mal o olhou. Ele não existia.

Eu sempre achei isto uma coisa terrível para acontecer a um homem, especialmente em sua própria casa, e sempre sinto piedade pelo homem a quem isto acontece. E claro, fica-se nervoso com o homem que permite que isso aconteça.

E *por que* tinha acontecido? Ele nunca tinha sido o menino mais brilhante do mundo, ninguém o é, mas tinha sido enérgico, ativo, divertido, esportista, submetendo-se alegremente a minha tirania mesmo até o ponto de se ajoelhar diante do altar e ter sua alma

salva — minha insistência tinha realizado isso. Olhei para ele e me lembrei de seu rosto bonito e suado naquela noite quando ele se debatia no chão da igreja, enquanto nós rezávamos por ele. Eu me lembrei do seu irmão mais velho que tinha morrido na Sicília, na luta pelo mundo livre — ele mal teve tempo de ver a Sicília antes de morrer e seguramente nunca viu o mundo livre. Eu me lembrei do dia em que ele veio me ver para me contar que sua irmã, que tinha estado doente, tinha morrido. Nós nos sentamos nos degraus da casa, ele estava olhando para baixo fazendo com o dedo círculos no degrau, quando me contou, e suas lágrimas manchavam a madeira. Nós éramos crianças, então, e sua irmã não era muito mais velha e ele era o caçula e agora o único menino. Mas isto não foi *porque* aquilo tinha acontecido, contudo, olhando o rosto de sua mãe, viúva, ainda muito simpática, a observá-lo, eu podia ver como suas necessidades humanas devem tê-lo tolhido e despersonalizado.

Ela foi costureira numa loja de roupas, durante todos aqueles anos em que os conheci, correndo para casa para pôr a comida na mesa antes do marido voltar do trabalho; à noite, e nos domingos, ele era um diácono; e Deus sabe, ou deveria saber, de onde vinha sua energia. Quando comecei a trabalhar no centro comercial de roupas feitas, costumava vê-la de vez em quando, correndo para pegar o ônibus, no meio da multidão de senhoras negras e porto-riquenhas.

Sim, nós tínhamos amado um ao outro. Eu tinha um grande respeito pelo meu amigo, que era mais bonito do que eu, e mais atlético, e mais popular, e que me vencia em todos os jogos em que eu estupidamente tentava disputar com ele. Eu tinha percorrido o meu caminho e a vida concluiu a sua inexorável matemática — e o que no mundo era eu agora, exceto um maduro, solitário, dubio sexualmente, ultrajado politicamente, indescritível aleijão instável? velho amigo dele. E o que era *ele* agora? trabalhava nos correios e estava construindo uma casa ao lado da casa de sua mãe. Eles também tinham, portanto, feito o mesmo. Mas o que eu não podia compreender era como nada parecia haver tocado esse homem. Nós estamos vivendo através daquilo que nossa igreja descreveu como “estes últimos e pecaminosos dias”, através de guerras e rumores de guerras, para dizer o mínimo. Ele podia, por exemplo, saber alguma coisa sobre o programa anti-pobreza, somente pelo fato de que sua esposa estava mais ou menos envolvida nisso. Ele deveria saber al-



guma coisa, enfim, sobre as ativas e violentas lutas universitárias, pelo simples fato de que sua enteada era uma estudante; e ela, querendo ou não, tinha tomado uma posição e estava certamente envolvida. Ela deve ter solicitado, pelo menos uma vez, um conselho ou uma ajuda dele. Mas não, ele parecia tão pouco tocado pelo cataclismo em sua própria casa e por tudo à sua volta, da mesma forma como estava com a correspondência que entregava todos os dias. Achei isto inacreditável, e fiquei, dado o meu temperamento e a nossa velha amizade, furioso. Entramos numa discussão sobre a guerra no Vietnã. Eu naturalmente não deveria ter permitido que tal acontecesse, mas a mesma foi, em parte, provocada pela sua enteada. E eu fiquei espantado que meu amigo pudesse defender esta tão extraordinária loucura racista. Por quê? pelo seu emprego no correio? E a resposta veio imediatamente, Meu Deus — sim. Pelo seu emprego no correio. Eu lhe disse que os americanos não tinham absolutamente nenhum direito de estar no Vietnã; e que aquele povo negro certamente não tinha negócios lá, auxiliando o mestre dos escravos a escravizar ainda mais milhões de negros e também se identificando com os crimes dos brancos americanos: nós, os negros, vamos precisar de nossos aliados, porque os americanos, por mais estranho que isto possa parecer no momento, no futuro não vão ter nenhum. Não era, disse eu, difícil entender porque um jovem negro, parado, sem perspectiva, na esquina, decidiria se alistar no exército, nem era difícil decifrar as razões dos senhores dos escravos que esperavam que ele não vivesse para voltar para casa com um rifle; mas não era necessário, afinal, defendê-lo: isto é, defender assassinato e assassino. “Espere um pouco” disse ele, “vou me levantar e vou lhe dizer o que eu acho que nós estamos tentando fazer lá” “Nós?” gritei, “nós a puta que o pariu. Levante-se seu filho de uma puta, e eu lhe darei um pé na bunda”

Ele olhou para mim. A mãe dele chocada — mas o Bom Deus sabe que eu a tinha magoado — porque ela não queria aquela linguagem em sua casa, e eu nunca tinha falado daquela maneira. Eu gosto dela. Não pretendia desrespeitá-la. Olhei fixamente para o meu amigo, o meu velho amigo, e senti milhões de pessoas fixando nós dois. Tentei fazer uma brincadeira. Mas era tarde demais. A maneira com que eles me olharam provou que eu tinha mostrado o meu jogo. E isto me deixou magoado. Eles deveriam me conhecer melhor, ou pelo menos, o suficientemente, para saber que eu disse o

que pretendia. Mas a reação geral para com as pessoas famosas que sustentam opinião difícil é que elas não podem realmente ser honestas. É considerada, geralmente, uma forma astuta de atrair a atenção do público, uma maneira de se fazer interessante: uma passeata em Montgomery, por exemplo, meramente (no meu caso) uma forma de vender os próprios livros. Bem, não há nada, portanto, para se dizer. Houve o amigável jantar de frango assado. Houve o maravilhoso passado. Eu olhava a mãe olhando-me, querendo saber o que tinha acontecido com o seu adorado Jimmy, e desistindo: sua amiga suspeita confirmada. Com um grande cansaço eu me servi de uma outra boa dose de bebida, agora definitivamente condenado, e acendi outro cigarro, com eles me olhando dos pés à cabeça à procura de sintomas de câncer, eu tinha vontade de cair num precipício.

Porque aquele maldito terno era o terno deles, afinal de contas, foi comprado para eles, tinha sido mesmo comprado por eles: eles tinham gerado Martin, e não este os tinha gerado e o sangue com que o tecido daquele terno estava engomado era deles. A distância entre nós, e eu nunca tinha pensado nisso antes, era que eles não sabiam disto, e agora ousei reconhecer que os amava mais do que eles me amavam. E não quero dizer que o meu amor era grandioso: quem ousa julgar o inexprimível sacrifício que alguém paga pela sua vida? Quem sabe o quanto alguém é amado, por quem, ou o que aquele amor pode ser exigido a fazer? Não, da maneira que as cartas tinham sido dadas, significava que eu tinha que saber mais sobre eles do que eles podiam saber sobre mim, saber o preço deles, embora eles não soubessem o meu, e eu estava condenado a deixá-los inconfortáveis, porque, certamente, por um outro lado, eles queriam aquela liberdade que, pensavam, era minha, aquela espantosa limusine, por exemplo, ou o privilégio de jogar um terno fora, ou minhas inúmeras e terríficas viagens transatlânticas. Como se pode dizer que esta liberdade é tomada, não dada, e ninguém é livre até que todos sejam livres, e que o preço é alto?

Meu amigo experimentou o terno, serviu perfeitamente, todos o admiraram, e eu fui para casa.

Bem, o tempo passa e passa. Passa para frente e passa para trás e carrega você junto, e ninguém no mundo inteiro sabe mais sobre o tempo do que isto: ele o carrega de um elemento que você não



compreende para um outro elemento de que você não se lembrará. Porém, alguma coisa se conserva — pode mesmo ser dito que alguma coisa vinga: a armadilha de nosso século, e o sujeito agora na nossa frente.

Eu saí de casa — Harlem — em 1942. Voltei, em 1946, para fazer, com um fotógrafo branco, um dos diversos esforços inéditos; tinha planejado casar, mas então percebi que não podia — ou não devia, o que vem dar na mesma — atirei o meu anel de noivado no Rio Hudson, deixei Nova York e fui para Paris, em 1948. Nessa época, claro, eu estava louco, tão louco como meu falecido pai. Seu eu não tivesse ficado louco, não poderia ter partido.

Eu quase morri de fome, em Paris, por uns tempos, mas aprendi alguma coisa: descobri que estava amando. Ou, com mais exatidão, percebi e aceitei pela primeira vez que o amor não era meramente uma comum, humana possibilidade, não era meramente o desastre que tinha sido tão freqüentemente, até então, para mim — de acordo comigo — nem era alguma coisa que acontecia com as outras pessoas, como morte, não era também meramente um perigo mortal: estava entre *minhas* possibilidades, porque aqui estava, respirando e arrotando do meu lado, e isto era a chave da vida. Não era meramente a chave de *minha* vida, mas da própria vida.

Meu amor não é assunto deste livro, e contudo, honestamente, vejo-me obrigado a colocá-lo entre os detalhes, porque acho — eu sei — que minha história seria muito diferente se o amor não tivesse me forçado experimentar a conhecer a mim mesmo. Estava diante das ciladas que a cor pode armar, porque as pessoas não se enamoram de acordo com a própria cor — isto pode vir como uma novidade para os nobres pioneiros e eloqüentes astronautas, para não mencionar a maior parte dos representantes da maior parte dos estados americanos — e quando discutem amantes, como de fato inevitavelmente eles fazem, não é sobre o grau da sua pigmentação que eles estão discutindo, e nem poderiam, os amantes, usar a cor como uma lança. Isto significa que um precisa aceitar a nudez do outro. E a nudez não tem cor: isto pode parecer novidade somente para aqueles que nunca cobriram, ou foram cobertos por, um ser humano nu.

De qualquer forma, então, o mundo muda, e muda para sempre. Porque se você ama um ser humano, você vê o mundo diferen-

te da maneira pela qual você o tinha visto antes — talvez, eu só pretendia dizer que você começa a ver — e ambos são mais fortes e mais vulneráveis, ambos livres e amarrados. Livre, paradoxalmente, porque, agora, você tem uma casa — os braços de seu amante. E amarrado: para aquele mistério, precisamente, uma amarra que o liberta para alguma coisa da glória e do sofrimento do mundo.

Tinha ido para Paris sem dinheiro e isto significava que naqueles primeiros anos eu vivi principalmente entre *les misérables* — e, em Paris, *les misérables* são argelinos. Eles dormiam em quatro ou cinco ou seis num quarto, e dormiam em turnos, eram tratados como sujeitos, e se sustentavam como podiam, com os detritos das ruas de Paris. Os franceses os chamavam de preguiçosos, porque eles pareciam passar a maior parte do tempo sentados nos seus cafés, bebendo chá. Mas eles não eram preguiçosos. Na maioria das vezes, eram incapazes de encontrar trabalho, e os seus quartos eram gelados. (Estudantes franceses passavam a maior parte do tempo nos cafés, também pela mesma razão, mas ninguém os chamava de preguiçosos). Os cafés árabes são aquecidos e baratos, e eles estavam juntos lá. E, embora falassem francês, e tivessem sido, de certa forma, gerados pela França, não se sentiam em casa, em Paris, não mais em casa do que eu, embora por razões diferentes. Eles lembravam uma opulência de paladar, tato, água, sol, como dificilmente imaginei, e não tinham vindo para a França para ficar. Um dia voltariam para sua própria terra e eles sabiam exatamente onde era esta terra. Eles, deste modo, intimamente sabiam que nunca se renderiam à França. Mas pelo meu lado, ou então isto parecia para mim, nós nos tínhamos rendido a todas as coisas, ou todas as coisas tinham sido levadas embora, e não havia lugar para irmos: nós *estávamos* em casa. Os árabes estavam juntos em Paris, mas os negros americanos estavam sozinhos. A pobreza argelina era absoluta, seus estratagemas rígidos, suas personalidades, para mim, incompreensíveis, o presente deles cruel e o futuro, certamente, ainda mais: e contudo, a situação deles era muito mais coerente do que a minha. Eu não direito que os invejava, porque não invejava, e a retidão de sua ambição ou ambições intimidava-me; mas eu os respeitava, e como comecei a observar o que sua história tinha feito deles, comecei a suspeitar, de alguma maneira, o que a minha história tinha feito de mim.

Os franceses estavam ainda lutando desesperadamente na Indochina, quando cheguei à França, e eu estava morando em Paris quan-



do Dien Bien Phu caiu. Os mascates e vendedores de amendoim, argelinos, que trabalhavam nas ruas de Paris, na época, não tinham absolutamente a mais remota ligação com mais esta crucial reviravolta francesa; e portanto, a atitude da polícia, que sempre fora ameaçadora, começou a ser ainda mais falsa e vingativa. Isto confundiu-me no começo, mas não deveria. Esta é a maneira como o povo reage com a perda do império — porque a perda de um império implica numa radical revisão da identidade individual — e eu vi a mesma coisa, muitas e muitas vezes, não somente na França. Os árabes não eram uma parte da Indochina, mas eles *eram* parte de um império que estava visível e rapidamente se desmoronando, e parte da história que estava completando, no sentido mais literal e assustador, seu *dénouement* — estava se revelando, isto é não sendo absolutamente o mito que os franceses tinham feito dela — e a autoridade francesa que governava sobre eles estava sendo mais violentamente contestada a cada hora. A autoridade provocada, impossibilitada de se justificar, e de fato nem mesmo sonhando tentar, simplesmente aumentava sua força. Isto teve o resultado interessante de revelar como a assustada autoridade francesa tinha se tornado, e muitos sul-africanos, então, resolveram, *coûte que coûte*, trazer para o francês um outro Dien Bien Phu.

Algo me chocou, algo que eu estava para ver mais de perto em meu próprio país. Os franceses estavam feridos e receosos de que sua administração pudesse ser questionada, especialmente, por aqueles que eles governavam, e se, nisto eles não eram muito originais, eram excessivamente enérgicos. Afinal, como eles continuamente proclamavam, não existia nada naquelas colônias antes de eles chegarem lá, nada absolutamente: mesmo os magros recursos minerais ou petróleo que deveriam ter havido não traziam aos nativos nada de bom, porque os nativos nem mesmo sabiam que essas coisas estavam lá, ou para quê elas estavam lá. Conseqüentemente, a exploração dos recursos da colônia foi feita para o bem dos nativos: e portanto, os franceses se tornaram tão orgulhosos daquilo que trouxeram para dentro da colônia, que teria sido o cúmulo de falta de boas maneiras perguntar o que eles levaram. (Eu estava para ver mais tarde como esta bela troca funcionou quando visitei o Senegal e a Guiné).

É estranho a gente se encontrar, num outro país, numa outra língua, ouvindo o mesmo velho som e ouvindo a si mesmo condena-

do na mesma velha maneira. Os franceses (por exemplo) sempre tiveram boas relações com os seus nativos, e tinham milhares de anedotas para provar isso. (Eu nunca encontrei um nativo que tivesse colaborado nessas anedotas, mas, também, eu nunca encontrei um africano que não detestasse o Dr. Schweitzer). Eles citavam os hospitais construídos, e as escolas — eu estava para ver, também, algumas dessas coisas mais tarde. No começo, eles sempre, por um instante, ficavam apreensivos pela cor de minha pele, ou alguma expressão no meu rosto, ou talvez, eu dizia alguma coisa que os deixava inquietos, ou devia, arbitrariamente (não havia razão para supor que eles me desejassem), reivindicar parentesco com os árabes. Então, era-me dito, com um sorriso generoso, que eu era diferente: *le noir Americain est très évolué, voyons!* Mas os árabes não eram como eu, eles não eram “civilizados” como eu. Era um pouco chocante ouvir-me descrito como civilizado, mas o abraço ansiado por tanto tempo, tinha, meu Deus, sido dado muito tarde, e eu estava fascinado por uma das diversas incongruências. Eu nunca tinha ouvido um francês descrever os Estados Unidos como civilizado, nem mesmo aqueles que gostavam da América. Claro, eu acho que a verdade é que os franceses não consideram que no mundo haja outra nação tão civilizada quanto a França. Mas deixando isso de lado, se uma nação tão crua como os Estados Unidos pode produzir tão gloriosa e tão civilizada criatura como eu, como foi que os franceses, com séculos de civilizada graça, tinham sido incapazes de civilizar os árabes? Eu pensei que isso fosse uma questão manhosa, mas estava errado, porque a resposta é muito simples: os árabes não desejam ser civilizados. Oh, não era possível para um Americano compreender este povo assim como os franceses compreendiam: afinal de contas, eles tinham estado satisfatoriamente juntos quase cento e trinta anos. Mas eles, os árabes, tinham seus costumes, seus dialetos, línguas, tribos, regiões, outra religião, ou, talvez, muitas religiões — e os franceses não eram *racistas*, como os americanos, eles não pensavam em destruir culturas indígenas. E nessa época, também o árabe estava sempre escondendo alguma coisa; não se podia adivinhar o que ele estava pensando e não se podia acreditar naquilo que ele estava dizendo. E eles têm uma atitude diferente em relação às mulheres, são muito brutais com elas, enfim, violavam, e eram ladrões, e carregavam facas. Mas os franceses suportaram isto por mais de cem anos e estavam dispostos a suportar outro tanto, a despeito de que



a Argélia era um grande peso na bolsa nacional e o fato de que qualquer argelino — devido ao fato de que a Argélia era francesa, na verdade, um *département* francês, e amaldiçoadamente ia continuar daquela maneira — era livre para vir a Paris a qualquer momento, pôr em perigo a economia e perambular pelas ruas molestando as mulheres francesas. Enfim, o recorde da generosidade francesa era tão exemplar que era impossível acreditar que as crianças pudessem seriamente ter tendência à revolução.

Impossível para um francês, talvez, mas não para mim. Eu tinha visto a polícia, numa tarde ensolarada, bater num velho árabe aleijado, vendedor de amendoim, deixando-o inconsciente na rua; e eu observei as caras indiferentes dos franceses nos terraços dos cafés, e as congestionadas caras dos árabes. Sim, eu podia acreditar nisso; e aconteceu.

Não sem aviso, e não sem precedente; mas a não ser poetas, já que eles precisam desenterrar e recriar a estória, ninguém jamais aprendeu alguma coisa disso.

Eu voltei para Nova York em 1952, depois de ficar quatro anos fora, no auge de uma convulsão nacional chamada Macartismo\*. Esta convulsão não me surpreendeu, porque acho que não seria possível os americanos me surpreenderem ainda mais; mas era muito assustador, de muitas formas, e por muitas razões. Eu percebi que estava salvo de uma direta — ou, mais explicitamente, pública — exposição dos inquisidores americanos somente por minha cor, minha obscuridade e minha comparativa juventude; ou, em outras palavras, pela falta de imaginação por parte deles. Eu era apenas uma sombra jovem demais para ter um reconhecimento legal e politicamente histórico. Um menino de treze anos é um menor, e, para os olhos da República, se ele é negro e vive num gueto de negros, nasceu para carregar pacotes; mas de fato, aos treze anos, eu já era um simpaticante do comunismo. Participei de uma passeata de 1º de Maio, carregando bandeiras e gritando, *proprietários, nós queremos os cortiços eliminados da cidade!* Eu não sabia coisa alguma sobre Comunismo, mas sabia um monte sobre cortiço. Nessa época eu tinha dezenove anos, era um trotskista, tendo aprendido uma porção de

\* Perseguição anti-comunista encabeçada pelo Senador McCarthy. (N. do T.)

coisas até então, e se não sobre Comunismo, ao menos sobre Stalinistas. O distúrbio me parecia muito irônico porque eu tinha sido um anti-comunista quando a América e a Rússia eram aliadas. Eu quase fui assassinado na 14ª Rua, uma noite, por depreciar muito ruidosamente, na presença dos patriotas, aquela memorável contribuição resultante da Guerra, a Warner Brothers que produziu *Missão em Moscou*. Os mesmos patriotas agora queriam queimar o filme e enforcar os produtores. E a Warners, durante a época de McCarthy, teve grandes problemas para explicar o filme no exterior. A Warners era desprezível, e também quase todo mundo o era, era um tempo nojento e ignóbil; e meu desprezo pela maioria dos intelectuais americanos, e/ou liberais, começou quando passei a observar a humanidade deles nesse tempo. Eu digo a maior parte, não todos, mas as exceções constituem um notável panteão, especialmente aqueles que não sobreviveram às chamas a que suas vidas e reputações foram atiradas. Eu tinha vindo para uma cidade em que quase todas as pessoas estavam correndo desajeitadamente em busca de refúgio, onde amigos estavam atirando os amigos para os lobos, e justificando sua traição com doutos discursos (e imensos tomos) sobre a traição do Komintern. Algumas das coisas escritas nesses anos, justificando, por exemplo, a execução dos Rosenbergs\*, ou a crucificação de Alger Hiss (e a beatificação de Whittaker Chambers) ensinaram-me muito sobre a irresponsabilidade e covardia da comunidade liberal, que nunca esquecerei. O desempenho deles, ainda mais do que a combinação de ignorância e arrogância com que esta comunidade tinha sempre protegido a si mesma contra as mais profundas implicações do sofrimento negro, persuadiu-me de que aquele brilhantismo sem paixão não é mais do que esterilidade. É preciso ser lembrado, afinal de contas, que não comecei a encontrar aquela gente no ponto em que eles começaram a me encontrar. Eu entreguei seus pacotes e esvaziei seus refugos e recebi suas gorjetas durante anos. (E eles não dão boas gorjetas). E o que vi fazerem para si próprios durante a época de McCarthy era, de alguma forma, pior do que qualquer coisa que eles jamais me fizeram; eu, pelo menos, não fui suficientemente louco para depender da devoção deles. Parece-me muito

\* Casal americano executado na cadeira elétrica por acusação de espionagem (N. do T.).



claro que eles não eram honestos para com eles mesmos e estavam sendo chantageados pela própria culpa; eram, na verdade, nada mais do que a respeitável descendência de vários imigrantes, lutando para segurar aquilo que haviam conquistado. Porque, atividade intelectual, para mim, é, e precisa ser, desinteressada — a verdade é uma espada de dois gumes — e se não se está disposto a ser trespassado por essa espada, ainda que seja ao extremo de morrer, então toda esta atividade intelectual é uma ilusão masturbadora e uma fraude perversa e perigosa.

Eu desenvolvi tais atividades para que pudesse entender o que estava acontecendo, e me manter flutuando. Mas eu tinha estado fora muito tempo. Não era somente que não *podia* me readaptar à vida em Nova York — eram também que não *queria*: eu nunca mais seria de novo o negro de alguém. Mas eu estava, então, para descobrir que o mundo tem mais de uma maneira de nos conservar negro, que desenvolveu mais de uma maneira de atingir um objetivo; e se a mão escorrega aqui, ela aperta ali, e agora me puxavam o saco: sócio de um clube, almoços nos restaurantes elegantes, jantares nos clubes reservados. Eu tentei ser compreensivo com o interesse dos meus compatriotas tão preocupados comigo e com meu grupo turbulento — e *estava* realmente tentando ser compreensivo, embora não sem alguma confusão, e, eventualmente alguma malícia. Eu passei a me sentir terrivelmente incôfortável. Era uma estranha forma de desconforto, uma espantosa apreensão de que tinha perdido minha direção. Eu não compreendia completamente o que estava ouvindo. Eu não acreditava naquilo que me ouvia dizendo. Do muito pouco que ouvia, não ouvia nada que refletisse algo que eu soubesse da vida, ou tinha dela preservado. Minha mãe, meu pai, meus irmãos e minhas irmãs não estavam presentes à mesa que eu me sentava, e ninguém no grupo tinha ouvido falar deles. Meus próprios princípios, ou instintos, começaram a mudar tão nervosamente como a fumaça do cigarro que flutuava em volta de minha cabeça. Eu não estava procurando me agarrar à minha miséria. Ao contrário, se minha pobreza estava chegando a um fim, muito melhor, e não estava acontecendo um momento mais cedo — e ainda, eu sentia um calafrio aumentando com o pensamento de que o resto de minha vida teria que ser vivida em silêncio.

Eu acho que deve ter sido minha própria obsessão com o fenômeno McCarthy que me levou a suspeitar da impotência e narcisis-

mo de muitas pessoas cujos nomes eu tinha respeitado. Nunca havia tido uma ocasião de julgá-los, por assim dizer, intimamente. Para mim, McCarthy, simplesmente, era um covarde e um fanfarrão, sem direito à honra, ou algum direito a uma atenção honrosa. Para mim, enfaticamente, esta dúbia moeda *não* tinha dois lados, e com relação ao seu maligno e perigoso efeito, não podia absolutamente haver *questão*. Além disso, eles passavam horas debatendo se McCarthy era ou não um inimigo das liberdades nacionais. Eu não devia, mas gostaria de saber que concebível proveito adicional eles estavam esperando. Eu pensei nos judeus alemães sentados e discutindo se Hitler era ou não uma ameaça para a vida deles, até que o debate era sumariamente resolvido por uma pancada na porta. Todavia, este debate intelectual-liberal, instruído e civilizado, fervia no seu vácuo, enquanto cada hora trazia mais infortúnio e confusão — e desonra — para o país que clamava amor. O pretexto para tudo isto, naturalmente, era a necessidade do “controle” comunista e que, como eles descaradamente me informaram, era uma ameaça para o mundo “livre”. Eu não disse até que ponto este mundo livre era uma ameaça para mim, e para milhões como eu. Mas gostaria de saber como uma tirania ruidosa e estúpida, em qualquer nível social ou cultural, podia agir nos interesses da liberdade, ou que urgências íntimas e impronunciáveis deste povo fizeram necessária uma desilusão tão completamente sem atrativos. Eu queria saber o que eles realmente sentiam a respeito da vida humana, porque eles estavam tão chocados e disfarçavam com soluções, que pareciam não ter mais nenhuma conexão com a vida humana.

Todos estavam, de uma maneira ou de outra, orgulhosos de mim, claro, orgulhosos porque eu tinha sido capaz de arrastar-me até o nível deles e sido “aceito”. O que eu devia pensar do nível deles, como devia reagir a esta “aceitação”, ou o que esta aceitação devia me custar, não estava entre as questões que eles se formulavam quando iam para a cama. Gostaria de saber se alguma coisa podia jamais perturbar o sono deles. Afinal de contas, eles caminhavam pelas mesmas ruas que eu caminhava, pegavam os mesmos metrô, deviam ver os mesmos rapazes e moças desesperados e hostis, deviam ao menos, ocasionalmente, passar pelo centro comercial. É verdade que mesmo aqueles que ensinaram na Colúmbia nunca viram o Harlem, mas por outro lado, tudo o que Nova York veio a ser, em 1971,



era evidente e rapidamente começou a acontecer em 1952: era apenas necessário tomar um ônibus no alto da cidade e atravessá-la para ver como estava se enegrecendo e se deteriorando, como a hostilidade e a confusão humana estavam crescendo, como o contato humano estava comprometido e agonizante. Mas claro, aqueles liberais não eram encon- trados pela polícia, como eu sempre era, na vizinhança "errada", e portanto, não podiam ter conhecimento, de primeira mão, da ma- neira liberal com que um policial traduz as ordens que recebe de ci- ma. Mas eles não tinham direito de desconhecer: se desconhecassem, não sabiam nada e não teriam direito de falar, como se fossem peças responsáveis na sociedade deles; porque a sua cumplicidade com os patriotas daquela hora significava também que o policial estava atuando sob as ordens deles.

Não, eu não podia tolerar isso. Quando meu primeiro roman- ce foi finalmente vendido, recebi uma parte adiantada e fui direta- mente comprar uma passagem de navio. E voltei para a França.

---

Eu situo isto aqui, embora tenha ocorrido mais tarde: uma noite, eu me encontrava numa sala, com meus amigos liberais, após uma sessão privada de um filme francês, "O Salário do Medo". A dis- cussão era sobre se este filme deveria ou não ser exibido nos Estados Unidos. O motivo dessa discussão era porque o filme continha refe- rências desfavoráveis às companhias de petróleo americanas. Eu real- mente não sei se disse alguma coisa, ou não; duvido que pudesse ter dito muito. Eu me sentia paralisado, fascinado, como um coelho dian- te de uma cobra. Na verdade, eu já havia visto o filme na Fran- ça. Não me ocorreu, ou a qualquer um que eu conhecesse, que aque- le filme fosse, mesmo remotamente, anti-americano: era impossí- vel imaginar isto como o *motivo* do filme. Então, aqui estavam os patriotas de outono, discutindo inflamadamente os perigos de um fil- me, que ousava sugerir que os interesses americanos no petróleo caga- vam para a vida humana. Havia uma francesa na sala, calada, amar- ga, já um pouco madura. Ela podia ou não ter sido a viúva de um General vichyista\*, mas as suas simpatias pendiam para esse lado: e eu nunca vou esquecer o que ela disse, olhando diretamente para

---

\* Favorável ao Governo fascista de Vichy, que na 2ª Grande Guerra cola- borou com os alemães. (N. do T.).

mim: — "Nós sempre soubemos que vocês, os americanos, iriam per- ceber um dia, que lutavam do lado errado!"

Eu tinha vergonha de mim mesmo por estar naquela sala: mas também, preciso dizer, estava feliz, feliz por ter sido uma testemu- nha, feliz por ter vindo de tão longe para ouvir aquelas palavras diabólicas. Aquela mulher me deu alguma coisa, nunca vou esque- cê-la, e caminhei me afastando daquela mesa hospitaleira.

Não obstante a esperança — a esperança de que nós, seres hu- manos, possamos ser melhor do que somos — dificilmente morre; provavelmente nenhuma pessoa poderia viver muito se deixasse essa esperança morrer. Mas também é difícil ver aquilo que se vê. E o que se vê é que a maior parte dos seres humanos é desgraçada, e de uma maneira ou de outra acaba se tornando perversa: porque eles são tão desgraçados. E se se volta, então, para aquilo que eu chamei de mesa hospitaleira, movido por algum misterioso juramento, difícil- mente se sabe o que se fez — ninguém nunca deve se permitir cair tão baixo. Mais baixo, talvez, muito mais baixo, quase até aos refugos mas nunca aí.

---

Quando voltei para Paris no fim do verão, a maior parte dos cafés árabes que eu conhecia tinha sido fechada. O meu cambista fa- vorito e meu guia do baixo mundo, um belíssimo vigarista de pe- dras preciosas, tinha sumido, ninguém sabia — ou ninguém disse — para onde. Um outro gajo teve os olhos furados — alguns disseram que pela polícia, outros, que pelos seus irmãos, porque ele era um in- formante desta. Enfim, aquele menino lindo e cego que tinha sido punido ou como traidor da França ou como um traidor da Argélia, e- vaporou do clima de Paris nos anos que precederam a revolução. Era preciso ser ou francês ou argelino; ninguém podia ser ambos.

Começou, então, um rumoroso tempo, diferente de tudo aqui- lo que eu havia visto antes. De alguma forma, eu estava isolado da- quilo que estava acontecendo aos argelinos, ou estava ciente disto de uma certa distância, porque o que estava acontecendo com os arge- linos parecia não estar acontecendo com os negros. Eu estava ainda o- perando, inconscientemente, dentro da estrutura americana, e, nes- sa estrutura, desde que os árabes são mais descorados do que os ne- gros, estes deveriam ter sofrido mais. Mas os negros, de Martinica e Senegal etc., estavam tão visíveis e ativos como sempre estiveram, e



ninguém parecia molestá-los ou prestar alguma atenção mais particular a eles. Não somente eu estava operando intimamente com o sistema de referência americana, como era também um membro da colônia americana, e nós éramos, em geral, vagarosos para perceber o que estava acontecendo à nossa volta.

No entanto, comecei a perceber que não podia achar *nenhum* dos argelinos que conhecia, nem um; e desde que não podia achar um, não havia meio de perguntar sobre os outros. Eles não estavam em nenhuma das espeluncas que nós havíamos freqüentado, tinham, aparentemente, abandonado seus quartos, seus cafês, como disse, estavam fechados, e eles não eram mais vistos nas calçadas de Paris, trocando dinheiro, ou vendendo seus tapetes, seus amendoins, ou a si mesmos. Comentava-se que haviam sido mandados para os campos em volta de Paris, que estavam sendo torturados lá, que estavam sendo assassinados. Ninguém queria acreditar nesses boatos, isso nos deixava extremamente desconfortáveis, e sentíamos que devíamos fazer alguma coisa, mas não havia nada que pudéssemos fazer. Começamos a sentir que devia haver alguma verdade nesses pálidos e vagos rumores: uma mulher me disse ter visto um argelino apanhar do proprietário de um café de Pigalle e ser jogado *pela* porta de vidro fechada. Se ela não foi uma testemunha de um assassinato, ela certamente foi testemunha de um atentado de morte. E, de fato, os argelinos *estavam* sendo assassinados nas ruas, e encurralados em prisões, e sendo jogados no Sena, como moscas.

Não somente argelinos. Qualquer um em Paris, naqueles anos, que não fosse reconhecidamente do norte da Europa, era suspeito de ser argelino e a polícia estava na esquina de todas as ruas, algumas vezes armada de metralhadora. Turcos, gregos, espanhóis, judeus, italianos, americanos negros, e franceses de Marselha, ou de Nice, estavam constantemente sendo molestados, e nós nunca saberemos quantas pessoas, que não tinham a mais remota conexão com a Argélia, foram jogadas em prisões, ou assassinadas, de certo modo, por acidente. O filho de um famoso ator, e ele mesmo, também ator, mulato, e não falando francês — impossibilitado mesmo de falar, pelo simples fato de que um policial tinha um revólver apontado para ele — foi salvo apenas porque estava bastante próximo do seu hotel para gritar pelo porteiro da noite, que veio correndo e o identi-

cou. Dois jovens italianos não se saíram tão bem: correndo alegremente numa Vespa, não puderam responder a ordem de um policial para parar, conseqüentemente, o policial atirou, e as férias deles tiveram um fim sangrento. Todo mundo sabia montes de histórias como essas, que eventualmente, começaram a aparecer nos jornais, e era preciso ser muito cuidadoso para se andar nessa fabulosa cidade-luz.

Eu nunca havia, graças a Deus — e certamente não só uma vez me encontrei vivendo lá — sido muito romântico a respeito de Paris. Talvez tenha sido romântico a respeito de Londres — por causa de Charles Dickens — mas o romance não durou mais do que o tempo que levei para carregar minhas malas para fora de Victoria Station. Minha jornada, ou minha fuga, não tinha sido *a* Paris, mas simplesmente *fora* da América. Por exemplo, eu pensava seriamente ir trabalhar num *kibbutz* em Israel, e no entanto, terminei em Paris, quase literalmente, fechando meus olhos e pondo um dedo sobre o mapa. Contudo, não fiquei tão desmoralizado com tudo isto, como certamente teria ficado, se tivesse cometido o erro de considerar Paris a mais civilizada das cidades e os franceses como o menos primitivo dos povos. Eu sabia muito a respeito da Revolução Francesa para isso. Eu tinha lido demais Balzac para isso. Sempre que atravessava La Place de La Concorde, ouvia as carroças chegando, e o rumor do populacho, e onde havia os obeliscos e agora torres, eu via — e vejo — *la guillotine*. Qualquer um que tenha estado sob a mercê do povo, nessa época, e sabe alguma coisa horrível sobre nós, irá sempre suspeitar do patriotismo popular, e evitar mesmo o mais social dos plebeus.

Portanto, minha fuga tinha sido ditada pela minha esperança de encontrar um lugar onde eu seria tratado mais humanamente do que a minha sociedade tinha me tratado em minha terra, onde meus riscos fossem mais pessoais, e o meu destino menos austeramente selado. E Paris fez isto para mim: deixando-me completamente sozinho. Eu vivi em Paris por um longo tempo sem fazer um só amigo francês, e, muito mais tempo ainda, antes de ver o interior de uma casa francesa. Mas isto realmente não me chateou, mesmo porque Henry James tinha estado aqui antes e teve a generosidade de me dar as dicas. Além do mais, para um jovem negro que tinha crescido com o



auxílio de assistência nacional e a benevolência de merda dos liberais americanos, esta indiferença total veio como um grande alívio e, mesmo, como uma marca de respeito. Se eu pudesse vencer, então, muito melhor. E se não pudesse, não podia — tanto pior. Eu não queria nenhuma ajuda, e os franceses, certamente, não me deram nenhuma — eles deixaram-me só; e por essa razão, mesmo sabendo o que sei, e tão sem romantismo como sou, haverá sempre uma espécie de estória de amor entre mim e aquela coleção singular e sem predicado de burgueses chauvinistas que chama a si mesma *la France*.

Ou, em outras palavras, minhas razões para vir para a França, e a comparativa liberdade de minha vida em Paris, significavam que minha atitude em relação à França era muito diferente daquela de qualquer argelino. Ele e seus irmãos estavam, na verdade, sendo assassinados por meus anfitriões. E a Argélia, afinal de contas, é uma parte da África, e a França, afinal de contas, é uma parte da Europa: aquela Europa que invadiu e devastou o continente africano, que trucidou os nativos que não pôde escravizar aquela Europa, da qual, na verdade, a África tinha ainda que se libertar. O fato de nunca ter visto um cortiço argelino não era mais significativo antes deste inadequado panorama, do que o fato dos argelinos nunca terem visto o Harlem. Os argelinos e eu éramos semelhantes, vítimas desta história, e eu era ainda uma parte da África, mesmo tendo sido transportado para fora dela, aproximadamente quatrocentos anos atrás.

A questão da minha identidade nunca havia sido antes tão crucialmente aliada com a realidade — a sentença — da escolha moral. A indescritível inconveniência da escolha moral é que ela é, por definição, arbitrária — embora soe tão grandiosa — inacreditável na aparência, e não se justifica. Minha reação, no caso presente, era inacreditável, não somente por causa da minha ignorância do mundo árabe, mas porque eu não podia afetar o destino deles de nenhuma forma. E no entanto, o destino deles estava, de alguma forma, ligado ao meu, a luta deles não era somente deles, era minha também. Passou a ser uma questão de honra para mim não tentar evitar esta pesada realidade.

E, além disso — ainda que fosse mais verdadeiro no princípio do que era na realidade, como tive ocasião de aprender — minha vida em Paris estava até certo ponto protegida pelo fato de que eu carregava um passaporte verde. Este passaporte proclamava que eu era um cidadão livre, de um país livre, e não devia, portanto, ser tra-

tado como alguém das possessões negras incivilizadas da Europa. Este mesmo passaporte, do outro lado do oceano, resistia e proclamava que eu não era um príncipe africano, mas um negro nacional e que nenhum governo estrangeiro seria ofendido se meu cadáver fosse encontrado boiando em algum canal. Eu nunca tive ocasião de refletir sobre a brilhante estratégia branca: os negros não se conhecem um ao outro, mal podem falar um com o outro, e além disso, dificilmente poderiam confiar um no outro — e, no entanto, a qualquer lugar que vamos, nos encontramos em territórios de brancos, e à mercê dos homens brancos. Quatrocentos anos no ocidente fizeram de mim um ocidental — não há dúvida quanto a isso. Mas quatrocentos anos no ocidente não foram suficientes para me deixar branco — não há dúvida quanto a isso também, — e minha estória no ocidente tinha-me, por seu efeito diário, colocado num perigo mortal, que me obrigou a fazer uma grande viagem até a França. E se eu tivesse ido para Israel, um estado criado para proteger os interesses ocidentais, eu teria estado num laço apertado: em que parte de Jerusalém eu teria decidido viver? Em 1948, nenhuma nação africana, como era, precisaria de, ou receberia bem, um negro americano *duro*, exceto talvez a Libéria. Mas, mesmo com os negros do além-mar, eu não teria ficado muito tempo nas plantações de borracha da Firestone.

Eu disse que era quase inteiramente ignorante a respeito dos detalhes da complexidade franco-argelina, mas estava disposto a corrigir esta ignorância; e um dos meios que eu estava usando levou-me a fazer um fichário com os pronunciamentos editoriais feitos por Albert Camus, nas páginas de um jornal político, o *Combat*. Camus nasceu em Oran, que é o cenário de seu primeiro romance. *O Estrangeiro*. Ele pode ser descrito, talvez, como um humanista radical; ele era jovem, lúcido, e não era ilógico dizer que traria — juntamente com a autoridade de conhecimento da terra onde nasceu — algumas dessas qualidades para influenciar sua compreensão no conflito franco-argelino. A minha consideração por ele era a mesma que tinha por outros escritores, mas estava perplexo pelo fato de que, para Camus, o humanismo europeu parecia acabar nos portões da Europa: e no entanto, Camus, que estava consagrado a liberdade, no caso dos europeus, pôde somente falar de “justiça” no caso da Argélia. Mas segu-



ramente, devia saber, deve ter visto com os próprios olhos alguns dos resultados da “justiça” francesa na Argélia. (“Um meio legal,” disse um africano, “de administrar injustiça”). Dados os preceitos pelos quais ele baseou seus discursos eloqüentes em relação aos problemas de liberdade individual, ele devia ter visto que a luta dos argelinos era, simplesmente, pelo fato de que a França recusava dar aos argelinos o direito de estarem errados; recusava permitir-lhes aquela situação, por assim dizer, “existencialista”, da qual os franceses, por uma temporada, estiveram tão enamorados; ou, mais exatamente, nem mesmo ousou imaginar que a situação argelina podia ser “existencialista”; precisamente porque a situação francesa estava tão extremista. Não havia maneira de ele não saber que a Argélia era francesa somente porque o poderio francês a decretou francesa. Existia no mapa europeu somente porque o poderio europeu a colocou ali. É força, não justiça, que continuou refazendo o mapa, e os argelinos não estavam lutando contra a França por justiça (visto que eles já deviam estar cheios disso por essa época) mas pelo poder de conduzir os seus próprios destinos. Foi durante essa época que Camus traduziu e dirigiu, para o Teatro Mathurin, em Paris, a peça de William Faulkner, “Réquiem para uma Freira”, e uma revista americana me pediu para assisti-la. Eu não teria ido, naturalmente, porque havia visto a peça em Nova York, e lido o livro, e achado a fábula de Faulkner uma chatice absurda. Mas eu me arrastei até o Teatro Mathurin para assisti-la, levando junto uma encantadora senhora amiga. E nós sofremos de ponta a ponta com os intermináveis e excêntricos pecados de uma senhora branca sulista, com o seu marido bobalhão e com Nancy, a negra-prostituta-toxicômana empregada. Nancy, a fim de prevenir a autodestruição em que a sua ama rapidamente se precipitava — para trazê-la à razão — mata o filho desta senhora branca. Parece uma maneira estranha de curar uma doença, mas Nancy, é na verdade, a figura de Cristo, e tomou para si os pecados de sua ama.

Por quê? Nancy tem os seus próprios pecados em número suficiente, e estes, no conjunto, parecem ser quase mais interessantes, e a senhora para qual ela emprega meios tão drásticos de salvação é estúpida demais, fala demais — numa palavra, é irreal demais — para merecer tal preocupação.

A chave de uma estória é achar nela quem a conte; portanto, pensei que podia ver porque Faulkner necessitou acreditar num per-

dão negro, e, além do mais, se alguém se põe à parte daquilo que Faulkner deseja que entendamos, dificilmente isto poderia ser distinguido do mais sanguinário, da mais clássica vingança do Velho Testamento. O que Faulkner deseja que acreditemos, e o que ele deseja acreditar, está em guerra com o que ele fatalmente suspeita. Ele presume que a negra Nancy podia ter assassinado o bebê branco dos Temples por causa de um ódio puro e exasperante. Na vida, contudo, isto dificilmente importaria: o perdão de Nancy, ou a vingança de Nancy, resulta, enfim, em infanticídio; e é esta tensão entre esperança e terror, esta tomada de pânico, esta incapacidade de compreender o significado do evento, que condena a peça a uma turgescência insuportável. Eu percebia porque Faulkner precisava de Nancy: mas porque Camus precisava de Faulkner? Em que terra se encontraram, o espírito do grande e maduro novelista de Mississipi, e o espírito do jovem escritor de Oran?

Nenhum deles poderia ser descrito exatamente como racista, a despeito da intenção de Faulkner de atirar em negros nas ruas se ele achasse isso necessário para a salvação do Estado do Mississipi. Esta declaração tinha que ser lida como um excesso de patriotismo, inco mum no caso de Faulkner, para conduzir a qualquer ação mais afastada. O dano da citação repousa no fato de que certamente encorajou outros a tais ações. E os retratos dos Negros de Faulkner, os quais carecem de nuances que, talvez, só um escritor negro pode ver na vida negra — porque Faulkner podia ver Negros somente tal como eles lhe contavam, não como eles contavam um para o outro — são todavia feitos cheios de vida pelo tormento do seu criador. Ele está procurando exorcizar uma história que é também uma maldição. Ele quer a velha ordem, que vinha na existência por causa da voracidade não controlada e do crime ousado, para redimi-la sem mais carnificina — sem, é isto, sem mais ameaçá-la — e sem coerção. As velhas ordens nunca podem se redimir porque sempre existiram em relação a uma força que possuíam para conquistar. Esta subjugação é a chave, é a identidade deles e o triunfo e a justificação da estória deles, e é também, nesta contínua subjugação, que o bem-estar deles depende. Qualquer um pode ver que a história, que é indivisível de si mesma, tem estado cheia de erros e excessos; mas não é a mesma coisa ver que, para milhões de pessoas, esta história — a própria — não foi nada, exceto um jugo intolerável, uma prisão fedida, um gritante



túmulo. Não é muito fácil ver que, para milhões de pessoas, a própria vida depende da demolição mais rápida possível desta história, mesmo se isto significar o nivelamento ou a destruição de sua herança. E qualquer coisa que esta história possa ter dado aos subjugados é absolutamente sem valor, desde que eles nunca foram livres para rejeitá-la; nunca serão nem mesmo capazes de avaliá-la até que estejam livres para tomar dela o que necessitam, e acrescentar a ela o fato monumental de suas presenças. Os sul-africanos das minas de carvão, ou os africanos que arrancam raízes dos arbustos, ou os pedreiros argelinos que trabalham em Paris, não têm razão para se curvarem diante de Shakespeare, ou Descartes, ou da Abadia de Westminster, ou da Catedral de Chartres: eles tem estes antigos monumentos introduzidos em sua atenção, mas não tem um acesso honrado a eles. A percepção desta história não pode deixar de revelar-lhes que têm sido roubados, maltratados e rejeitados: dobrar-se diante daquela história é aceitar a arrogância e o julgamento injusto da mesma.

Isto é porque, ultimamente, todas as tentativas de diálogo entre os conquistadores e os conquistados, entre aqueles colocados dentro da história e aqueles dispersados fora, falham. Pode-se dizer, enfim, que esta hora, tal qual um diálogo, tem sido dificilmente tentada: os conquistados e os conquistadores não falam a mesma linguagem. O que passou por diálogo tem geralmente envolvido um de “nossos” negros, ou melhor, um *évolué* de Dakar. O “evoluido”, ou civilizado é quase sempre alguém educado pela e para a França, e alguns dos “nossos” negros provam quão bem eles foram educados, e se tornam porta-vozes do capitalismo “negro” — uma concepção que demanda ainda mais fé e infinitamente mais em esquizofrenia, do que a concepção da Imaculada Conceição. Dakar é uma cidade francesa na costa ocidental africana, e um representante de Dakar não é necessariamente um homem do Senegal. Ele é mais provavelmente um cidadão espiritual da França, e neste caso é difícil para ele expressar as necessidades atuais de sua parte da África, ou da África. E quando tal diálogo é verdadeiramente lançado, não se pode evitar a raiz da questão, a posse da terra, e a exploração dos recursos naturais da terra. Neste ponto as pretensões culturais da história são reveladas exatamente como uma máscara de força, e deste modo acontece que, a fim de se desembaraçar da Shell, Texaco, Coca-Cola, e dos amigáveis soldados americanos, cuja missão é proteger estes investimentos, qualquer um, finalmente, atira fora Balzac e Shakespeare — e

Faulkner e Camus. Mais tarde, claro, se pode com prazer recebê-los de volta, mas cada um à sua própria maneira, e na sua própria terra.

Quando o pagão e o escravo cospem na cruz e pegam numa arma, significa que as salas da história estão no ponto de serem invadidas uma vez mais, e os presentes ocupantes, destruídos e dispersos. Estes, então, somente podem chamar sua história para salvá-los — aquela mesma história que, aos olhos dos subjugados, já os condenou. Além disso, Faulkner esperava que os negros americanos teriam a generosidade de “ir devagar” — o que permitiria aos brancos tempo para se salvarem, muito embora eles tenham tido mais do que tempo suficiente, e embora suas vítimas ainda acreditassem nos milagres brancos — e Camus repetia a palavra “justiça” como se fosse uma encantação mágica a que toda a África imediatamente responderia. Os negros americanos não podiam “ir devagar”, porque eles marcaram um encontro com a história com o propósito de tirarem seus filhos das mãos da história. E a “justiça” de Camus era um conceito esquecido e traído na Europa, da mesma maneira que a Igreja Cristã traiu e desonrou e blasfemou aquele Salvador em cujo nome massacraram milhões e milhões e milhões de pessoas. E se esta objeção parece trivial, é somente por causa do endurecimento total do coração e da aspereza da consciência entre aqueles povos que acreditaram que o seu poderio lhes tinha dado o direito exclusivo na história. Se os cristãos não acreditam no seu Salvador (que, além disso, não conseguiu salvá-los) porque, então, querem saber os não remidos, deveria eu abandonar meus deuses pelos deles? Porque eu sei que meus deuses são reais: eles deram-me a capacidade de resistir a você.

No outono de 1956, eu estava cobrindo para o *Encounter* (ou para a CIA) a primeira Conferência Internacional de Escritores e Artistas Negros, na Sorbonne, em Paris. Numa ensolarada tarde, alguns de nós, incluindo o falecido Richard Wright, estávamos caminhando pelo Boulevard Saint-Germain, para irmos almoçar. Muitos, se não a maior parte do grupo, eram africanos, e todos nós (ainda que só alguns legalmente) éramos negros. Fitando-nos, em cada banca de jornal, naquele imenso boulevard, estavam as fotografias da jovem Dorothy Counts sendo maltratada e disputada pela multidão, quando se dirigia para sua escola em Charlotte, no Norte da Carolina. Havia orgulho oculto, tensão e angústia no rosto daquela menina



quando ela se aproximava dos grandes salões culturais e com a história zombando às suas costas.

Isto me deixou furioso, me encheu de ódio e piedade, e me fez ficar envergonhado. Algum de nós deveria ter estado lá com ela! Eu pensava ficar ainda mais tempo na Europa, em virtude da minha vida privada e da intenção de terminar um romance, mas foi naquela tarde ensolarada que fiquei sabendo que estava deixando a França. Eu não podia mais, simplesmente, estar sentado por ali, em Paris, discutindo os problemas dos argelinos e dos negros americanos. Todo mundo estava pagando sua dívida, e era tempo de voltar para minha terra e pagar a minha.

No verão de 1957, tomei um barco de volta, com a intenção de ir para o Sul tão logo eu pudesse *quebrar certos galhos*. No meu caso, isto significava, tão logo pudesse conseguir uma designação. Isto não era muito fácil em 1957, e eu estava embrulhado em Nova York por um tempo desanimadoramente longo. E agora, tinha que começar a chegar a uma espécie de *modus vivendi* com esta cidade — porque estava aqui, em casa de novo, pela primeira vez em nove anos — para ficar. Para *ficar*: se por um lado isto me desanimava, por outro me aliviava. Era aqui, somente, que eu seria capaz de descobrir o que a minha viagem tinha significado para mim ou o que tinha feito de mim.

Eu comecei a ver Nova York de uma maneira diferente, vendo, abaixo da deformidade, o detalhe de uma cornija, o desenho de uma janela, o movimento de um degrau de pedra — *stoep*, dizem os holandeses, e nós dizemos, *stoop* — abaixo do quase intolerável e desesperador barulho, o som de muitas línguas, todos gritando para dominar. Desde que estava aqui para ficar, tinha que examinar tudo, aprender tudo de novo, e tentar descobrir se alguma vez havia gostado disto. Mas a pergunta continha, ou eu suspeitava, suas próprias respostas melancólicas. Se alguma vez tivesse amado Nova York, aquele amor tinha sido, literalmente, exaurido de mim; se a tivesse amado, minha vida não podia ter tolerado tão longa ausência e tão profunda separação; ou, se a tivesse amado, teria ficado feliz, não assustado, por estar de volta à minha cidade natal. Não, eu não a amava, pelos menos não mais, mas eu tinha que sobreviver nela. A fim de sobreviver, teria que observá-la. E, embora eu tivesse pesadelos sobre o Sul que nunca tinha visto, estava terrivelmente ansioso

para chegar lá, talvez para confirmar o pesadelo, mas, certamente, para deixar aquilo que uma vez me foi descrito como “a grande e interminável cidade”

Finalmente, consegui minha designação, e fui para o Sul. Coisas tremendas me aconteceram. Eu encontrei algumas das mais honradas, das mais lindas pessoas que um homem pode ter a esperança de encontrar, e vi coisas maravilhosas e coisas terríveis. Estava velho o suficiente para reconhecer como os meus temores eram profundos e assustadores, e como os meus limites eram poderosos: mas não se pode pedir mais da vida do que a vida nos honra pedindo que aprendamos a viver com nossos temores e aprender a viver, cada dia, dentro dos nossos limites e além deles.

Preciso acrescentar, para benefício do meu compatriota tão inocente e criminoso que, hoje, quinze anos depois, a fotografia de Angela Davis substituiu a fotografia de Dorothy Counts. Estas duas fotografias parecem somar o desejo dos americanos — herdeiros de todas as idades — em relação aos negros.

Vem flutuando por cima de mim, fora de uma vida que eu vivi muito tempo atrás — durante a cibernética loucura, o mal entendido de Wilhelm Reich, as precisões de Karen Horney, naquela época, anterior a Sartre, quando muitos dos meus amigos desapareciam nas montanhas, em anarquias chamadas comunas, ou nos caixões, para nunca mais serem vistos, e, certamente, para nunca mais fazerem amor novamente, — a lembrança de um jovem branco, lindo judeu, americano, que comeu as secundinas de sua mulher, fritando-as numa frigideira. Ele fez isso porque — quem sabe? — de acordo com ele, Wilhelm Reich havia ordenado isso. Ele vem flutuando em minha direção, porque, embora ele nunca soubesse disso, eu o amava, e o silêncio entre nós era a indicação precisa de como alguma coisa em mim reagia profundamente aos problemas dele, e como estes problemas me confundiam. Eu me lembro do seu rosto quando me contou sobre isso, muito depois do seu corajoso esforço culinário. Por este esforço ele fez de sua esposa e de seu filho uma parte de si mesmo. A questão que permaneceu em minha mente, é, porque tão extremo esforço teria sido necessário, para provar um fato que deveria ter sido tão óbvio e tão alegre? Na época que me contou, ele tinha perdido ambos, a esposa e o filho e estava adotando um outro,



então, e, embora ele fosse mais novo do que eu, e estou falando de um longo tempo atrás, havia, emocionalmente, me parecia, cessado de existir. Eu tenho a impressão de que ele tinha se apressado através de uma adolescência tardia e tormentosa para uma precoce meia-idade, com um quase audível sinal de alívio e tendo encontrado somente teoremas pelo caminho: e embora não soubesse disso, estava agora desamparadamente e desesperadamente apaixonado por um jovem garoto negro, com pouco mais de dez anos. Eu não quero sugerir que ele tivesse desejos sexuais pelo garoto. Na verdade, podia ter sido melhor para ele, se os tivesse, embora isto possa soar ultrajante — o teria, pelo menos, colocado diante de um grande problema emocional e trazido para a superfície a questão de sua honra. O que quero dizer é que ele parecia ser capaz de amar somente os desamparados. Eu não vejo este homem há muitos anos, e espero que tudo que disse aqui tenha sido provado falso. Espero, enfim, que ele tenha sido capaz de viver. Os americanos são de uma pobreza emocional tão grande, têm um terror da vida humana, do contato humano, tão profundos, que, virtualmente, nenhum parecia ser capaz de realizar qualquer conexão orgânica viável entre sua posição pública e sua vida privada. Isto é o que os faz tão instáveis, tão inquietos, tão exasperados e tão indignos de confiança. “Somente aliados”, disse Henry James. Talvez, só um escritor americano seria forçado a dizer isso, sua existência sendo tão ameaçada pelo fracasso da maior parte das vidas americanas, da maior parte das uniões elementares e cruciais.

Este fracasso na vida privada tem sido sempre de um efeito devastador na conduta pública americana, e nas relações entre brancos e pretos. Se os americanos não tivessem tanto temor de suas próprias individualidades eles nunca teriam tido a necessidade de inventar, e poderiam nunca se terem tornado tão dependentes, daquilo que eles ainda chamam de “o problema Negro”. Este problema, que inventaram a fim de salvaguardar a pureza, fez deles criminosos e monstros e está destruindo-os; e isto não por causa de alguma coisa que os negros podem ou não estar fazendo, mas por causa do papel que a imaginação branca, culpada e restrita, atribuiu aos negros. Que o bode expiatório paga pelos pecados dos outros todo mundo sabe, mas é somente uma lenda, e muito reveladora. Contudo, por mais que o bode expiatório tenha sido feito para sofrer, seu sofrimento não pode purificar o pecador: apenas o incrimina mais e sela sua danação. O bode expiatório, eventualmente, é libertado com

a morte: seu assassino continua a viver. O sofrimento do bode expiatório resultou em mares de sangue, e até agora nem um só pecador foi salvo, ou se transformou com este ritual desesperador. Pecado tem sido meramente somado a pecado, e culpa amontoadada sobre culpa. Nos recônditos da alma, a parte culpada é identificada, e o dedo acusador, ali, não é uma lenda, mas consequência, não é fantasia, mas verdade. As pessoas pagam pelo que fazem, e, ainda mais, pelo que elas permitiram tornar-se. E o castigo disto é muito simples: é a vida que elas levam. A coisa crucial, aqui, é que a soma dessas abdições individuais ameaça todas as vidas no mundo. Porque, de uma maneira geral, os americanos brancos como entidades social, moral, política e sexual, são provavelmente os mais doentes e certamente o povo mais perigoso, de qualquer cor, que se pode encontrar no mundo de hoje. Eu posso não ter percebido isso antes da minha primeira viagem ao Sul. Mas, assim que me encontrei lá, eu reconheci que o Sul era um enigma que podia ser decifrado apenas na luz, ou na escuridão, dos inacreditáveis desastres que a vida individual tinha alcançado.

Eu digo “enigma”: não o enigma que este povo infeliz clama, estupidamente mal, como suas tradições. Tenho sido negro por muito tempo. Não estava perplexo pela sua perversidade, porque esta perversidade era o espírito e a história da América. O que me deixava perplexo era a inacreditável dimensão do infortúnio deles. Eu sentia como se tivesse vagado pelo inferno. Mas é preciso também dizer que, se eles estavam no inferno, alguns entre eles estavam começando a reconhecer que o combustível deles mesmos alimentava as chamas. O infortúnio deles colocava-os ao mesmo tempo muito acima e muito abaixo dos seus compatriotas — quem não sabia ainda que esse infortúnio existia, e quem não imaginou que aquele inferno era a condição para aqueles outros que foram sentenciados. Por esta razão, e não sou o único negro que diria isto, eu tenho mais fé nos sulistas do que eu jamais teria nos nortistas: os poderosos e devotos nortistas nunca podiam, afinal de contas, ter conquistado seu poder sem utilizar, brutal e conscientemente, aquelas “tradições”, e fechando o Sul dentro delas. E quando este país for arrasado pelo desastre que virá certamente, será no Sul e não no Norte que o renascimento começará.

Primeiro eu fui, se não me falha a memória, para Charlotte, no Norte de Carolina, onde encontrei, entre outros, *The Carolina Is-*



*raelite*. Depois a Little Rock, onde encontrei, entre outros, o senhor e a senhora Bates. Depois a Atlanta, onde encontrei, entre outros, o Reverendo Martin Luther King, Jr. Fui a Birmingham, fui a Montgomery, fui a Tuskegee. Não sei quanto tempo estive pelas estradas. A mala de lona que levava estava tão cheia de contrabando, que se abriu no meio da Grande Estação Central, no momento em que a carregava no ombro, esparramando todos os segredos pelo chão: nenhum, felizmente, foi exposto à mais remota curiosidade. Conseguindo juntar tudo, amarrei a mala com a cinta das minhas calças e subi as escadas em direção à rua. Eu me joguei na casa de um amigo que vivia no bairro ainda não conhecido como East Village — quando morava lá, era conhecido como Lower East Side — e, revivendo minha viagem, abandonado aos meus pesadelos, desapareci a tudo o que dizia respeito à cidade. Eu não podia encarar a realidade, não podia sair daquele apartamento de água fria. Eu continuei tentando, mas sempre desistia: durante cinco dias. Eu tinha telefonado da estação, para a minha irmã, Glória; ela sabia, portanto, que eu estava de volta a Nova York, mas não sabia onde. Consequentemente, minha família e meus amigos estavam me procurando em todas as ruas e bares de Village e estavam considerando a possibilidade extrema e desesperada de chamar a polícia. Mas, finalmente, voltei à tona, completamente consciente de minha irresponsabilidade, e senti mais do que um pequeno estremecimento ao constatar que tinha sido uma espécie de terror que havia me paralisado por tanto tempo. Antes, no Sul, eu tinha reprimido o meu terror suficientemente bem, ou pelo menos, para trabalhar; mas quando a repressão veio à tona, uma espécie de estranho terror me dominou, fazendo-me tão inútil como um elástico partido. Isto me preocupou terrivelmente. Eu senti nisso um exemplo que nunca iria dominar completamente. Nunca vou esquecer o rosto fatigado de um amigo negro que havia estado me procurando durante vários dias, e me encontrou na Sexta Avenida, quando eu estava a caminho do metrô. Ele me viu no mesmo momento em que eu o vi, quando ele virava da Praça Waverly para a avenida. Ele parou e fui obrigado a caminhar em sua direção. Ele deu um pequeno sorriso meio sem vontade. Então, eu estava na frente dele e Lonnie disse: — “Bem, eu não vou xingar você. Você mesmo já deve ter feito isso” E me pagou uma bebida e eu fui para a casa de minha irmã, onde, nesses dias, dormi num divã.

Na igreja, o padre diz, após uma anedota aparentemente sem graça, — “Eu disse tudo que havia para dizer” — isto: não creio que realmente eu soubesse muito sobre terror antes de ir para o Sul, não quero somente dizer, embora eu pudesse muito bem, que reação visceral é produzida pelo fato de se encarar a própria morte. Naquela época, como agora, um policial do norte, preto ou branco, um colaborador branco, ou um preto, as descoradas paredes do porão do distrito, as descoradas algemas, o descorado futuro, são quase suficientes para introduzir na vida de qualquer um a realização atordoante de que a vida pode terminar a qualquer momento. Além disso, este terror pode produzir o seu próprio antídoto: um catastrófico orgulho e raiva, porque, se um está ou não, pronto para morrer, dá toda a aparência de estar disposto a tal. E naquele momento, claro, desde que retirada significa aceitar uma morte muitíssimo pior, ele *está* pronto para morrer, esperando simplesmente (a pequena e última piedade de Deus) arrastar junto o seu assassino.

Não muitos entre os redimidos têm algum sentido desta paixão, que descrevem como suicida, sem saber quão profundamente estão descrevendo a si mesmos. Pretendem que é um suicídio lutar contra uma força, óbvia ou aparentemente, maior do que eles, e, portanto, jamais irão sonhar fazer tal coisa. Pretendem também que, por definição, pelo número deles, são uma grande força, e nunca suspeitam a que nível impiedoso de desprezo esta oblíqua e arrogante confissão os expõe. Um homem que sabe que está encarando a morte, ou mais precisamente, que sabe que foi, afinal de contas, ele mesmo, quem insistiu e precipitou este momento, pode, sem desejar, gritar ou chorar desesperadamente ou mesmo mijar ou cagar nas calças onde quer que esteja. Mas ele não voltará atrás. Voltar atrás não está mais entre as suas possibilidades: isto é porque ele pode gritar ou chorar e o seu mau-cheiro pode então encher o ar. Ele se trouxe para este momento, e isto é *ele* — talvez só por um momento — ele, e os outros estão abaixo dele, e anônimos para sempre, porque valorizam sua masculinidade menos do que ele.

Mas o terror de que estou falando tem pouco a ver com o específico temor de alguém por si mesmo: narrado por Dante — *Eu nunca teria acreditado que a morte tinha destruído tantos*.

Cheguei a Little Rock, por exemplo, durante o famoso — naquela época famoso, agora quase esquecido — conflito estudantil.



Este conflito tinha aparentemente alguma coisa com a questão de integração ou educação de crianças negras — integração e educação não são sinônimos, muito embora os americanos pensem que sim. Eu sou um menino da cidade. Minha vida começou na Cidade Grande, e tive que lutar cara a cara nas ruas. Isto quer dizer que estava mal-dosamente preparado para uma entidade como Little Rock, que, na época, não era ainda, certamente, uma grande cidade, mas certamente, não era também uma cidade pequena. Por essa razão, não era, geograficamente falando, sulista. Era sulista, somente, em termos do que sua história tinha feito dela, mas como se diz, ultimamente, era sulista por escolha. Era sulista, portanto, para dizer mais grosseiramente, por causa da história da América — Os Estados Unidos da América: e meninos negros e meninas negras estavam pagando agora por este holocausto. Eles estavam tentando ir para a escola. Estavam tentando conseguir uma educação num país onde educação é um sinônimo de instrução, se você é branco, e subjugação, se você é negro. Era quase como se pequenos judeus e judias, na Alemanha de Hitler, insistissem em receber uma educação germânica a fim de subverter o Terceiro Reich. Estes estavam, não obstante, lavados e resplandecentes nos seus rígidos e inesquecíveis vestidinhos, nos seus inesquecíveis terninhos azuis, encarando um cidadão, encarando pais brancos, encarando mães brancas, encarando a prole desses concidadãos, encarando o passado branco, para não dizer nada do presente branco: pequenos soldados, armados com vestidos rígidos e brancos, e calças azul-marinho curtas ou compridas, entrando numa colônia de leprosos, e bastante jovens para acreditar que essa colônia poderia ser curada e salva. Elas pagavam um terrível preço, aquelas crianças, pelo seu trabalho missionário entre os descrentes. Meu terror envolvia minha compreensão da natureza do descrente. Eu não encontrei nenhum dos meus oficiais assassinos, não durante aquela primeira viagem. Eu encontrei os amigos dos Negros. Desta maneira, eu era forçado a reconhecer que, mais seu amigo pensa em você como um Negro, você não tem um amigo e nem ele — seu amigo. Vocês se tornam cúmplices. Todas as coisas entre vocês dependem do que ele pode lhe dizer, e do que você não dirá a ele. E um de vocês está ouvindo. Se um está ouvindo todas aquelas coisas, precisamente, que não estão sendo ditas, a intensidade desta atenção mal pode ser descrita como a atenção que um amigo dá a outro. Se

um de vocês está ouvindo, ambos estão conspirando, embora, talvez, somente um saiba disso. Ambos podem estar conspirando para escapar, mas, desde que muitas estradas diferentes parecem abrir para cada um, ambos estão conspirando escapar um do outro.

Eu escrevi sobre aqueles primeiros dias no Sul, mas de uma distância mais ou menos impessoal. Eu nunca escrevi, por exemplo, sobre meu inacreditável choque, quando percebi que estava sendo alisado por um dos mais poderosos homens de um dos Estados que eu visitei. Ele se encontrava suado de bêbado a fim de conseguir o seu desesperado gozo. Com os olhos úmidos fitando minha cara e suas mãos úmidas alisando o meu pau, nós estávamos, ambos, abruptamente, no bolso anal da história. Era muito assustador — não o gesto em si mesmo, mas a degradação disso, e a hipótese de uma cumplicidade rápida e repugnante: como minha identidade estava definida pelo seu poder, conseqüentemente minha humanidade deveria ser colocada à disposição de suas fantasias. Se a vida daquelas crianças estava naquelas mãos úmidas e desesperadas, se o futuro delas estava para ser lido naqueles olhos úmidos e cegos, havia razão para se tremer. Este homem, com um telefonema, podia prevenir ou provocar um linchamento. Este era um desses homens para quem você telefonava (ou um amigo seu telefonava) a fim de pedir para tirar o irmão da prisão. Conseqüentemente, era preciso ser muito amável: mas o preço disso era o seu pau.

Isto vai parecer uma constatação exagerada para os americanos, que irão supor que isto se refere, simplesmente, a uma deformidade sexual (ou seccional). Esta suposição deixa a desejar: tem dois gumes. O escravo sabe, muito embora o seu mestre possa ficar desiludido nesse ponto, que ele é chamado um escravo porque sua masculinidade foi, ou pode ser, ou será, tomada dele. Ser escravo implica ter a própria masculinidade engajada numa dúbia batalha, e este duro fato não é alterado por qualquer que seja a devoção que alguns mestres e alguns escravos podem ter chegado em seus relacionamentos um com o outro.

No caso da escravidão americana, o direito de um negro para com suas mulheres, bem como para com seus filhos, era simplesmente tomado dele, e por mais bastardos que o homem branco gerasse nos corpos das mulheres negras, estes tomavam a condição da



condição de suas mães: os negros não eram os únicos ganhões nas fazendas de criação de escravos! E um dos muitos resultados desta conspiração lucrativa e sem amor era que, dando aos mestres todas as concebíveis licenças sexuais e comerciais, também libertava-os de qualquer responsabilidade humana — para suas mulheres, para seus filhos, para suas esposas, ou para com eles mesmos. Até hoje, os resultados desta blasfêmia neste país ressoam em todos os níveis sociais públicos e privados. Quando o homem segurou o meu pau, eu não pensei nele como uma bicha, não pelo fato de ele ter uma esposa e filhos, casa, carros e uma posição respeitosa e poderosa na sociedade, que tudo isso não significa nada, mas pelo fato de que na verdade ele não era: eu olhava para os olhos dele, pensando, com grande tristeza, *A vida não examinada não vale a pena ser vivida*. O desespero entre os não amados é que eles precisam narcotizar-se antes de poderem tocar qualquer ser humano. Eles, então, fatalmente tocam a pessoa errada, não porque estão cegos, ou perderam o senso do tato, mas porque não têm mais nenhuma maneira de saber que qualquer toque sem amor é uma violação. Quando os não amados chegam ao poder, ou quando o desespero sexual chega ao poder, a sexualidade do objeto ou é uma ameaça ou uma fantasia. A maior parte desses homens escolherá uma mulher para humilhar e não importa o regozijo da mulher escolhida ou de quem quer que seja; a verdade brutal, além disso, força a observação, particularmente se se é negro, que esta escolha não é de forma alguma certa. O fato de que os homens têm uma necessidade enorme de humilhar outros homens — e somente porque eles são *homens* — é uma verdade que a história proíbe-nos acentuar. E é quase certo que os homens brancos, que inventaram a estória de que negro tem o pau grande, estão ainda à mercê deste pesadelo, e estão ainda, na maior parte, condenados, de uma maneira ou de outra, a tentar fazer deste pau, o próprio: pelo progresso que o mundo cristão fez daquela selva, está claro o propósito de manter os negros para sempre nas árvores.

Cada negro caminhando neste país paga um preço tremendo para caminhar: porque homens não são mulheres, e o balanço de um homem depende do peso que ele carrega entre as pernas. Todos os homens, por mais que eles possam encarar ou deixar de encarar isso, por mais que eles possam manejar ou ser manejados por isso, sabem alguma coisa um do outro, sabem simplesmente que um homem sem culhões não é homem, que a palavra Gênesis, na descrição do ma-

cho, envolve o falo e se refere à semente que dá vida. Quando um homem não pode mais respeitar isto num outro homem — e isto permanece verdadeiro mesmo se este homem é o seu amante — ele abdicou de sua condição de macho, e, nos calcanhares desta abdicação, chega o caos. Foi alguma coisa como isso que eu comecei a ver, observando negros no Sul e observando os brancos observando-os. Porque esta maravilhosa compostura, picante e zombeteira, com a qual os negros caminhavam, era ditada pela realização tácita e comum do preço que cada um tinha pago para ser capaz ao menos de caminhar. Suas lutas têm origem nisso, seus risos têm origem nisso, suas desgraças, suas lágrimas, suas decisões, seus amantes tão ameaçados, suas coragens, e até mesmo suas covardias — e talvez, especialmente, as mudanças atordoantes e inesperadas que eles podiam tocar nessas cordas tão relacionadas — suas músicas, suas danças: tudo vem do centro. “Não”, disse um velho negro em frente à barbearia. “Eu acho que não vou participar dessa campanha. Veja, eu só corto o cabelo dessa gente branca, aqui, e eles vão fechar minha barbearia”. Ele era muito alto; quando disse isso, parecia estar olhando para cima de mim, uma impossibilidade física; ele vem fazendo reverência há tanto tempo, meu irmão disse, que a sua cabeça nunca mais ficará direita no pescoço. E lá estava ele, em pé, como uma velha e retorcida árvore, e a autoridade da sua resposta tornava impossível questionar sobre a sua decisão: ele pode ter planejado cortar o pescoço de algum branco, um dia. Se eu fosse branco, nunca o permitiria aproximar-se de *mim* com uma navalha na mão. A maior parte dos brancos, em comparação, parecia estar se arrastando com dificuldade, e a gente sempre duvida daquilo que estão dizendo, porque se percebe que eles duvidam de si mesmos. Pelo que a composição pessoal revelava, se podia imaginar que suas enrugadas faces eram uma exata indicação de como era a sua situação abaixo da cintura. E as mulheres eram piores — prova, se prova fosse necessária: em nenhuma parte do mundo eu encontrei mulheres tão murchas, e murchas tão cedo. Começou a me parecer, de fato, que a única coisa que impedia o Sul de ser uma comunidade inteiramente homossexual era, precisamente, a absoluta carência de homens.

Não se pode estar em nenhuma cidade do Sul por muito tempo e não se defrontar com a questão de que um homem é, deveria fazer ou se tornar. Afinal de contas, o mundo em que vivemos é um reflexo dos desejos e das atividades dos homens. Nós somos responsá-



veis pelo mundo em que nos encontramos, porque somos a única força suscetível que pode mudá-lo. O que trouxe esta questão à tona dos meus pensamentos foi o fato de que muitos dos negros sulistas com quem eu falei naquele época eram — não posso achar outra palavra para eles — heróicos. Quando eu digo isso, não quero que pensem que caí num chauvinismo fácil: mas não vejo como qualquer um que tenha observado essas cenas no Sul, naquela época, possa julgar de uma outra maneira. O heroísmo deles devia ser achado menos nas grandes coisas do que nas pequenas, menos em público do que em particular. Alguns dos homens, em quem estou pensando, podiam ser também muito impressionantes publicamente, e responsáveis por grandes coisas; mas não foi isto que me impressionou. O que me impressionou foi como desempenhavam as suas tarefas diárias, a despeito da franca oposição do terror sulista. A primeira vez que eu vi o Reverendo Shuttlesworth, por exemplo, ele vinha andando pelo parque de estacionamento do motel onde eu estava hospedado, com o chapéu precariamente equilibrado atrás no alto da cabeça. Era tarde da noite e Shuttlesworth era um homem marcado em Birmingham. Ele subiu para o meu quarto, e, enquanto falávamos, ele se manteve andando de lá para cá em frente da janela. Eu finalmente percebi que estava vigiando o seu carro — talvez para ter a certeza de que ninguém colocava uma bomba dentro. Como ele não disse nada a respeito disso, eu também, naturalmente, não podia. Mas estava preocupado pelo fato de ele voltar dirigindo sozinho para casa, e, quando ele estava saindo, não pude resistir de mencionar a minha preocupação. E ele sorriu — sorriu como se eu fosse um novato, com muito para aprender, o que era verdade, e como ficaria feliz de me dar algumas indicações que, na verdade, não muito tempo depois, ele deu — e disse-me que não tinha problema e desceu as escadas e entrou no carro, ligou o motor e dirigiu para dentro da suave noite Alabama. Não havia sinal de desafio ou bravura nas maneiras dele. Somente, quando fiz minha observação concernente à sua segurança, uma sombra de tristeza, profunda, ansiosa, escura, passou pelo seu rosto; e então sumiu. Era a angústia mais impessoal que jamais vi no rosto de um homem. Era como se ele estivesse lutando com o poderoso fato de que o perigo em que se encontrava não era nada comparado ao horror espiritual que conduzia aqueles homens que estavam tentando destruí-lo. Eles o colocavam em perigo, mas destruíam a si mesmos.

Eu nunca tinha visto antes este terror, esta pobreza, embora, tivesse trabalhado entre sulistas, anos atrás, quando estava no Exército, durante a guerra. Era muito assustador, desagradável e perigoso, mas eu não estava, afinal de contas, no território deles — de certo modo, ou pelo menos, como eles rancorosamente supunham, eles estavam no meu. Também, podia, de certo modo, proteger-me contra a perversão e o temor que eles me inspiravam considerando-os, honestamente, como loucos. E eu era demasiadamente jovem para que a idéia de minha morte ou destruição, realmente tomasse conta de minha mente. É difícil para qualquer um com menos de vinte anos perceber que a morte já o marcou com um número, que virá um dia.

Mas eu não estava no meu território, agora. Estava num território absolutamente hostil e bastante estranho, e estava o suficientemente velho para perceber que podia ser destruído. Era uma sorte, por estranho que pareça, que estivesse estado fora do país por tanto tempo e tivesse vindo de Paris para o Sul, ao invés de Nova York. Se não tivesse vindo de Paris, teria certamente tentado me valer da minha considerável coleção de truques de sobrevivência de Nova York, e cujos resultados eu não poderia imaginar, porque eles naturalmente não teriam funcionado no Sul. Mas eu tinha há tanto tempo esquecido todos os meus truques de Nova York que agora estava simplesmente desamparado, simplesmente nu, uma espécie estranha de forasteiro, e podia só ver as coisas daquela maneira. E isto significava, exatamente como um forasteiro, que eu estava mais fascinado do que assustado.

Havia mais do que o suficiente para se ficar fascinado. No Sul — Flórida, Geórgia, Alabama, Mississipi, por exemplo — há a grande, vasta, oprimente, benvinda e ensangüentada terra, suficientemente maravilhosa para nos deixar atônitos e fazer o coração parar. A terra parece quase chorar sob o peso desta inominável excrescência da civilização. Os adultos e crianças erram cegamente entre as florestas de cartazes, antenas, garrafas de Coca-Cola, estações de gás, drive-ins, motéis, latas de cerveja, músicas de uma invencível e estridente melancolia, varandas com cercas de madeira, telas de arame, agressivas bundas em blue-jeans, empertigados vãos de pernas, garrafas, camisinhas-de-vênus, no capinzal, cadáveres de automóveis apodrecidos e enferrujados, brincos brilhantes na escuridão dos



pontos de ônibus: acima de tudo aquilo parece suspensa uma miasma de desejo, cobiça e raiva. Cada cidade do Sul me parece só recentemente ter sido salva dos pântanos, onde estavam pacientemente esperando esta reivindicação. As pessoas, todas, me fazem lembrar do tempo em que estavam sob as águas, receando e antecipando a volta para aquela responsabilidade da liberdade. Todo homem negro, qualquer que seja o seu estilo, foi marcado, como em algum rito tribal; e todo homem branco, embora os homens brancos, na maior parte das vezes, não tenham estilo, foi mutilado. E em toda parte, as mulheres, as mais terrivelmente maltratadas criaturas desta região, com seus olhos apertados e lábios enrugados — lábios voltados para dentro como se demonstrassem uma sensação de repugnância — olhavam e balançavam e esperavam. Algumas delas me recordavam um momento na minha adolescência quando uma irmã na igreja, não muito mais velha do que eu, e que tinha sido minha namorada, ficou louca e foi encarcerada. Eu fui visitá-la no pavilhão de mulheres, e saindo para o pátio, fiquei parado lá por um momento para recobrar minha respiração. Alguma coisa, certamente, me fez virar a cabeça. Então eu percebi que estava sendo observado por centenas de mulheres encarceradas. Por trás das grades e janelas, não sei quantos pares de olhos femininos estavam vidrados no único macho que se encontrava no pátio. Eu podia ver indistintamente as faces delas nas janelas abaixo e no alto daquela parede; e elas não faziam um som. Por um momento eu pensei que não seria capaz de persuadir meus pés a me carregar para longe daquela indescritível e desesperadora cobiça aprisionada.

Na minha primeira noite em Montgomery, como um bom repórter, decidi investigar um pouco a cidade. Eu tinha sido aconselhado a tomar cuidado quando saísse no Sul, após escurecer — de fato, eu tinha sido aconselhado a não sair mesmo; mas estava um tempo agradável, a noite apenas começando a cair: um supertempo. Eu andei um pouco, passando por varandas escuras que estavam silenciosas, ainda que se pudesse perceber figura, ou figuras, sentadas no fundo da escuridão, algumas vezes, apenas uma silhueta — mas raramente — na luz de uma porta aberta, ou a brasa de um cigarro, ou a voz de uma criança. Eu estava muito calmo, e, embora possa parecer estranho, estava muito feliz de ter vindo para o Sul. A despeito de tudo que pudesse ter nos dividido, a despeito de que alguns deles me olhavam com alguma suspeita, eu me sentia muito bem entre a gente es-

cura que vivia onde eu, logicamente, teria nascido, se tanta coisa não se tivesse rompido. Eu sentia, embaixo de todas essas coisas, uma aceitação profunda, uma paz não familiar, quase como se após viagens desesperadas e debilitantes, eu tivesse, finalmente, voltado para casa. Se havia nisto alguma ilusão, havia também alguma verdade. Naqueles anos em Paris, nunca tinha sentido saudade de coisa alguma da América — nem de waffles, ice cream, hot dogs, baseball, cinema, nem do Edifício Empire State, Coney Island, Estátua da Liberdade, Times Square. Todas essas coisas tinham passado por mim tão natural e simplesmente como uma urinada, até mesmo muito mais inconscientemente. Podiam nunca ter existido para mim e não faria absolutamente nenhuma diferença se não voltasse a ver nada disso de novo. Mas eu senti saudades dos meus irmãos e irmãs, e da minha mãe — eles faziam diferença. Eu queria voltar a vê-los e ver os filhos deles. Eu esperava que eles não tivessem me esquecido. Eu sentia saudade do Harlem nos domingos de manhã, de frango frito, de biscoitos, eu sentia saudade da música, do estilo — aquele estilo que nenhum outro povo do mundo possuía. Eu sentia saudade da maneira com que aquelas caras escuras se fechavam, da maneira com que aqueles olhos escuros olhavam, e da maneira, com que, quando uma cara escura se abria, uma luz parecia brilhar em todos os lugares. Sentia saudades dos meus irmãos, especialmente — o sorriso de David, a solenidade de George e a raiva de Wilmer, me faziam falta, numa palavra, os meus parentes; sentia saudade da vida que tinha me gerado e me nutrido e pago por mim. Agora, embora eu fosse um estrangeiro, estava em casa.

As linhas raciais divisórias das cidades do Sul são desconcertantes e traiçoeiras para um estrangeiro, porque elas não são tão bem demarcadas como no Norte — ou não claramente marcadas para ele. Eu passei por uma varanda onde havia vários pretos; — na esquina, mais ou menos um quarteirão além, havia um restaurante. Quando eu cheguei nessa esquina, entrei no restaurante. Nunca vou esquecer isso. Não sei se serei capaz de descrever a situação. Naquele momento tudo repentinamente gelou dentro de mim, afetando-me como uma espécie de paródia de horror dos Marx Brothers. Todas as caras brancas se transformaram em pedras: a chegada do mensageiro da morte não podia ter produzido um efeito mais devastador do que o aparecimento, na porta do restaurante, de um pequeno e desarmado pretinho completamente assustado. Eu percebi o meu erro tão logo abri



a porta: mas o terror absoluto refletido em todas as caras daquelas pessoas brancas — eu juro que nem uma alma se moveu — paralizou-me. Eles me fixavam, eu os fixava.

O encanto foi quebrado por uma daquelas mulheres, que espero existam somente no Sul, cuja cara parecia um machado enferrujado, cujos olhos pareciam dois pregos enferrujados — pregos que sobram da Crucificação. Ela voou para cima de mim como se fosse golpear-me com um porrete e latiu — porque aquilo não era um som humano: “O que você quer, crioulo? O que você quer aqui?” E então, com um gesto desinfetante, — “Do outro lado, crioulo. Do outro lado”.

Eu não tinha idéia sobre o que ela estava falando. Eu recuei para fora.

“Do outro lado, crioulo”, disse uma voz atrás de mim. Um homem branco tinha surgido de algum lugar da calçada que tinha estado vazia um segundo antes. Eu o fixei completamente pálido. Ele me olhou com insistência, com uma espécie de ameaça suspensa.

O choque inicial tinha desaparecido. Eu realmente não tinha tido tempo de sentir medo ou raiva. Mas, naquele momento, comecei a sentir ambos. Eu sabia que tinha que deixar aquela rua.

Ele apontou para uma porta e eu soube imediatamente que estava apontando para a entrada dos pretos.

E este foi um momento horrível — tão rápido como um relâmpago, mas muito mais luminoso. Eu percebi que aquele homem pensou que estava sendo gentil; e estava, mesmo, sendo tão gentil como se pode esperar que o seja um guia no inferno. Eu senti que não devia falar com ele, não me deixar envolver de nenhuma maneira com ele. Eu não estava mais zangado, mas certamente não podia dizer *aqueilo*. Não somente porque isto teria nos forçado, ambos, a ir mais além, para uma confrontação que eu não ousava pensar, como também, por causa do meu acento nortista. Foi a primeira vez que percebi que este acento ia ser uma desvantagem completa; desde que não podia mudá-lo, teria que achar alguma maneira de torná-lo uma espécie de balancete. Mas não naquele momento tão inflamável, não naquela rua escura e deserta.

Felizmente, salvei minha honra, ao refletir. *Bem, foi por esta razão que você veio aqui. Enfrente-a* — e eu desviei meus olhos da face dele e caminhei atravessando a porta que ele tinha tão delicadamente apontado.

Eu me encontrei num pequeno cubículo, com uma só lâmpada e um balcão, com quatro ou cinco banquetas, provavelmente. Num dos lados do cubículo havia uma janela. Esta janela parecia mais exatamente um galinheiro de tela de arame com uma abertura no meio. Estava nos fundos do restaurante, portanto, ninguém podia me ver. Estava atrás do balcão do restaurante, atrás da mulher com cara de machado enferrujado, que estava de costas para mim, servindo os frêgueses brancos no balcão. Eu estava quase que suficientemente próximo para tocá-los, e sem dúvida, próximo o suficiente para tocá-la, próximo o suficiente para matar todos eles, mas eles não podiam me ver.

A Cara-de-Machado se virou então para mim, e disse: “O que você quer?” Desta vez, ela não disse “crioulo”: não era mais necessário.

Eu disse que queria um hamburguer e uma xícara de café, mas, na verdade, não queria nada; só queria ver como aqueles do meu lado do galinheiro eram servidos; gostaria de saber se ela lavava as mãos antes de servir de novo os camaradas brancos. Provavelmente não: porque o hamburguer veio embrulhado em papel, e o café num copinho de papelão.

Fiz tudo o que podia para ficar em silêncio quando a paguei, e ela se afastou. Eu me sentei numa das banquetas, um negro entrou, grunhiu um cumprimento para mim, foi até a janela, ordenou, pagou, se sentou e começou a comer. Fiquei lá por um momento, pensando que certamente a culpa era minha por ter ido procurar chifre na cabeça de cavalo. Não lamentava ter vindo, de fato, nunca lamentei, e não vou lamentar até morrer, irei sempre me considerar entre os grandes privilegiados, porque, de qualquer modo, estive lá. Mas eu podia ver que as dificuldades não iriam estar onde eu as tinha colocado com tanta confiança — nos outros — mas em mim. Eu estava absolutamente certo que estava equipado para atravessar um único dia lá embaixo, e, se não estivesse, então, eu seria uma ameaça para todos aqueles outros que estavam e uma traição para o vasto trabalho deles. Afinal de contas, eles vinham labutando e conquistando por muito tempo, sem a minha pessoa, e não tinham me pedido para vir: estava ali para escrever uma história e não para me tornar uma.

Olhava o paciente homem enquanto ele comia, eu o olhava com espanto e respeito. Se ele podia fazer aquilo, então as pessoas do outro lado do galinheiro tinham razão para estarem assustadas — se ele podia fazer aquilo, podia fazer qualquer outra coisa, e quando ele



andasse para fora atravessando o galinheiro, nada poderia detê-lo. Mas eu não podia fazer o mesmo, ainda; meu estômago estava tão apertado como uma bola preta de borracha. Peguei meu hamburger, saí e o joguei na grama. O escuro silêncio das ruas agora me assustava um pouco, e eu voltei para o meu hotel.

O meu hotel era uma negra e assustadora espelunca que vivia numa pobreza tão grande há tanto tempo que ninguém tinha nada para esconder ou perder — não que eles tivessem parado de tentar: eles fracassavam na primeira tentativa tão monotonamente quanto sucediam na segunda. A vida ainda oferecia a esperança daquilo que os americanos chamam honesta e desesperadamente um “grande e rápido sucesso financeiro” e que os negros, muito esclarecidamente, chamam um “golpe”. Parecia sempre haver música, alguém parecia sempre estar dançando. Teria parecido, se olhado casualmente, que este hotel era o lugar mais animado para toda a ralé da cidade e isto era quase verdadeiro. Mas, desde que esta ralé incluía a sociedade inteira dos negros, era uma verdade muito reveladora. As pensões para os negros em trânsito, ou divertimento para os do local, é um assunto seriamente limitado no Sul, e no entanto, por exemplo, se uma pessoa não vai se hospedar com amigos ou parentes, fica num hotel como o meu, ou, se os amigos ou parentes desta pessoa decidirem convidá-la para uma bebida, eles irão trazê-la ao bar deste hotel. Eu gosto muito disto. Eu gosto de observar os calmos ministros Batistas e suas gordas e primorosas esposas sentados somente uma mesa distante das senhoras alegres da cidade e dos seus homens murchos. Eu pensava assim, realmente, porque isso reduzia as possibilidades de auto-desilusão — especialmente naqueles dias. O Homem tinha todo mundo no mesmo saco, e pela mesma razão, não importava a espécie de ternos que se estava usando ou que espécie de carro estava dirigindo. E as pessoas tratavam uma à outra, me parecia, com quase mais respeito do que era típico em Nova York, onde, claro, as oportunidades de auto-desilusão eram, comparativamente, muito maiores.

Onde o uísque era proibido por lei, facilmente se podia comprá-lo dos mantenedores da lei. Eu fiz isso muitas vezes, pelo Sul inteiro, de início simplesmente para descobrir se era verdade o que tinha ouvido — ver com os meus próprios olhos e pagar o homem com minhas próprias mãos — e então mais tarde, porque a vida na rua começava a ficar insuportável. Era absolutamente impossível conseguir ou-

tra coisa a não ser *bourbon*, e o menor cheiro deste está ainda associado à minha mente, aos pequeninos olhos dos sub-cherifes, aos coldres nos quadris e as grandes árvores alinhadas nas calçadas. Era impossível, também, conseguir uma refeição em alguma parte do Sul, sem se ver diante de um prato de “grits”; uma espécie de aveia granulada, opada e sem gosto, que os sulistas insistem em chamar de fina guloseima, mas penso que eles a comem para se punirem de seus pecados. — “O quê? você não quer grits?” pergunta a garçonete de olhos arregalados; não ainda hostil, simplesmente confusa. Ela vai embora esparramando isso para todo mundo: “Vê aquele homem lá? sabe, ele não come grits” — e você é, repentinamente, um homem marcado. Não é difícil se tornar um homem marcado no Sul — tudo o que você precisa fazer, na verdade, é ir lá. O aeroporto de Montgomery, por exemplo, era, naqueles anos, um bravo barracão, assentado desafiadoramente no limbo. Estava sendo guardado, naquela manhã quando cheguei, por três cidadãos, de cor metálica e decididamente de poucas palavras. Eu era a única coisa, de qualquer cor, a descer do avião naquela manhã, e eles ficaram parados no portão a me observarem enquanto eu atravessava o campo. Estava carregando minha máquina de escrever, que de repente pareceu ficar mais pesada. Eu estava assustado. A maneira deles me olharem me assustava. O silêncio deles me assustava. Martin Luther King Jr. havia prometido que haveria um carro me esperando no aeroporto. Não havia sinal do carro, mas eu tinha o número de telefone da “Montgomery Improvement Association”. — Se pudesse encontrar um telefone, se pudesse passar pelos homens no portão. Era instrutivo e sinistro perceber que, embora fossem seres humanos como eu, eu não podia esperar deles uma resposta a qualquer pedido humano da minha parte. Não havia nada além do espaço atrás de mim e aqueles três homens na minha frente: eu não podia fazer nada a não ser andar em direção a eles. Três homens adultos: e o patético nestes três-meninos-juntos, eram as suas posições, à John Wayne? Enfim, eu tinha pego um avião com a intenção de vir aqui. O avião tinha descido, e aqui estava eu — o que eles poderiam fazer agora a esse respeito? a não ser, claro, matar todo o passageiro negro que chegasse, ou explodir o aeroporto. Mas estas alternativas, ainda que deleitáveis, não podiam ser aplicadas à luz do dia. Passei por eles e me dirigi para a primeira cabine telefônica que vi, não verificando e nem me preocupando se tinha entrado na sala de espera dos brancos ou dos pretos. Eu tinha resolvido, se possí-



vel, evitar acidentes, mas estava claro que isto não seria sempre possível. No momento que conseguia a ligação, com eles me observando todo o tempo, o carro MIA chegou. E se os olhos daqueles homens tivessem o poder de pulverizar aquele carro, isso teria sido feito, exatamente como, na Bíblia, a cidade pecaminosa é destruída. — Eu nunca vi em toda a minha vida uma pobreza de espírito tão maléfica e tão concentrada.

Nesta época, os pretos de Montgomery estavam em passeatas, tentando forçar a companhia de ônibus a se dobrar. O que tinha começado em Montgomery estava começando a acontecer por todo o Sul. O movimento estudantil estava ainda para se iniciar. Ninguém tinha ainda ouvido falar de James Foreman ou James Bevel. Nós tínhamos somente começado a ouvir falar de Martin Luther King Jr., Malcolm X não era ainda levado a sério. Ninguém, exceto seus próprios pais, tinha ouvido falar de Huey Newton ou Bobby Seale ou Angela Davis. Emmet Till tinha morrido dois anos atrás. Bobby Hutton e Jonathan Jackson começavam apenas a dizer as primeiras palavras, e, com alguém segurando-os pela mãos, estavam descobrindo o quanto é divertido subir e descer escadas. Oh, pioneiros! — eu entrei no carro, e nos dirigimos para a cidade: o berço da Confederação, a mais branca cidade deste lado de Casablanca, e uma das mais desprezíveis na face da terra. E desprezível porque ninguém com autoridade na cidade, no estado, ou na nação, tinha a força ou a coragem ou o amor de tentar corrigir os costumes ou salvar as almas daqueles três homens desesperados, que estavam parados naquele lúgubre aeroporto, imaginando que estavam detendo um dilúvio.

Mas como posso sugerir algumas das qualidades de certos negros sulistas daquela época? — é importante que eu tente. Não posso dar os nomes; uns não consigo me lembrar, outros nem mesmo cheguei a saber como se chamavam; e por outras razões também. Eles eram, os homens, na maior parte das vezes, ministros ou pequenos negociantes — esta última palavra descreve, ou deve ser tomada como sugestão, os esforços múltiplos e indescritíveis destes — ou profissionais, como professores, dentistas e advogados. Porque o Sul é, ou certamente era, então, uma comunidade tão restrita que a cor deles feria — os olhos — com muito mais intensidade do que o poder fazer no Norte: a proibição, precisamente, da mistura social revelava o ponto da amalgamação sexual. Moças da cor de mel, e

homens quase tão brancos quanto leite, cabelos como seda, cabelos como algodão, cabelos como arame, olhos azuis, cinzas, verdes, castanhos, pretos como de ciganos, escuros como de árabes, narinas estreitas, apertadas, lábios grossos, lábios finos, toda variação concebível e imaginável — não era no Sul que alguém podia esperar guardar um segredo! E os negros, claro, não tentavam, embora soubessem que seus irmãos, irmãs e papais brancos podiam vê-los, diariamente, bamboleando em suas peles brancas. E, algumas vezes, jogavam, com uma pá, lixo para os seus familiares, outras vezes iam de chapéu na mão, procurando um emprego ou em missões mais desesperadas ainda. Mas eles podiam fazer isso, sabendo o que sabiam. E os homens brancos não podiam suportar isso — sabendo o que sabiam: não é somente no Oriente que o branco é a cor da morte.

Eu me lembro do Reverendo S., por exemplo, um homem pequeno e pálido, com os cabelos parecendo pipocas queimadas, e sua minúscula cidade, onde cada negro pertencia a um branco. Num debate democrático, claro, se diz que cada negro *trabalhava* para um branco, e o mito democrático deseja que acreditemos que eles trabalhavam juntos como homens, e respeitavam e honravam e amavam um ao outro como homem. Mas a circunlocução democrática pretende um nível de liberdade que não existe e não pode existir, até que a escravidão na América chegue a um fim: naquelas cidades, naqueles dias, para falar soamente de cidades e somente daqueles dias, um negro que desagradava seus patrões não teria comida por muito tempo, o que significava que nem sua esposa ou filhos estavam pretendendo viver por muito tempo. Enfim, lá estava ele, o Reverendo S., todo domingo em seu púlpito, com a esposa e os filhos na igreja, e marchas de balas no porão, incitando todo mundo a mover, a marchar e a votar. Porque nós acreditávamos naqueles dias, ou nos faziam acreditar, que a participação negra nas eleições seria protegida por Washington. Eu me lembro também de um Reverendo D., que era também dono de um armazém, e à noite ele me descrevia como se tinha convertido à não-violência. Um comerciante negro do Sul precisa também, como todos os outros comerciantes, comprar em algum lugar, de alguma forma, o feijão que ele coloca nas suas prateleiras para vender. Isto significa que o negociante negro, que é um dos guias espirituais de uma campanha pelo direito ao voto e que é, também, o único que possui um carro e que conduz todo mundo, pode permane-



cer nas suas atividades de comerciante, isto para não falar a respeito de sua pele, assunto extremamente delicado. Este era um homem grande e alegre, tão forte como um cavalo e tão teimoso como uma mula, uma mosca que não estava destinada para o papel de pegar moscas, e portanto ele permaneceu. Mas lhe custou alguma coisa. As bombas não eram ainda o grande esporte sulista que se tornaria moda mais tarde: eles simplesmente atiravam tijolos nos vidros das janelas. Ele e seus filhos se armaram e ficaram na loja às escuras, noite após noite, esperando pelos seus concidadãos que, sabendo que eles estavam armados, não apareceram. E então, uma manhã após a longa noite, o Reverendo D. decidiu que aquela não era uma maneira de um homem ou uma mulher ou uma criança viver. Claro, ele pode, agora, ter sido forçado a mudar de opinião outra vez, mas ele foi a primeira pessoa que tornou verdadeiro, para mim, o conceito de não-violência: mas foi necessário, então, precisamente, o domínio individual e, acima de tudo, a escolha privada, e eu vi, pela primeira vez, quão difícil uma escolha podia ser.

## PARA SER BATIZADO

Eu disse a Jesus que seria melhor  
Se Ele mudasse o meu nome.

— *Popular*



Todas as nações do ocidente foram pegas numa mentira, a mentira de um pretenso humanismo: isto quer dizer que suas histórias não têm justificativa moral, e que o Ocidente não tem autoridade moral. Malcolm, ainda mais concretamente do que Frantz Fanon — desde que Malcolm operava no idioma afro-americano e se referia à situação afro-americana — determinou a natureza dessa mentira e suas implicações relevantes e nítidas para o povo que ele servia. Dado a história e o poder das nações ocidentais, ele deu de modo crescente e nítido as maneiras pelas quais esta mentira se tinha tornado um problema global, ameaçando milhões de vidas. “Vilão como eu sou — constata o personagem de Dostoiévski em “O Idiota”, — eu não acredito nos vagões que carregam pão para a humanidade. Porque os vagões que carregam pão para a humanidade, sem nenhuma base moral de conduta, podem excluir friamente uma considerável parte da humanidade da alegria daquilo que foi trazido; e, portanto, isto já aconteceu”. De fato. E assim é agora. O personagem de Dostoiévski estava falando da eminente proliferação das estradas de ferro e do grande otimismo (que era perfeitamente natural) assim como também dos exaltantes efeitos que esta conquista da distância teria na vida do homem. Mas Dostoiévski viu que o aumento desse poder iria “excluir friamente uma considerável parte da humanidade”. Realmente, era desta exclusão que o aumento do poder inexoravelmente dependia: e agora o excluído — “e, portanto, isto já aconteceu” — de cujas terras foram roubados os minerais, por exemplo, que participam das construções de estradas de ferro, fios telegráficos, televisão, jatos, armas, bombas,



frotas, precisam tentar, a um custo exorbitante, comprar suas riquezas manufaturadas de volta — o que não é remotamente possível, desde que eles precisam tentar esta aquisição com o dinheiro emprestado de seus exploradores. Mesmo se eles tentam resolver sua salvação — sua autonomia — em termos ditados por aqueles que os excluíram, ficam numa posição delicada e perigosa e, se recusam, numa posição desesperada: é difícil saber qual situação é a pior. Em ambos os casos estão diante das necessidades inexoráveis da vida humana e dos rigores da natureza humana. Qualquer um, por exemplo, que tenha trabalhado em, ou presenciado alguns dos programas “anti-pobreza” nos guetos americanos, tem conhecimento imediato da “ajuda estrangeira” nas nações subdesenvolvidas. Nos dois lugares, os mais hábeis aventureiros aumentam suas fortunas e o mais dedicado dos nativos é forçado a tornar-se louco ou inativo — ou subversivo — de frustração, enquanto a miséria de milhões de infelizes e dos que não podem levantar a voz aumenta sempre — e não somente isso — a reação de suas misérias é descrita ao mundo como criminoso. Em nenhuma parte esse exemplo terrível é tão claro como na América de hoje; mas o que a América está fazendo dentro de suas fronteiras, o está fazendo pelo mundo todo. É preciso lembrar que os investimentos americanos somente podem ser considerados salvos onde a população possa ser considerada manejável; com isto em mente, considerar a reação americana com relação aos judeus que se orgulham de enviar armas para Israel e o provável fato de um negro americano que deseje encenar um comício com o propósito de enviar armas para os negros da África do Sul.

A América prova, sem dúvida, se nenhuma nação puder provar, que o homem não pode viver só de pão; por outro lado, dificilmente podem os homens reagir a esse princípio até que tenham — e ainda mais, seus filhos — pão suficiente para comer. A fome não tem princípios; simplesmente faz dos homens, na pior das hipóteses, patifes, e na melhor, perigosos. É preciso lembrar também — sem qualquer exagero — que séculos de opressão são também a história de um sistema de pensamento; portanto aquele ex-homem que se considera mestre e o ex-homem que é tratado como uma mula, sofrem de uma particular espécie de esquizofrenia, em que cada um contém o outro, em que cada um deseja ser o outro. “O que liga um escravo ao seu mestre — observa David Caute, em seu livro “O Declínio do Ocidente” — é mais trágico do que aquilo que os separa”.

É verdade que liberdade política é uma questão de força e não tem nada a ver com moralidade; e se alguém esperava encontrar um caminho ao redor desse princípio, a situação de apuro, que é a situação das nações ocidentais, e a definição das crises americanas, rasgou essa esperança em pedaços. Além disso, os hábitos de meditação reforçam e sustentam os hábitos da força, e não é jamais remotamente possível, para o excluído, tornar-se um participante, porque essa inclusão significa, precisamente, o fim do *status quo* — ou resultaria, como tantos dos sábios e honrados diriam, num cruzamento de várias raças.

Mas para o poder sentir-se verdadeiramente ameaçado é preciso que de alguma maneira sinta a presença de um outro poder — ou, mais precisamente, de uma outra energia — que não consiga definir e conseqüentemente não consiga controlar. Faz muito tempo, por exemplo, que a América vem prosperando, ou parece vir prosperando; essa prosperidade custa a vida de milhões de pessoas. Ora, nem mesmo o povo que é o mais espetacular recipiente dos benefícios dessa prosperidade é capaz de suportar tais benefícios; não os podem compreender, nem fazer, nem ir além deles. Acima de tudo, eles não podem ou não ousam avaliar ou imaginar o preço pago por suas vítimas ou objetos, para essa maneira de vida, e portanto não se podem dar ao luxo de saber porque as vítimas estão se revoltando. São forçados, então, a concluir que as vítimas — os bárbaros — são revoltados contra todos os civilizados valores estabelecidos — o que é e não é verdade — e a fim de preservar esses valores, por mais sufocantes e tristes que tornem suas vidas, a maior parte das pessoas procura desesperadamente representantes que estão preparados para compensar, com crueldade, o que falta, em ambos, em convicção.

Esta é a receita para uma nação ou um império declinar, porque nenhum império pode manter-se somente na força. A força não funciona da maneira pela qual seus defensores parecem imaginar que funcione. Não revela, por exemplo, às vítimas, o poder de seus adversários; ao contrário, mostra sua fraqueza, seu pânico, mesmo, e essa revelação torna a vítima paciente. Além disso, é fatal, ultimamente, criar demasiadas vítimas. O vitorioso não pode fazer nada com elas, porque elas não lhes pertencem. Pertencem ao povo contra o qual ele está lutando. O povo sabe disso, e tão inexoravelmente quanto o livro de chamada — o livro de honra — das vítimas se expande, ao mesmo tempo se tornará ele inexorável. O povo decide que seus mortos, seus membros, não deveriam ter morrido em vão. Quando se chegou



a esse ponto, onde quer que a batalha se encontre, o vitorioso não pode nunca ser vitorioso; pelo contrário, toda sua energia, sua vida inteira estão estreitamente ligadas a um terror que ele não pode enunciar, a um mistério que não pode ler, a uma batalha que não pode vencer — simplesmente tornou-se prisioneiro do povo que pensou acorrentar, amedrontar ou reduzir à submissão.

A força, então, que não pode ter moralidade em si mesma, está ainda dependente da energia humana, da vontade e dos desejos dos seres humanos. Quando a força se transforma em tirania, significa que os princípios dos quais ela dependia, e que eram sua justificativa, faliram. Quando isto acontece — e está acontecendo — a força só pode ser defendida por malfeitores e medíocres — e mares de sangue. Os representantes do *status quo* estão esgotados e divididos, e apavorados olham para dentro de sua juventude, enquanto os excluídos começam a perceber, tendo suportado tudo, que *podem* suportar tudo. Não sabem a forma precisa do futuro, mas sabem que o futuro lhes pertence. Perceberam isto — paradoxalmente — pelo fracasso da energia moral de seus opressores e começam, quase que instintivamente, a forjar uma nova moralidade, a criar os princípios pelos quais um novo mundo será construído.

Eu, minha irmã Paula e meu irmão David moramos em Londres durante algum tempo, em 1968. Londres parecia muito calma, talvez em virtude de raramente sairmos. A casa era grande e assim não nos amontoávamos uns sobre os outros e todos nós podíamos cozinhar. Além disso, sair era perigoso. Londres estava reagindo ao seu acelerado problema racial e criando confusão para negar que o tinha. Meu famoso rosto criava uma espécie de perigo — ou perigos. Por exemplo, eu me lembro de uma moça que estava sentada ao meu lado num cinema e que, repentinamente, me viu na luz do fósforo com o qual acendia seu cigarro. Ela me encarou e estremeceu — a ponto, não sei dizer, se de gritar *Tarado!* ou me pedir um autógrafo. Em todo caso, foi-se embora. Minha parda tribo enfrentava os mesmos problemas, sem aquela tremenda pausa.

Não obstante, Londres estava muito longe de ser uma cidade tão histórica e perigosa como Nova York. Eventualmente, claro, ingleses negros, indianos, estudantes, opositores conscientes e infratores da CIA\*

\* Central Intelligence Authority.

— sem dúvida — me localizavam, como, tínhamos sabido, seria inevitável. Dick Gregory veio para a cidade e repartimos uma plataforma em frente a uma comunidade negra de Londres. Um colonista britânico disse a seus leitores, antes ou durante esse tempo, que queria que eu “ou caísse fulminado ou calasse a boca”; e em King's Road, perto de nossa casa, os hippies ingleses um dia fizeram uma demonstração, carregando cartazes onde se lia “Deixem a Inglaterra para os Negros”. Eu me sentia emprestado a Londres, porque um pouco antes o Home Office, como percebi ao descer no aeroporto de Heathrow, tinha me declarado *persona non grata* à Grã-Bretanha. Acabaram deixando-me entrar, mas levou algum tempo (tinham posto Stokely para fora uma semana antes). Lembrei-me do falecido Lorraine Hansberry quando me falava da solidariedade da força ocidental, e da impossibilidade, para pessoas como nós, de esperar asilo político em qualquer parte do Ocidente. Pensei em Robert Williams, que não pretendia e seguramente nunca desejou ir para o Oriente. E pensei em Malcolm.

Alex Haley escreveu “A Autobiografia de Malcolm X”. Alguns meses antes, ele, Elia Kazan e eu tínhamos combinado fazer do tema uma peça — e até agora gostaria que o tivéssemos feito. Estávamos vagamente cientes de que Hollywood estava faminta por um livro, mas como Hollywood está sempre faminta não ocorreu a ninguém, pelo menos não a mim, levar a coisa seriamente. Simplesmente não era assunto que Hollywood pudesse manejar, e não pensei em nenhuma vantagem em falar com eles sobre isso. Mas o livro foi vendido a um produtor independente, chamado Marvin Worth, que o produziria para a Columbia Pictures. Nessa época, eu ainda estava em Londres; e num dilema. Por uns tempos não acreditei que Hollywood pudesse fazer o filme. Eu quase não percebia — desde que eles declararam com tanta sinceridade e tanta honestidade que desejavam tentar — como poderia eu evitar o desafio. O que veio, na verdade, foi uma dura questão: até que ponto estaria eu de novo preparado para apostar na boa fé dos meus compatriotas?

Naquele tempo, agora tão incrivelmente distante de nós, quando os Muçulmanos Negros significavam para o povo americano exatamente o que os Panteras Negras significam hoje, e quando eles eram descritos exatamente da mesma maneira, por aquele Alto Sacerdote J. Edgar Hoover, e quando muitos de nós acreditávamos — ou nos faziam acreditar — que o estado americano ainda continha dentro de si a força de



auto-confrontação, a força de mudar na direção da honra e do conhecimento e da liberdade, ou como Malcolm se expressou “de expiar”, eu encontrei Malcolm X. Talvez isso diga muito sobre a experiência negra americana, negativa e positivamente, porque muitos acreditaram tão duramente, por tanto tempo, e pagaram um alto preço por acreditar; mas o que essa traída convicção revela sobre os americanos brancos foi apurada e abjetamente somada, no presente, pela então chamada Administração Nixon.

Eu tinha ouvido muita coisa sobre Malcolm, mais do que tinha ouvido sobre qualquer outro, e tinha um pouco de medo dele, mais do que tinha de qualquer outro, e me achava em desvantagem por ter estado fora do país por tanto tempo. Quando regressei à América, fui de novo para o Sul e, portanto, imperceptivelmente, encontrei-me nas estradas a maior parte do tempo. Vi Malcolm antes de encontrá-lo. Eu tinha acabado de voltar de algum lugar como Savannah, e estava dando uma conferência em alguma parte de Nova York. Malcolm estava sentado na primeira ou segunda fila, me fixando, curvado para a frente numa tal posição que seus longos braços quase tocavam os tornozelos de suas longas pernas. Eu quase entrei em pânico. Tinha ouvido falar muito a respeito dele, mas como eu era um menino que vinha das ruas do Harlem, era suficientemente vivo para desconfiar de tudo o que tinha ouvido. Desconfiava porque nós, no Harlem, tínhamos sido traídos tantas vezes. Malcolm devia ser o archote que os brancos diziam que ele era — e embora, em geral, avaliações dessa natureza, de brancos americanos, fossem ridículas e até patéticas, ou essa não teve tão diabólicos resultados, ou ele devia ser o incansável de quem me lembrava dos meus tempos de rua. Por outro lado, Malcolm também não tinha motivo para acreditar em mim — e portanto eu tropeçava na minha conferência, sem que ele jamais tirasse os olhos de cima de mim. É preciso não esquecer que naqueles grandes dias eu era considerado um “integracionista” (não era essa, realmente, a idéia que tinha de mim mesmo) — e Malcolm era considerado como um “racista em reverso”. Essa formulação em termos de força — e força é a arena na qual o racismo se apresenta — não significava absolutamente nada, deve mesmo ser descrita como uma formulação covarde. Os fracos por definição jamais podem ser “racistas”, porque não podem fazer o mundo pagar por aquilo que sentem ou temem, exceto pelo empenho suicida que os faz fanáticos ou revolucionários, ou até mesmo, ambos; por essa razão os do poder podem ser cortesões e encantadores, e convidar você para aquilo que — eles sabem

— você nunca possuirá. Os fracos precisam fazer seus próprios trabalhos sujos. Os poderosos têm quem os faça. Enfim: um pouco mais tarde eu era o anfitrião, ou moderador, num programa de rádio estrelado por Malcolm X e um estudante que participava de um movimento estudantil do Sul. Eu era o moderador porque tanto a rádio como eu tínhamos medo de que Malcolm comesse o rapaz vivo. Eu não queria estar lá, mas não havia jeito de escapar. Tinha vindo preparado para amparar o menino, que deveria estar inseguro; para atirar-lhe o salva-vidas, caso Malcolm tentasse arrastá-lo para o fundo. Nunca um moderador foi tão pouco necessitado. Malcolm entendeu aquele menino e conversou com ele como se estivesse conversando com um irmão mais novo, e com a mesma atenção. O que mais me surpreendeu foi que absolutamente não tentou convertê-lo; tentava fazer o rapaz pensar. Tentava fazer pelo garoto o que supunha tivesse feito por si o Honrável Elijah. Mas não pensei nisso a não ser muito tempo mais tarde. Eu nunca vou esquecer Malcolm e aquele menino, olhando um para o outro, e a extraordinária gentileza de Malcolm. E esta é a verdade sobre Malcolm: ele era uma das pessoas mais gentis que jamais encontrei. E tenho certeza de que aquele menino recorda-se dele também assim. Aquele menino, a propósito, lutando tão valentemente por direitos civis, podia ter sido, juro por qualquer coisa, um Stokely Carmichael, ou Huey Newton ou um Bobby Seale ou Rap Brown ou um dos meus sobrinhos. Isto demonstra o quanto tempo se leva para compreender a traição. *Oh, pioneiros!* “Se você é um cidadão americano, — Malcolm perguntou ao menino — por que você tem que lutar por seus direitos de cidadão? Ser um cidadão significa que você tem os direitos de um cidadão. Se você não tem os direitos de um cidadão, então não é um cidadão”. — “Não é tão simples assim”, o menino disse. “Por que não?” — perguntou Malcolm.

De alguma forma eu fui naqueles dias, inconscientemente, a Grande Esperança Negra do Grande Pai Branco. Eu *não* era um racista — assim pensava eu; Malcolm *era* um racista — assim pensava *ele*. De fato, estávamos ambos encurralados dentro da mesma situação como o pobre Martin descobriria mais tarde (naquela época ele não falava com Malcolm e sentia-se um pouco nervoso comigo). Como grande esperança negra do grande pai branco eu apareci num programa de televisão, juntamente com Malcolm e diversas outras esperanças, incluindo o Sr. George S. Schuyler. Foi simplesmente horrível. Se um dia eu houvesse pensado em me tornar racista, o Sr. Schuyler destruiu essa esperança



para sempre. Mal posso discutir sobre esse programa, exceto para dizer que eu e Malcolm rapidamente demitimos o Sr. Schuyler e literalmente todo o resto, como velhos ratos das ruas e herdeiros dos ministros batistas, e fizemos do programa um jogo decisivo entre nós.

Nada me podia ser mais familiar do que o estilo de Malcolm num debate. Eu o tinha ouvido durante toda a minha vida. Era de uma veemência sem fim e Malcolm era jovem e parecia mais jovem ainda; o que dava a seus oponentes a impressão de que Malcolm era negligente. Ninguém podia ser menos negligente ou mais calculado, mesmo aqueles meios de evasão a que ele se apegava tão freqüentemente. Não eram, absolutamente, meios de evasão, mas a corda do carrasco, como qualquer um mais incrédulo logo descobriria. Sempre que isso acontecia, o interlocutor estrangulado invariavelmente olhava para mim, como sendo o mais “razoável”, para dizer alguma coisa que pudesse afrouxar mais a corda. O Sr. Schuyler freqüentemente dizia *mesmo* alguma coisa, mas era sempre a coisa errada, dando novamente a Malcolm uma outra oportunidade. Tudo o que eu podia fazer era colaborar em alguns dos pontos de vista de Malcolm, modificá-los ou enfatizá-los, ou tentar esclarecê-los melhor, mas não havia possibilidade de deixar de concordar com ele. Os outros estavam discutindo o passado ou o futuro, ou um país que poderia ter existido algum dia, ou um que talvez pudesse ainda existir; Malcolm falava do amargo e irrefutável presente. E era demasiado importante que isso fosse ouvido por todo mundo para tentar suavizá-lo. Era importante, claro, que as pessoas brancas ouvissem, se ainda fossem capazes de ouvir; mas era de máxima importância que os negros ouvissem, por causa de sua moral. Era importante que soubessem que havia alguém como eles na vida pública, dizendo a verdade sobre sua condição. Malcolm considerava-se propriedade espiritual do povo que o havia gerado. Não se considerava seu salvador, era modesto demais para isso e cedeu o papel a um outro; mas considerava-se servidor dele e a fim de não trair essa confiança estava pronto a morrer — e morreu. Malcolm não era um racista, nem mesmo quando pensava que o era. Sua inteligência era mais complexa; contudo, se houvesse sido um racista, poucos neste país racista o teriam considerado perigoso. Ele teria sido familiar e até mesmo reconfortante; sua conhecida raiva confirmava a realidade da força branca e sensivelmente inflamava uma bizzarra espécie de culpa erótica sem a qual, estou começando a acreditar, a maior parte dos americanos de maior ou menor convicção liberal sim-

plesmente não pode respirar. O que o fazia inusual e perigoso não era o seu ódio por gente branca, mas o seu amor pelos negros, sua apreensão pela horrível condição dos negros, as razões disso, e sua determinação, portanto, para trabalhar nos corações e nos espíritos deles tinha por finalidade fazê-los capazes de enxergar sua própria condição e transformarem-na eles próprios.

Para isso, afinal de contas, não eram necessárias as pessoas brancas; elas constituíam, *en bloc*, o maior dos obstáculos para o auto-conhecimento do negro e tinham de ser consideradas uma ameaça. Mas a gente branca tem representado um papel tão dominante na história do mundo, e por tanto tempo, que tal atitude em relação a essa gente constitui novidade desagradável; e é preciso acrescentar que, embora nunca tenha aprendido a viver com o irmão escuro, não olha para adiante a fim de aprender como viver sem ele. Malcolm, entretanto, era um revolucionário genuíno e com um impulso viril fugiu ao padrão de vida americano. Ele mesmo, de fato, era uma espécie de revolução, no sentido de um retorno a um princípio formal que se opunha ao anterior e no sentido de uma elevação. Era inútil especular se no seu provável destino ele tinha sido legalmente branco. Dada a opção do homem branco é provavelmente justo assim como para todos nós que ele era legalmente preto. Numa igreja, um dia, distantemente imaginada e imaginável, ele será aclamado como um santo. Claro, esse dia resulta da capacidade produtiva temporal que Malcolm, finalmente, compreendeu tão bem. Roma, por exemplo, acabou de dessantificar alguns santos e inventou outros, se alguém pode utilizar tão útil palavra em relação a uma atividade tão divina; e o Papa esteve na África, sem dúvida compelido a ir, e de qualquer maneira, com atraso, no que lhe concernia às almas dos camaradas negros. Quem ousa imaginar, no futuro, uma litania *tão negra quanto eu!* Malcolm, a propósito, tinha muito em comum com os verdadeiros santos e profetas: se não tinha a força para expulsar os cambistas do templo, tinha-a, ao menos, para dizer ao mundo o que eles estavam fazendo lá.

Por razões que nunca irei entender, no dia em que percebi que uma peça baseada na “A Autobiografia” não ia ser feita, e que cedo ou tarde eu teria que dizer sim ou não à idéia de fazer um filme, voei para Genebra, que está longe de ser a minha cidade preferida. Jamais saberei como cheguei lá sem artigos de toalete, sem escova de dente, sem pasta de dente, sem barbeador, sem escova de cabelo, sem pente e virtualmente sem roupas. Tenho um cunhado e uma cunhada vivendo em Genebra, gosto muito de ambos e nem me ocorreu que eles continuavam



vivendo lá. Não havia trazido comigo senão "A Autobiografia". E me tranquei no quarto do hotel todo o longo fim de semana, com as persianas baixadas, lendo e relendo — ou melhor, atravessando — interminavelmente o grande pântano que é o livro de Malcolm.

Os problemas de adaptação cinematográfica iriam ser formidáveis e um forte bom-senso aconselhava-me a não me deixar envolver. Possivelmente, a não ser pesares, nada me traria. Teria preferido fazer do livro uma peça, mas essa possibilidade tinha desaparecido. A respeito de Hollywood, tinha várias dúvidas e temores. Havia estado lá antes, e não gostara. A idéia de Hollywood fazendo uma interpretação honesta de Malcolm me parecia inacreditável. Contudo, eu não queria passar o resto de minha vida pensando: *poderia ter sido feito se você não fosse covarde*. Eu sentia que Malcolm nunca iria me perdoar por isso. Ele tinha confiado em mim em vida e eu acreditava que confiasse em mim na morte — e essa confiança, tanto quanto me dizia respeito, era minha obrigação.

De Genebra fui a Londres encontrar meus irmãos. Foi de Londres que telegrafei a Kazan para dizer que a peça tinha sido cancelada e eu estava indo fazer um filme. Fiz isto apenas para livrar Kazan de encrencas, porque não telegrafei a ninguém mais e não tinha feito acordo para fazer o filme. Tudo ainda estava muito confuso e incerto na minha mente.

Nesse tempo, através de William Styron, eu soube que um amigo meu, um negro, estava preso em Hamburgo, na Alemanha, sob acusação de homicídio. Chamava-se William A. (Tony) Maynard Jr., e tinha trabalhado para mim durante um certo tempo, alguns anos antes, como guarda-costas, chofer e ajudante. Ele tinha sido detido pela Interpol e estava numa prisão em Hamburgo, de onde provavelmente seria extraditado para os Estados Unidos. O crime tinha sido cometido em Nova York, em Greenwich Village, em abril de 1967. Tony escrevera uma carta para Bill. Conhecia-o porque muitas vezes tinha me conduzido à casa dele, em Connecticut, e sabia que Bill era muito mais estável do que eu. Era uma forma de me alertar, a mim e a todos os outros amigos que tinha fora, de sua desesperada situação.

Eu não duvidei de sua inocência. Tony é um homem grande e muito mais falador do que discreto e teve a sua parte nas brigas de rua; mas era difícil imaginá-lo matando alguém, especialmente, como era dito, com uma espingarda de cano serrado. Ninguém que conhecesse

Tony poderia acreditar que ele desceria tanto, a ponto de ser visto com arma tão deselegante. Porque ele tinha, na verdade, a aparência de uma pantera, a elegância de um rapaz de cidade — andava tão sinuosamente como um gato — e um orgulho traiçoeiro, sensitivo, perigoso, o que nos anos em que trabalhamos juntos causou toda uma série de infrutíferos problemas; e ele tinha uma queda pelas mulheres brancas (que tinham uma queda por ele) e isto dava-lhe uma aparência viril e agressiva, particularmente inatraente ao NYPD\*. Eu não vira Tony durante alguns anos. Nós trabalháramos juntos em comícios e demonstrações de direitos civis, mas após o bombardeamento da Escola Dominical de Birmingham — o evento mais depreciativo na história vergonhosa deste país, e que causou um efeito devastador em todo o povo negro — tivemos uma séria discussão a respeito da estratégia usada para resolver uma greve de aluguel e após isso tomamos caminhos diferentes. Mas eu ainda o considerava um amigo. Escrevi-lhe, e voei de Londres para Hamburgo, a fim de visitá-lo.

Naquele inverno, no começo do ano de 1968, Londres estava fria, úmida e cinzenta. E Hamburgo absolutamente gelada, seca como um osso, e coberta de neve; e o sol, que nunca aparece em Londres, brilhava em Hamburgo o dia todo: *über alles*. Os alemães dizem que Hamburgo é a cidade que mais se assemelha a Londres. Difícil saber, pelo tom deles, se estão elogiando ou se queixando, e confesso que não sentia essa semelhança: para mim faltava o impressionante espreguiçamento de Londres. Contudo, isso confirma a minha antiga idéia de que britânicos e alemães são primos. Hamburgo parece uma cidade construída somente para os propósitos de negócios de estado — uma extraordinária sequência de fachadas de pedra. Faz a gente pensar em trombetas: deve haver no mínimo seis trombetas em cada telhado. As pessoas são tão amigáveis como as de Londres, e igualmente cortesias, de uma cortesia tão decisiva como a subida de uma ponte levadiça e tão inquietante como a profundidade de um fosso a nossos pés. Atrás das fachadas, claro, vive a cidade, furtiva, paranóica, puritana, obcecada e apaixonada por aquilo que imagina ser o pecado — e também por aquilo que imagina ser a alegria: é difícil, na cultura ocidental, a distinção entre ambos. A prisão não era longe do meu hotel e eu, eventualmente, obtinha senso de direção suficiente para ser capaz de caminhar de um castelo para outro. Todo tempo que passei em Hamburgo, gastei-o entre esses dois pontos fixos.

\* New York Police Department. (N. do T.)



O hotel chamava-se "As Quatro Estações". Por causa do caso Maynard, eu uma vez telefonei ao Senador Jevite, de lá. E uma vez esbarrei com Pierre Salinger, no vestíbulo, quando ele saía e eu entrava. Se não estivesse saindo com tanta pressa, e se eu o conhecesse melhor, podia ter tentado discutir o caso com ele. Precisava de ajuda e de um conselho, e sempre gostei do Sr. Salinger. Mas eu não sou bom para abordar pessoas, além do que aprendi que isso as assusta.

Não é coisa fácil conseguir permissão para visitar um prisioneiro. Sem a extraordinária cooperação dos meus editores alemães, eu nunca o poderia ter conseguido. Mas conseguimos, e finalmente chegou o dia em que fui colocado numa sala de espera da prisão de Holstenglacis.

A prisão é um complexo de atemorizantes estruturas, esparramadas sobre uma área muito grande — um pouco como o complexo da Ile de la Cité em Paris, ou da Center Street em Nova York — mas não se assemelha a nenhuma delas. É muito mais medieval e dá a impressão de estar muito mais isolada — embora, como eu disse, se possa chegar lá a pé, indo do meu hotel extraordinariamente elegante. As ruas ali em volta estavam cheias de buracos — homens trabalhando. Aprendi o caminho porque parecia que os táxis nunca passavam por ali; havia um bonde, mas não soube como tomá-lo, aliás esse bonde parecia não passar perto da prisão. As únicas pessoas que eu via ali em volta estavam ligadas à prisão ou eram visitantes: podia-se reconhecer os advogados pelas suas pastas e o ar pouco refinado de auto-importância. Para visitar um prisioneiro é preciso, claro, ter um passe. Eu não era legalmente ligado a Tony por parentesco e meu único pretexto para ter o direito de visitá-lo (um direito que me tomaram, mais tarde) consistia em ser o único amigo que ele tinha na Alemanha e o fato de eu ter feito quase que uma longa viagem para vê-lo. Isto tudo foi arranjado entre meus editores e o advogado e nunca saberei realmente como foi feito. Mas enfim, numa tarde gelada, o advogado tocou a campainha da grande porta que se abriu e nos permitiu entrar. Então, fui colocado na sala de espera, e na minha frente, dois ou três degraus acima, estava a grande porta de barras de ferro que conduzia ao interior da prisão. Havia duas ou três pessoas comigo na sala. Um homem, silenciosamente, ofereceu um cigarro e eu, silenciosamente, o peguei. A fumaça entre nós significava então toda a comunhão que possuíamos.

Eu estava assustado, de uma maneira que é difícil descrever. O fato de que aquela era a lendária Alemanha do Terceiro Reich, e aquela uma prisão alemã, certamente tinha alguma coisa a ver com o meu esta-

do de espírito. O meu medo não era de vê-lo, mas sim de ver o que tinha acontecido a ele — dentro dele esse modo de sentir de alguém, quando está para encontrar o ser amado que passou por grandes desgraças. Não se pode saber o que foi deixado da pessoa. A ajuda humana frequentemente chega tarde demais, e se este ser realmente voltou a face para a parede, ninguém mais o pode ajudar. A grande porta de barras se abria com frequência, deixando sair gente; então fui chamado, ou me fizeram um gesto e subi os degraus de pedra, parando diante das barras; o carcereiro me sorriu quando girou a chave na fechadura. Logo mais fui introduzido numa outra sala de espera, apertada, dois longos bancos de cada lado de uma longa mesa. Os prisioneiros se sentam de um lado e os visitantes do outro. O guarda permaneceu na porta. Alto e mais magro do que jamais eu o tinha visto, com os ossos da face querendo saltar fora da pele, os cabelos compridos demais, usando roupas que ele detestava e com os olhos vermelhos e acesos, Tony parou e sorriu. Nós nos abraçamos por um momento e sentamo-nos, olhando um para o outro, e Tony sorriu. Constatei que ele não voltara o rosto para a parede. Disse ele:

— Ei, como vai você?

A sala estava lotada e eu não sabia o que lhe dizer. Seria difícil discutir o caso dele.

— Por minha alma, — disse Tony — eu não fiz aquilo.

Eu estava feliz por ouvi-lo dizer isso, embora ele não precisasse dizê-lo.

— Por minha alma, — eu disse — nós vamos tirá-lo daqui.

Entre a noite do dia 3 e a manhã de 4 de abril, em 1967, um fuzileiro naval, Michel E.Kroll, foi assassinado na Terceira Rua Este, em Greenwich Village.

De acordo com as histórias dos jornais, ele foi morto como resultado de sua intervenção em uma acalorada discussão que um jovem marinheiro, Michael Crist, estava tendo com dois homens, um branco e um preto. O preto foi descrito como tendo uns vinte anos e mais ou menos um metro e setenta e sete de altura. (Tony estava então com vinte e sete anos e tinha mais de um metro e oitenta). Os dois homens, o preto e o branco, logo tinham ido embora, mas Kroll e o marinheiro, aparentemente, os seguiram e uma nova briga começou, terminando com o preto tirando uma espingarda de cano serrado de dentro de sua jaqueta e dando um tiro na cabeça do fuzileiro, matando-o instantaneamente. A



alegação foi de que tudo isso aconteceu porque o preto tinha feito uma proposta indecente ao marinheiro.

— Você pode me imaginar fazendo isso? — perguntou Tony.

Seu rosto refletia vivamente o extraordinário desprezo que ele sentia por muitos da raça humana. — Desde quando eu *falo* — sua face se convulsionou como se estivesse vomitando — com gente daquela laia?

Verdadeiramente, qualquer um, conhecendo Tony e ouvindo tal descrição de sua conduta, teria sido forçado a concluir que Tony subitamente enlouquecera. Tony dificilmente falava a estranhos que falavam com ele — quando trabalhávamos juntos, ele reclamara sem parar porque eu era “demasiado simpático com aquelas mães”; ele tratava quase todo mundo que não fosse de sua intimidade com um aborrecido e paciente desprezo. Era impossível imaginar o arrogante Tony andando pelas ruas da Village e abordando estranhos. Sobre a proposta indecente a única explicação plausível era a de o marinheiro ter compreendido (tomado) um insulto por um convite. Mas o difícil era imaginar Tony falando com ele e, ainda mais difícil, imaginar que o marinheiro se aproximaria e falaria com ele. Tony parece perigoso. Não se teria conduzido de tal forma, mesmo se estivesse bêbado — ele fica doente muito antes de ficar bêbado. Finalmente, para acreditar em tudo isso, era preciso inventar um Tony que ninguém conhecia.

O que, é claro, não criaria nenhuma dificuldade para a polícia, o júri ou o juiz.

“Antes de sair de Nova York” — um outro amigo negro me dizia em Paris, muitos anos atrás — “bem, você sabe, eu estava vivendo com esta guria branca e a gente ia maneirando junto, claro, e nós costumávamos tomar café tarde da noite ou então bem cedo pela manhã, na esquina de Sheridon Square. E a vizinhança não gostava disso, os *tiras* também não gostavam disso. Algumas vezes eles vinham encher o saco da gente — fazendo gozação e pedindo minha carteira de reservista, querendo saber onde eu vivia e um monte de coisas mais. Sabe, eles na verdade, não *faziam* nada. Não estávamos aborrecendo ninguém, não tomávamos drogas ou puxávamos fumo, e embora a família dela não gostasse da situação, o fato é que ela era branca e os *tiras* não sabiam o que os pais dela poderiam fazer, se eles realmente arrandassem encrencas para a filha deles. A família dela era respeitável e tinha algum dinheiro. Mas se *eles* não faziam nada, você pode imaginar o efeito que provoca-

vam nas pessoas — diziam para todo mundo que não haveria problema se alguém nos desse uma surra. Um dos *tiras* me viu uma vez, quando eu estava sozinho e disse, — “eu ainda vou lhe dar umas pancadas”. Exatamente assim, me olhando nos olhos. Eu comecei a sonhar com aquele tira. Ele nunca mais falou comigo, só me olhava daquele jeito toda vez que nos encontrávamos nas ruas. Eu sabia que ele pretendia fazer o que tinha dito. Portanto, ajuntei uns cobs e dei o fora”.

Eu conheci há muito tempo atrás, em Village, uma jovem loira, mas dificilmente saíamos juntos de casa. Ela estava mais segura andando sozinha pelas ruas, do que se andasse comigo — um fato humilhante e brutal destruiu completamente todo o relacionamento de amizade que essa jovem e eu havíamos conseguido alcançar.

Isto acontece freqüentemente na América, mas os americanos não perceberam como esse fato é sinistro e como repercute mal para eles. Quando saíamos à noite, ela partia sozinha na minha frente. Eu esperava cinco minutos para então sair e, caminhando por outras ruas, ia encontrá-la na plataforma do metrô.

Fingíamos não conhecer um ao outro, subíamos para o mesmo vagão e sentávamos cada um numa extremidade e separadamente percorríamos as ruas dos homens livres e heróicos, para onde quer que estivessemos indo, à casa de algum amigo ou a um cinema.

Havia um só restaurante onde eventualmente jantávamos e que era dirigido por uma negra. Nós éramos muito jovens e estávamos lutando por nossas vidas. Quanto à polícia, nossa protetora, jamais teríamos sonhado em chamá-la. Nossa amizade foi a causa de sermos ameaçados por ela de uma maneira indescritível e quase inconcebível: a polícia instigava a multidão, permanecendo rindo e conversando enquanto nós éramos cuspidos e insultados.

Quando estou com uma moça eu não corro, jamais poderia fazê-lo; exceto uma vez, quando uma com quem eu dormia me esbofeteou em pleno Washington Square Park. Ela pensava ser superior e gritava: *turado!* — e eu então corri. Ainda me lembro do dia e da hora, da luz do sol, das caras das pessoas, e da expressão do rosto dela — tinha os cabelos ruivos e curtos — jamais esquecerei essa guria. Até hoje estou surpreso por ainda ter os dois olhos, a maior parte dos meus dentes, meus rins funcionando e todo o meu equipamento sexual. Mas os jovens negros sabem dobrar-se e rolar como bolas, com os socos e pontapés. Cla-



ro, eu era um bom alvo para a polícia. Eu era negro, bem visível e indefeso e a ordem dada era “dê-lhe umas pancadas” e assim, logo, eu também dei o fora. As prisões deste país estão cheias de rapazes iguais ao rapaz que eu era.

— Muito bem — gritou Tony, com lágrimas nos olhos —. Tenho vinte e oito anos e sou um criminoso, certo? Fui fichado — agora eles podem fazer o que quiserem!

Tony tinha sido preso quatro anos antes, como participante de uma demonstração pelos direitos civis — isso foi arquivado; depois, acusado por estar envolvido com narcóticos; depois, acusado de ter roubado um sobretudo — “Eu estava dirigindo um negócio! Quem vai roubar um sobretudo de sua própria loja?” — e depois acusado de roubo de um carro. Ele foi processado somente pela acusação do roubo do carro, que depois foi suspensa. Todavia, a acusação do roubo de carro se tornou o ponto mais importante de sua vida. Ele ficou detido mais ou menos uns dois meses — isto aconteceu após o crime e muito antes de estar nele envolvido — e depois libertado sob fiança. Mas um Tony completamente abalado e ameaçado pela polícia, que prometera agarrá-lo, obtendo a fiança, embarcou para a Alemanha. Ele já estivera lá antes, e tinha sido feliz. Essa fuga tornou-se seu maior erro: mas ele não poderia supor que o deteriam na Alemanha por ter sido acusado de furtar um carro — a marca da arrogância particular de Tony foi a causa dele atuar como se o conhecimento privado de sua inocência constituísse prova pública e irrefutável. *Eu nunca poderia fazer uma coisa como aquela:* com arrogância ele repudia a acusação e é injuriado — e tomado de surpresa — quando os outros não acreditam naquilo que ele supõe seja a sua palavra sagrada. E de fato, quase que a primeira coisa que ele fez na Alemanha, foi registrar sua presença na Embaixada Americana, dando-lhe seu endereço — uma conduta incomum, realmente, para alguém de quem se suspeita ser um assassino.

O crime ocorreu em abril. O alegado roubo do carro aconteceu anteriormente, mas Tony foi processado por esse roubo, bem depois do crime ocorrer, mais ou menos em maio. Esteve preso uns dois meses e então foi libertado sob fiança. Chegou a Hamburgo em 22 de outubro. Em 25 de outubro, um detetive, Hanst, de Nova York, apresentou queixa onde declarava que “como resultado de informações recebidas e investigações feitas” Maynard era culpado de homicídio. Em 27 de outubro, o juiz Weaver, de Nova York, telegrafou para o chefe de polícia de

Hamburgo, pedindo a prisão de Maynard. Mas foi somente a 31 de outubro que o depoimento onde o caso inteiro se baseia apareceu. Era assinado por um certo Dennis Morris, cujo endereço é no Brooklin, e ele identifica Tony Maynard por meio de uma fotografia instantânea de passaporte. Lê-se em seu depoimento: “Que na manhã de 3 de abril de 1967 (alega-se ter o crime acontecido na manhã do dia 4) eu estava na Quarta Rua Este, perto da Sexta Avenida, na cidade, condado e estado de Nova York, e vi um homem, agora conhecido por mim como William A. Maynard Jr., cuja fotografia à qual eu coloquei minhas iniciais e que aparece abaixo e é parte deste, atira e mata um homem agora conhecido por mim como Michael E. Kroll. Vi então o dito William A. Maynard Jr. fugir da cena do crime”.

Este documento, para não dizer nada da data do seu aparecimento, impressionou-me extraordinariamente. Surgiu seis dias após a prova de Hanst e quatro dias depois do telegrama do juiz Weaver — para não comentar, ainda, que a identificação oficial do assassino, por meio de fotografia, ocorreu sete meses após o crime. Dennis Morris não apareceu até este momento e ninguém sabe nada sobre ele. A lógica testemunha ocular, Crist, que esteve cara a cara com o assassino, desapareceu completamente. (Ele está para reaparecer durante o julgamento de Tony, com uma convincente desculpa por ter estado fora tanto tempo). De qualquer forma, Maynard esteve sob a vigilância da polícia por meses e durante esse tempo a polícia estava presumivelmente investigando o crime, presumivelmente agarrando brancos e negros por grupos e colocando-os em fila, e parece que nunca lhe ocorrera associar Maynard ao crime. Incidentalmente, o outro, o branco, desaparece completamente e para sempre da investigação, como se nunca houvesse existido.

Assim, nessa forma grosseira, estava o caso até aquele momento, quando pôde ser reconstituído na Alemanha. O tempo determinava a revisão de diversos e fracos detalhes, mas o esboço nunca mudou. Julgou-se importante provar mais tarde que durante aquele tempo Tony estivera envolvido com duas mulheres brancas; uma delas, Giselle Nicole, por causa dos extremos tormentos sofridos na polícia, desapareceu. A outra, Mary Quinn, casou-se com ele. Não viveram felizes depois disso e a subsequente conduta de Mary Quinn estava muito longe de ser a de uma esposa apaixonada.

De acordo com o tratado entre a Alemanha e os Estados Unidos, duas classes de prisioneiros não estão sujeitos à extradição: prisioneiros



políticos e os ameaçados de pena de morte. Tony queria lutar contra a ação judicial de extradição, porque tinha a certeza de que seria morto se voltasse para sua terra. Este medo pode surpreender o americano comum e parecer absurdo, embora ele saiba que a violência é a herança e o castigo de seu país. Eu não podia, claro, concordar com Tony, mas não julgava seu terror, excessivamente controlado e além disso muito comovente, absurdo. Mas eu não tinha a mais remota noção de como lutar contra a sua extradição. Ironicamente, o maior obstáculo recaía no fato de Nova York ter abolido a pena de morte. A contestação poderia ser feita, então, somente no terreno político. Concordo com a posição dos Panteras Negras no que se refere aos prisioneiros negros: nenhum deles jamais teve um julgamento favorável, porque nenhum deles foi jamais julgado por um júri de seus iguais. A classe branca americana é sempre o júri, e nada sabe absolutamente sobre a vida das pessoas que está julgando: e tal fato não é alterado, ao contrário se torna ainda mais implacável pela presença de um ou dois elementos negros no júri.

Mas seria difícil realmente convencer uma corte alemã das implicações políticas da detenção de um negro; difícil, se não impossível, convencer especialmente uma nação "amiga" dos Estados Unidos, a que ponto negros americanos são prisioneiros políticos. Muhammad Ali, formalmente Classius Clay, é um exemplo vivo do que pode acontecer a um negro que obedece à injunção americana *ser fiel à sua fé*, mas sua estória na imprensa tem sido tão corrompida que ele é também um exemplo atemorizante. Muhammad Ali é um dos melhores "negros maus" e tem sido publicamente vestido como tal mas, desde que eu tinha de evitar as saídas religiosas, que não tinham nada a ver com o caso de Tony, não podia citá-lo como exemplo. O caso de Maynard não estava, também, ligado aos interesses das organizações dos direitos civis ou com a NAACP; era, simplesmente, um outro caso de malfeitor negro sendo atirado à prisão. As complexidades das razões, impondo tal como um destino, dificilmente poderiam ser enunciadas numa carta a uma corte alemã. Havia, ainda, o grande e delicado problema da publicidade. Embora eu não tivesse escolha, porque certamente não podia abandoná-lo, estava temeroso de que minha presença no caso pudesse trazer enormes desvantagens a Tony. Eu pretendia lutar contra o processo de extradição tão duramente quanto pudesse, mas sabia que muito improvavelmente poderíamos vencer. No caso de perdermos, Tony seria levado a julgamento e qualquer publicidade anterior a esse julgamento podia certamente ser considerada prejudicial. Por outro lado, Tony e meu editor alemão acha-

vam que um apelo à imprensa seria bastante favorável. E realmente terrível para alguém encontrar-se numa posição em que qualquer atitude pode levar a um resultado irreparável para um outro. Eu me encontrava nessa delicada posição, mas o problema bruscamente me foi tirado das mãos.

Numa escura tarde gótica, mais retardada pelo fato de que tínhamos passado horas tentando achar uma solução — difícil, se esta precisa ser ditada pelas leis de dois países diferentes e pela psicologia não muito diferente de dois povos — o advogado alemão, meu editor e eu chegamos à porta da prisão de Holstenglacis. Nós estávamos confusos porque, embora não estivéssemos propriamente atrasados, sabíamos que chegávamos exatamente na hora em que os prisioneiros estavam prestes a serem levados para cima, para comer; além disso — outro truque bolado pelos meus editores alemães — eu e Tony não mais nos encontrávamos na pública sala de espera, mas em uma outra, pequena e privada, onde podíamos fumar, onde podíamos falar. Era uma enorme concessão, e estar atrasado podia facilmente implicar em perdê-la.

Somente eu e o advogado tínhamos passe para entrar. Meu editor Fritz Raddadtz — um alemão anti-nazista que tinha cicatrizes para o provar — absolutamente não tinha o direito de entrar. Mas o guarda que abriu a porta também parecia confuso e, sem examinar o passe de ninguém, permitiu que nós todos entrássemos na sala onde, ele sabia, costumava eu esperar por Tony.

E lá esperamos, algum tempo. Um outro confuso funcionário apareceu explicando que Tony não se achava em sua cela e não podia ser visto naquele dia. Meu editor alemão pressentiu que alguma coisa não ia bem — eu, não ainda — e o advogado pareceu espantado — e lembrou que Tony, na cela dele ou não, encontrava-se, certamente, em algum lugar da prisão, e que nós estávamos perfeitamente preparados para esperá-lo naquela sala até a manhã seguinte ou semanas, se fosse necessário: enfim, que não sairíamos até que víssemos Tony. O confuso funcionário desapareceu de novo. Então, depois de um longo tempo, trouxeram o aniversariante.

Alguém tinha dado mancada naquela prisão; após essa visita, cabeças seguramente rolaram. Tony tinha sido espancado e espancado duramente. Seus ossos da face tinham desaparecido e um dos seus olhos estava arroxado; ele parecia inchado abaixo do pescoço e abriu o colarinho da camisa para nos mostrar o intumescimento nos seus ombros. E



estava chorando, embora tentasse não fazê-lo — eu o tinha visto com lágrimas nos olhos, mas nunca o vira chorando.

Porém, quando eu disse que cabeças seguramente rolaram e que alguém tinha dado mancada, não quis dizer que a mancada foi a surra que deram em Tony. A mancada foi nos terem deixado vê-lo. Ninguém iria acreditar em mim, se contasse isso, e muito menos no advogado. Mas Fritz sabia o que era ser surrado na prisão. E ele não somente alertou a imprensa alemã, como também, sustentado pelo peso de uma das mais poderosas editoras alemãs, moveu uma ação judicial contra o Estado. Enfim, lá estava no fim das contas a coisa nos jornais, e eu também tive que me encontrar com os jornalistas.

“Eu tinha um medalhão religioso” — Tony disse (ele tinha se tornado uma espécie de Muçulmano ou, pelo menos, anti-cristão) — “e o guarda me disse outro dia que eles iam me permitir usá-lo de novo. Porque eles me tomaram o medalhão, sabe, e eu o queria de volta. Ele significava muito para mim — e não vou me matar com ele, eu não vou me matar. Então, quando o guarda entrou, eu lhe perguntei, porque ele tinha me dito que iria trazê-lo de volta na sexta-feira.” (E era sexta-feira). “Ora, não sei porque ele ficou irritado e foi embora. Eu comecei a bater no chão de minha cela, tentando fazê-lo voltar e me ouvir, pelo menos para explicar *por que* eu não poderia usá-lo depois dele ter prometido. E então a porta se abriu e quinze homens entraram e começaram a me bater — quinze homens!”

Na primeira página de um dos jornais alemães que, inconscientemente ou por astúcia, colocou uma antiga fotografia minha abaixo da notícia, podia-se ler: “Tony nunca mente!” Isto significava pelo menos duas coisas, porque era impossível, humanamente, que essas palavras não tivessem um sentido dubio. — Significava que Tony nunca tinha mentido para mim, embora eu freqüentemente o observasse tentando me desiludir com suas desilusões; mas nós, seres humanos, fazemos isso uns com os outros o tempo inteiro. Amigos e amantes são capazes, algumas vezes — não sempre — de resistir e corrigir as desilusões. — Mas o fato de algumas pessoas serem mentirosas, e outras não, é uma coisa excessivamente difícil de captar. Nós retornaremos a esse tema mais tarde. Em algum lugar da Bíblia há esta observação de dureza vítrea: *Vós sois mentirosos e a verdade não está em vós.*

Eu estava em Londres quando Malcolm foi assassinado. Minha irmã, Glória, que trabalhava para mim, tinha o hábito, quando decidia que era tempo de me tirar da cidade, de simples e arbitrariamente aceitar um convite, pouco se importando para onde, e enfiar-me num avião. Uma vez, por exemplo, nós nos encontramos ao sol da meia-noite de Helsinki. Desta vez, éramos hóspedes dos meus editores britânicos em Londres, e estávamos hospedados no Hilton. Nessa noite estávamos livres e decidimos oferecer-nos um jantar divertido e amigável. Lá estávamos nós à mesa, elegantemente vestidos, os pratos encomendados e aproveitando a companhia um do outro. O garção-chefe veio dizer que chamavam ao telefone. Glória levantou-se para atender. Quando voltou estava muito estranha, não disse nada, e eu comecei a sentir medo de perguntar-lhe alguma coisa. Então, beliscando algo que obviamente não estava saboreando, ela disse: — “Bem, eu preciso lhe dizer porque os jornalistas estão a caminho daqui. Acabaram de matar Malcolm X”.

A imprensa britânica disse que eu acusei gente inocente desse crime. O que tentei dizer na época, e tentarei repetir agora, é que a mão que puxou o gatilho não comprou a bala. Aquela bala foi forjada com aço do cadinho do ocidente, aquela morte foi ditada pela conspiração mais bem sucedida na história do mundo, e o seu nome é supremacia branca.

Anos e anos e anos atrás, um negro amigo meu se matou, em parte pelo que tinha sofrido nas mãos de seus compatriotas porque estava apaixonado por uma moça branca. Eu tinha estado fora e não sabia que ele tinha morrido. Uma noite, saindo da estação do metrô, justamente quando o trem chegava do outro lado da plataforma, encontrei um homem conhecido, a descer correndo as escadas para apagar o trem. Ele me viu e gritou — “Sabe o que aconteceu com Gene?” — “Não”, eu gritei, “o que aconteceu?” — “Ele morreu”, disse o apressado homem, e as portas do metrô se fecharam e o trem foi arrastado para fora da estação.

Quando George Bernard Shaw escreveu “Joana D’Arc”, teve a imensa vantagem de nunca tê-la conhecido. Ele nunca a tinha visto andar, nunca a tinha ouvido falar, nunca foi perseguido por nenhum desses infinitesimais, inimitáveis tons, voltas, tiques, reviravoltas, que são diferentes em cada ser humano, e que fazem do amor e da morte uma coisa tão inexoravelmente particular. Tinha as vantagens do pa-



norama histórico: as forças responsáveis pela morte de Joana, assim como os aspectos em que ela mesma foi responsável, estavam arranjados tão claramente como as peças num tabuleiro de xadrez. As forças responsáveis por aquela morte e as forças libertadas por ela tiveram um longo tempo para se fazerem sentidas e, embora Joana fosse um enigma para seu tempo, não era uma enigma para o tempo em que Shaw começou a manejá-la; o enigma podia ser lido no efeito dela no tempo. Seguramente ela fora queimada e em algum lugar mais atenciosamente canonizada e não mais constituía qualquer ameaça concebível a qualquer ser vivente. Ela foi, como Shaw mostrou, uma das primeiras nacionalistas e terrificava, igualmente, os proprietários feudais e os príncipes da igreja, recusando conceder-lhes suas validades.

Eles não tinham escolha, a não ser queimá-la, o que, claro, não alterou um jota à exatidão da profecia ou à inevitabilidade dos destinos deles. Mas é uma coisa muito diferente tentar negociar com o presente, no presente e com um contemporâneo, jovem, odiosamente morto tão cedo e que se torna, além do mais, muito antes de morrer, uma legenda muito disputada. E há, desde sua morte, realmente, um Malcolm para cada convicção. Gente que o odiava, gente que o desprezava, gente que o temia e gente que, de vários modos e graus de profundidade, de acordo com sua inteligência ou ignorância, o amava, todos clamam por ele agora. É fácil clamar por ele agora, tão fácil como o é, para a igreja, clamar por Santa Joana.

Mas, conquanto essa tempestade de vozes humanas crie uma grande dificuldade, não cria a maior de todas. A maior de todas as dificuldades é aceitar o fato de que o homem está morto. Uma coisa é *saber* que um amigo está morto e outra coisa aceitar, dentro de nós mesmos, esse silêncio irresponsável; não muitos de nós são capazes de aceitar a realidade da morte. É uma afirmação óbvia, intrincada. Assim a imaginação, a quem foi designada a tarefa de recriar e interpretar a vida de alguém que se amou e presenciou, simplesmente afoga-se como um motor enguiçado, recusa-se a dar contacto e não fará jamais mover-se o veículo.

A gente não sabe mais se conheceu realmente a pessoa, mas o pior é que isso não faz mais nenhuma diferença: confundimos tudo o que pensávamos saber, com tudo que havia penetrado profundamente na nossa imaginação. Esta é a nossa herança, é tudo o que há: agora, somente aquele trabalho que é o amor e aquele amor

que é trabalho nos permitirá chegar o bastante próximo para obedecer a máxima ditada pelo grande Ray Charles, e — dizer a verdade.

Cada novo ambiente, principalmente se alguém sabe que precisa fazer um esforço para se acostumar a trabalhar nele, corre o risco de se tornar um pouco mais do que traumático. A gente se encontra examinando nervosamente os novos arredores, procurando a maneira de se ajustar; por essa razão, inicialmente, eu fiz um esforço demasiado grande para gostar de Hollywood. Afinal de contas, havia o céu, coisa que em Nova York raramente se vê, e havia espaço, coisa que em Nova York está esquecida, havia o poderoso e dramático Pacífico, havia as colinas. Algumas pessoas de valor e inteligentes tinham trabalhado e vivido aqui durante anos, dizia a mim mesmo, e não havia razão para que não pudesse fazê-lo — portanto, eu insistia comigo. Possuía já algum amigos e conhecidos espalhados por Watts, Baldwin Hill, Mulholland Drive e tinha certeza que eles ficariam contentes se eu ficasse. E caso fosse ficar em Hollywood durante alguns meses, não havia razão para levantar as vantagens contra mim, odiando-as ou desprezando-as; além disso, uma tal atitude parecia uma defesa óbvia demais contra o meu medo. O Beverly Hills, como hotel, era excelente e todo mundo lá era simpático comigo. E portanto eu tentei — duramente — olhar à minha volta com admiração e ficar contente. Mas eu estava sempre com problemas, e as vantagens contra a ventura eram realmente muito desfavoráveis.

Estava no Beverly Hill esperando que um lugar permanente pudesse ser encontrado. Isto não era fácil, desde que envolvia alguém para tomar conta de mim — cuidar da casa, cozinhar e dirigir. Não havia outra solução desde que estava ainda, no começo de 1968, empenhado em várias funções no Este, a fim de levantar fundos, e principalmente porque estava envolvido no problema de um advogado para Tony Maynard, que foi extraditado da Alemanha e enviado para Tombs, em Nova York. Ele foi extraditado um pouco depois que parti de Hamburgo, tão rapidamente na verdade, que não pude viajar até a Costa, para encontrá-lo em Nova York como havia prometido. Contratei, por sugestão dele, um advogado chamado S.J. Seigel, um homem afiado e vivo, que devia estar próximo dos oitenta anos e que estava para me ensinar um bocado a respeito dos criminologistas. Parte do conflito era que eu precisava, naqueles primeiros tem-



pos no Beverly Hills, cuidar dos interesses da Columbia e dos meus próprios. Os conflitos era simplesmente entre minha vida como escritor e minha vida como — não como um orador exatamente, mas como uma testemunha pública da situação do povo negro. Era obrigado a desempenhar os dois papéis: não havia ninguém, incluindo eu mesmo, que pudesse fazer alguma coisa a respeito. A situação era imprecendente para a Colúmbia, que afinal, tinha-me sob contrato exclusivo e não apreciava as minhas rápidas saídas para apresentações públicas. Era uma situação imprecendente para mim também, porque nunca tinha estado sob contrato exclusivo, tendo sempre resolvido os meus complicados compromissos da melhor maneira que podia. Vivi com os meus dois papéis durante muito tempo, e, tanto quanto isto é verdade, comecei a ficar acostumado a eles — aceitei, enfim, que aquela dicotomia não estava por terminar tão cedo. Contudo, isso não fez o cenário de Hollywood se tornar mais difícil. Não era uma questão de esquecer os cometimentos passados e então se esconder atrás de uma máquina de escrever; nem era, mesmo, uma questão de se manter o mínimo fora dos cometimentos, embora eu tentasse: as coisas estavam acontecendo depressa demais, criando crises perpétuas e fazendo sempre novas demandas.

A Colúmbia não podia ser afetada pelo tempo e energia que eu gastava em assuntos fora dos seus interesses. Por outro lado, eu não podia realmente lamentar isso, desde que parecia que nessa perpétua e amarga agitação, estava aprendendo alguma coisa que me mantinha ligado à realidade e que aprofundaria a verdade do argumento cinematográfico.

Mas eu antecipei. Todo mundo tem a sua vizinhança: o Beverly Hills Hotel não era meu. Portanto, não há razão para eu nomear seus espaços, sua opulência, sua deformidade, que me deprimia e me assustava. As pessoas no bar, as salas de repouso, os vestibulos, os passeios, as piscinas, as lojas, pareciam tão sem raízes como eu, pareciam irreais. Apesar de — ou provavelmente por causa de — todos os meus esforços para me sentir à vontade e livre em casa (porque a América é a minha casa) eu me sentia irreal — quase como se estivesse representando um papel absurdo numa peça ruim. Eu, que havia passado metade de minha vida em hotéis, comecei a acordar no meio da noite, assustado, querendo saber onde me encontrava. Mas, embora mal percebesse isso, ou porque tinha vergonha de admitir a mim mesmo, creio que parte do problema era por eu ser o único negro no hotel. Devo salientar que de forma alguma

alguém me tratava de forma diferente; na verdade, conscientemente não me sentia diferente — somente agora, olhando para trás é que suspeito que tenha sido, em parte, por causa disso. Minha presença no hotel era absolutamente inquestionável, mesmo pelas pessoas que não sabiam quem eu era, ou então, que pensavam que eu era Sammy Davis. Simplesmente estava implícito que eu não estaria no hotel se não pertencesse ao meio, realmente? Contudo, milhares de negros, a milhas de distância, não pertenciam ao meio, e no entanto, às vezes, alguns deles vinham me visitar lá. (As pessoas tinham que vir me visitar ou então me buscar, porque não sei dirigir.) A viagem de ida e volta de Beverly Hill até Watts era longa e enfadonha — algumas vezes sentia como se meu corpo estivesse sendo espalhado através daquelas milhas. Creio que não sentia nada tão trivial como culpa, a culpa que parecia ser a minha comparativa boa sorte, e eu sabia muito sobre comparativa boa sorte para ter tal sentimento, mas eu me sentia desamparado e esse fato antecipava um desastre para os meus compatriotas e para mim. Isto me fez olhar em torno de mim com uma intensidade de desejo que não continha nenhuma satisfação. Talvez, muito mais do que a viagem de Beverly Hills até Watts, o efeito desta desumana divisão foi maior pela visita que recebi de um negro jovem e brilhante, que conheci anos atrás, em Boston, após uma palestra que fiz naquela cidade. Naquela época, ele era realmente muito brilhante, ambicioso, cheio de idéias para seu futuro e para o futuro do povo negro. Alguns anos mais tarde, eu o encontrei, rapidamente, em Helsink — ele estava estudando e vendo o mundo. Que beleza, pensei então, naquele momento, parece tão pueril — é maravilhoso a gente ver um gajo negro se alargando pelo mundo. Mas meu Deus, se largar no mundo implica também no risco de se perder nele, e presentemente, numa tarde, recebi uma mensagem de um Príncipe da Abissínia e de muitos outros territórios que não me lembro mais. — Ele estava no saguão, e, a despeito dos seus títulos exóticos, reconheci o nome bem nacional, e mandei que ele subisse. E ele subiu, uma ruína indescritivelmente comovente, lastimável e louca; ele devia ter pouco mais de trinta anos. Queria que eu depositasse dez mil dólares em uma de suas inúmeras contas bancárias que mantinha no mundo todo. Ele tinha um mapa, uma lista dos bancos, de seus patronos, de seus títulos, tudo escrito numa caligrafia impecável. Diante da loucura, geralmente é melhor tentar ser pacífico, e portanto, não fiz perguntas a respeito dos seus títulos, de sua fortuna, somente mencionei que não tinha os dez mil dólares. Ele aceitou isto com



muita boa vontade e após uma outra bebida despediu-se de mim — tinha um compromisso urgente com um amigo importante. Estava escuro quando ele deixou o hotel e um preto — ou mesmo um branco, no que diz respeito ao assunto — andando por Beverly Hills não anda muito tempo sem ser notado. Quase pensei em chamar um táxi para ele, mas o seu comportamento tão magnificamente proibia isso, e então, percebi que não havia nada que pudesse fazer.

Eu vou sempre acreditar, claro, que aquele rapaz não teria se perdido tão rapidamente nos lamaçais da vida, se não tivesse nascido negro e na América. Muitos dos meus compatriotas não vão concordar comigo e vão me acusar de ser radical. Mas, eu ou eles, não podemos esperar chegar próximo da verdade desta matéria, enquanto a cor do homem exercer uma força tão poderosa no seu destino. Entretanto, nesse meio tempo, só posso dizer que a autoridade dos meus compatriotas a respeito deste assunto não é igual à minha, porque eu sei o que os negros americanos suportam — sei na minha própria carne e espírito, sei através dos destroços humanos pelos quais passei.

O meu desejo de ser seduzido, encantado, era uma esperança aprisionada pelo desespero: simplesmente não estava em mim, para melhor ou para pior, criar uma paz separada. Era um sintoma de como estava profundamente cansado de perambular, de como esperava encontrar um lugar tranqüilo na terra onde nasci. Mas tudo o que devia me encantar simplesmente me fazia lembrar dos muitos que eram excluídos, dos muitos que estavam sofrendo e gemendo e morrendo, não muito distante de um paraíso que não era mais do que um outro círculo do inferno. Tudo o que me encantava me fazia lembrar de algum lugar mais, de algum lugar onde pudesse andar e falar, de algum lugar onde fosse mais livre do que era em minha terra, algum lugar onde eu pudesse viver sem a máscara sufocante — fazia me sentir saudade de uma liberdade que nunca gozei aqui, e sem a qual eu nunca poderia viver ou trabalhar. Na América, eu era livre somente na luta, nunca livre para repousar — e aquele que não encontra uma maneira de repousar não pode por muito tempo sobreviver à batalha.

---

À primeira vista, Watts não se parece com um cortiço se você vem de Nova York; mas parecerá se você vem de Beverly Hills. Eu disse que era um longo trajeto, longo e incrivelmente feio; e então, você se encontra nas ruas longas e planas de Watts, com as suas casas baixas e planas dos dois lados desta. Para alguém de Nova York, que está acos-

tumado com o lixo empilhado tão alto que a luz nunca consegue atravessar, Watts parece, de início, o lugar ideal para se criar um filho. Há pequenos jardins que podem ser fechados com uma cerca, árvores onde alguém pode pendurar um balanço e até espaço para se fazer um fosso e assar carne.

Mas então, se olha de novo e se vê como as casas são miseráveis e escuras. Vê-se que aquela coleção de lixo não é muito mais eficiente aqui dó que no Harlem. Andando pelas longas ruas se pode ver tudo o que se vê no Este: as varandas miseráveis, os bares miseráveis, as portas e janelas fechadas com tábuas, a superabundância de igrejas, pensões e casa de bebidas, os automóveis brilhando, as garrafas de bebidas nas sarjetas, as ruelas cobertas de lixo, e os rapazes e moças nas ruas. Acima de tudo isto, paira uma miasma de fúria e frustração, uma escuridão perceptível, como nuvens de uma tempestade, de raiva e desespero, e as moças se movem com uma dignidade cruel e desafiante e os rapazes se movem contra o tráfego, como se estivessem indo de encontro ao inimigo. Claro que o inimigo não está lá, mas os soldados estão, nas rádio-patrolhas e armados.

Eu estive em Watts para fazer algumas palestras no ginásio, e aquelas crianças desprezadas, perniciosas e ameaçadas têm uma agilidade, uma vivacidade e uma profundidade que não encontrei — ou falhei em eliciar — em muitos estudantes de universidades famosas. Os futuros líderes deste país (a princípio pelo menos) possuem um intelecto análogo ao do mais desprezado entre nós. Não estou querendo ser vingativo quando digo isso e nem mesmo sentimental ou chauvinista: na verdade, é por uma razão muito simples: somente agora é que os estudantes brancos, na maior parte, têm tido alguma razão para indagar a estrutura em que nasceram; a hora tardia, o confuso ressentimento deles — a sensação de terem sido traídos — são os responsáveis pelos seus excessos românticos; e um revolucionário jovem e branco permanece, em geral, muito mais romântico do que um revolucionário negro. Porque é um assunto muito diferente e resulta numa inteligência muito diferente, crescer sob a necessidade de indagar as coisas — todas as coisas, desde a questão da própria identidade até a questão brutal de como salvar a própria vida a fim de começar a vivê-la. Crianças brancas, na maior parte, sejam ricas ou pobres, crescem com uma força de realidade tão fraca, que podem ser muito acuradamente descritas como desiludidas — com elas mesmas e com o mundo em que



vivem. Os brancos têm conseguido atravessar suas vidas inteiras neste estado eufórico, mas os negros não têm tido tanta sorte: um negro, por exemplo, que vê o mundo à maneira que John Wayne vê, não seria considerado um patriota excêntrico, mas um maniaco desvairado. No fundo, a razão disto tudo é que a supremacia da doutrina branca, que ainda controla a maior parte das pessoas brancas, é uma fabulosa desilusão: mas é um desafio mortal e imediato nascer negro na América. As pessoas que se apegam às suas desilusões acham difícil, se não impossível, aprender alguma coisa que valha a pena ser aprendida: as pessoas que têm necessidade de se criarem sozinhas precisam examinar tudo e absorver aprendendo a maneira com que as raízes de uma árvore absorverem a água. Uma pessoa ainda em cativeiro precisa acreditar que *Vós deveríeis conhecer a verdade e a verdade deveria fazer-vos livre*.

Mas claro, o que os negros estão também aprendendo é a verdade sobre o povo branco: eis onde surge o obstáculo. Na verdade, há muito tempo que o povo negro conhece a verdade sobre o povo branco, e, agora, não é mais possível esconder essa verdade. O mundo inteiro a conhece. A verdade que liberta o povo negro irá libertar também o povo branco, mas esta é a verdade que este último acha muito difícil de engolir. Eles precisam desesperadamente ser libertados de uma coisa, da necessidade de mentir o tempo todo. Eu me recordo de ter visitado uma escola correcional em Watts, onde os meninos estavam aprendendo uma ocupação "útil". Visitei algumas das oficinas de trabalho — eles estavam aprendendo a fazer armação de madeira para genuflexório — tamanha estupidez como essa. Os meninos sabiam que aquilo era uma bosta, os professores sabiam, e o diretor, que me acompanhava na visita, também sabia. Ele parecia envergonhado, e devia mesmo ter vergonha. A verdade é que este país não sabe o que fazer com a sua população negra agora que os negros não são mais uma fonte de riqueza, não são mais comprados, vendidos e alimentados como gado; e especialmente não sabem o que fazer com os jovens negros que representam uma ameaça devastadora tanto para a economia quanto para a moral dos jovens guias brancos. Não é por acaso que as prisões, o exército e as drogas reivindicam por tantos, mas há ainda muitos saltitantes à volta do conforto público.

Naturalmente os americanos negarão com veemência que estão sonhando com alguma coisa parecida com "a solução final" — es-

tes americanos, isto é, aqueles que provavelmente são inquiridos: o que vai no grande, vasto, isolado interior do coração do americano, só pode ser adivinhado quando se observa a maneira como o país vai nestes dias. Algum pesadelo opaco e constrangedor — uma coleção esmagadora de pesadelos particulares — é responsável pela ferocidade do Ato de Controle dos Crimes de Ônibus e Ruas em Segurança. Algum terror vingativo da parte do povo tornou possível a façanha indefensável e obscena do governo em Chicago. As coisas passam a ficar violentamente erradas numa nação quando o governo ousa tentar restringir a liberdade de expressão da imprensa — uma imprensa já inerte suficientemente — e intimidar jornalistas a comparecer diante da justiça. Negros foram queimados neste país mais de uma vez — muita gente que ainda vive viu isso com os próprios olhos; homens e meninos negros estão sendo assassinados hoje, aqui, a sangue frio e com impunidade; e é um assunto muito sério quando o governo que jurou proteger os interesses de todos os cidadãos americanos se junta publicamente aos inimigos do povo negro. Vamos dizer a coisa como ela é: a retórica de um Stennis, de um Maddox, de um Wallace, tem como resultado atual e histórico a morte de incontável número de negros e a intenção era causar essas mortes. O fato é absolutamente verdadeiro mesmo que alguém o negue — os negros dificilmente o poderiam. Agora, no interesse da paz pública, os Panteras Negras estão sendo assassinados em suas camas por uma polícia zelosa e responsável. E para um policial, qualquer negro, especialmente um jovem negro, é um Pantera Negra, e todas as mulheres e crianças negras estão certamente aliadas a eles: exatamente como uma aldeia no Vietnã, onde a população inteira, homens, mulheres e crianças são considerados Vietcongs. Na aldeia, assim como no gueto, aqueles que não eram perigosos antes da operação procura-e-destrói seguramente se tornaram depois disso, porque os habitantes da aldeia, como os habitantes do gueto, perceberam que são identificados, julgados, ameaçados e mortos, somente por causa da cor de sua pele. Esta é uma maneira tão curiosa de empreender uma guerra para a liberdade do povo quanto é de sustentar a paz nacional.

O gueto, que foi sitiado e traído por Washington, pela falta total de visão de seus homens, resolveu resistir, sobreviver a este presente esmagadoramente perigoso, mas falta um foco, um ponto de en-



contro, um porta-voz. E muitos de nós olhando um para o outro dizemos suspirando, *Deus, nós realmente precisamos de Malcolm, agora.*

Hollywood, ou pelo menos uma parte desta, estava se tornando incrivelmente ativa na questão de direitos civis — entretanto, agora, eu penso com amargura, e até certo ponto injustificavelmente, que a questão está morrendo. É sempre assim. Houve um terremoto para substituir o prefeito de sorriso-arreganhado-tipo-família, Sam Yorty, que estava na prefeitura desde 1911, por alguém que percebia que estávamos no século vinte, neste caso, Tom Bradley, um negro. Gente como Jack Lemmon, Jean Seberg, Robert Culp e France Nuyen, estavam ativamente auxiliando Martin Luther King, garantindo dinheiro e fazendo outras pessoas garantirem, e alguns estavam tentando levantar fundos para uma projetada Fundação Malcolm X.

Encabeçando tudo isto estava Marlo Brando. Ele tinha um grande interesse pelos Panteras Negras e era conhecido pessoalmente de muitos deles. Em 6 de abril, Eldridge Cleaver foi ferido e Bobby Hutton morto em Oakland, naquilo que a polícia descreveu como um “tiroteio”. Marlon me telefonou dizendo que ia para Oakland. Eu queria ir com ele, mas Martin Luther King tinha sido assassinado dois dias antes, e, para dizer a verdade, eu estava em estado de choque. Não posso descrever ou defender o assunto, portanto, não quero mais falar sobre isso. Marlon foi para Oakland para prestar suas homenagens póstumas a Bobby Hutton, de dezessete anos de idade, liquidado pela zelosa polícia como um cão raivoso nas ruas. A Força Policial de Oakland estava ultrajada, claro, e eu creio que tentou processá-lo, provavelmente por difamação. O Grande Júri julgou os tiros que a polícia deu no adolescente negro e desarmado como “um homicídio justificável”; os nomes dos componentes deste júri, muitos dos quais clamavam ser amigos íntimos dos eminentes juízes e advogados, dificilmente teriam sido escolhidos para compor o Grande Júri, se houvesse a mais remota possibilidade de darem um outro veredito.

(Eu fui a Oakland visitar a casa onde Hutton foi morto e Cleaver ferido. A casa onde os Panteras estavam é apertada entre duas casas que são apertadas exatamente da mesma maneira. Há janelas de ambos os lados da casa que se abrem para a ruela; de frente para a

rua há somente uma enorme porta de garagem, da qual, inútil dizer, ninguém poderia esperar dar tiros e restar com vida. A casa, principalmente o porão, onde eles estavam, parece-se um pouco com a operação procura-e-destrói. No barracão do outro lado da rua, onde os tiras estavam, não havia o menor sinal de marcas de balas, o que não condiz com o relatório oficial de um tiroteio. Quando estive lá, havia flores sobre uma pedra que marcava o lugar onde Bobby tinha caído: a vizinhança fez do local um santuário.)

Creio que foi em março, mas pode ter sido antes, que Martin Luther King esteve na cidade, um lugar retirado numa das colinas de Hollywood para falar sobre o problema de levantar fundos para a Associação dos Cristãos Sulistas. Eu não via Martin fazia muito tempo, e esperava ansioso poder encontrá-lo em algum lugar onde pudéssemos conversar tranqüilamente, sem que ele precisasse sair correndo para repousar um pouco antes de tomar o próximo avião.

Durante anos, muitos de nós nos encontramos somente nos aeroportos, ou em cansativas passeatas, passeatas.

Sempre parece — em muitos casos, talvez, injustificavelmente — estranho e suspeito quando pessoas relativamente ricas, e certamente muito verbosas, se juntam com o propósito exclusivo de declarar a sua aliança a uma causa valiosa e com a intenção de partilhar com esta uma parte do seu dinheiro. Eu creio que qualquer um como eu, dificilmente pode evitar uma certa ambivalência diante de tal espetáculo — uma pessoa, tal como eu, ser eliminada crucial e significativamente do mundo que gerou essas pessoas. Na minha própria experiência, compaixão ou convicção genuínas são muito raras; contudo, deve ser lembrado que, raras como elas são, elas são reais, existem. Dando a essas pessoas o benefício da necessária dúvida — assumindo, por exemplo, que se fossem chamadas para servir o Grande Júri e para investigar legalmente a morte de um negro, elas teriam a coragem de votar de acordo com a própria consciência e não em razão da classe a que pertenciam — eu me arriscaria dizer que, no caso da maior parte das pessoas em reuniões como essas, a presença delas é devido a uma intranquilidade largamente incoerente. Elas são incomodadas por sentirem que alguma coisa está errada, e que precisam fazer algo para consertar: mas muito da qualidade que possuem, ou da falta desta, depende do que elas imaginam estar errado. De qualquer forma, não sabem o que fazer — quem sabe? pode ser perguntado — e portanto, elas dão seu di-



nheiro e sua dedicação para quem quer que pareça estar fazendo o que elas acham que deveriam fazer. A sua tentação fatal, e parece que a maior parte não consegue resistir a ela, é pretender, então, que estão fora da encrenca. Mas, por outro lado, ainda pretendendo que sejam sérias, a falta crucial na percepção dessas pessoas é que elas não vêem onde, quando os dados foram lançados, esta dedicação poderá levá-las — *à la lanterne!* ou à retratação: elas não sabem como a maldade que vive no mundo é poderosa e cruel. Eu me lembro, por exemplo, que muitos anos atrás tive uma discussão — a mais melancólica discussão de minha vida — com um amigo meu a respeito de nosso relacionamento com Martin. Foi um pouco depois da nossa célebre e tempestuosa reunião com Bobby Kennedy, e eu estava muito deprimido. Eu disse que nós podíamos fazer petições e petições, marchas e marchas, levantar fundos e dar dinheiro até que estivessemos esgotados e as estrelas começassem a gemer: nenhum desses esforços iria ou poderia alcançar o âmago da questão e não mudaria o destino de ninguém. Os trinta mil dólares levantados naquela noite desapareceriam em cartas de fiança na manhã seguinte e assim continuaria até que desistíssemos. Nada iria tocar a consciência do povo desta nação — era um sonho supor que o povo de alguma nação tivesse consciência. Alguns indivíduos aqui possuíam, e a nação já viu como eles acabaram mal, quando não acabaram, mesmo, numa poça de sangue. Nada do que pudéssemos fazer iria prevenir, no final, uma confrontação aberta. E onde, então, quando as cartas fossem dadas, nós deveríamos permanecer?

Nós estávamos sentados perto de uma lareira e o meu amigo estava muito sério. Ele me olhou de cima em baixo, quase como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Você realmente acredita nisso, não é?

— Queria não acreditar, mas acredito, — respondi.

— Bem, ele disse, finalmente, — se você é um negro, não se preocupe tanto sobre onde você permanece. Eles descobrem um meio de chegar até lá.

De fato, eles descobrem. E, por conseguinte, pessoas como aquelas nas colinas de Hollywood podem ser consideradas como o fermento altamente problemático no pão. Quando alguém está falando com elas, instintivamente procura atijar a chama ou pelo menos um calor positivo da fria percepção que elas têm da vida. Quando alguém tenta diminuir a distância entre elas e si mesmo, está também, inconsciente e inevitavel-

mente sugerindo que elas diminuam a distância entre elas mesmas e as suas mais profundas esperanças e temores e desejos; e mesmo que dispensem aquele intermediário a quem chamam de doutor, que é uma das suas maiores e mais infantis auto-indulgências. Pode-se sentir na face delas uma hesitação intensa e especulativa. Bobby Seale insiste que uma das coisas que mais aflige as pessoas brancas é o desastroso conceito que têm de Deus; nunca aceitaram os deuses escuros, e o medo desses deuses escuros, que vive nelas, pelo menos tão seguramente quando o do Deus Branco, provoca-lhes a desconfiança da vida. E mais do que um pequeno temor, provoca-lhes uma fascinação profunda pelas vidas conduzidas pelo povo negro; é esta tensão que as torna problemáticas. Mas, por outro lado, parece estar se tornando incrivelmente claro para alguns, afinal, que todos nós estamos na mesma escuridão profunda, uma escuridão que somente pode ser eliminada pela honra e coragem humana. Muitos esperam conservar a honra e a segurança, também. Ninguém pode criticá-los por esta esperança, é até mesmo impossível não reparti-la: mas quando um povo capturado numa civilização em crise inquire a história a respeito da firmeza de tal esperança, esta fracassa na tentativa de dar uma resposta otimista.

Finalmente, Martin chegou, vestindo um terno azul-claro e acompanhado por Andrew Young, ambos parecendo muito cansados. Nós ficamos contentes com o encontro. Sentamo-nos num canto relativamente tranqüilo e tentamos nos pôr em dia.

Mas céus, seria absolutamente impossível nos pormos em dia. A primeira vez em que havíamos nos encontrado foi durante o boicote dos ônibus em Montgomery — e há quanto tempo aquilo tinha acontecido? Era estúpido dizer, oito anos, dez anos atrás — era um tempo maior do que podíamos contar. Eu e Martin nunca conseguimos nos conhecer muito bem, circunstâncias, e não temperamento, tornaram isso impossível, mas eu tinha um grande afeto e respeito por ele, e acredito que ele gostava muito de mim, também. Eu disse o que estava fazendo em Hollywood. Ele e Andrew, ambos parecendo um pouquinho dúbios, me desejaram felicidades. Não me lembro se foi nessa noite que combinamos ir juntos ao Carnegie Hall, ou se isso já tinha sido combinado. Presentemente, Marlon, muito sério, e sendo mesmo, como me lembro, um pouco ríspido com o grupo reunido — queria ter a certeza de que todos tinham entendido a gravidade da nossa situação e percebido que o tempo da mudança pacífica havia se esgotado — tomou a palavra e introduziu o Dr. Martin Luther King Jr.



Quanto mais a nossa situação se tornava complexa, as palavras de Martin se tornavam simples e mais concretas. Eu me recordo que naquela noite ele falou com muita simplicidade do trabalho da Associação dos Cristãos Sulistas, do que tinha sido feito e do que estava sendo feito e da enormidade de tarefas que havia pela frente. Eu me recordo mais do seu tom do que de suas palavras. Falava muito humildemente, como operário falando com um companheiro. Acho que ele fez todo mundo naquela sala sentir que o que quer que eles estivessem fazendo, o que quer que eles pudessem fazer, era importante, era da máxima importância. Ele não tentava lisonjeá-los — muito sutilmente, desafiava-os, desafiava-os a viverem acima das suas obrigações morais. A sala estava extraordinariamente diferente quando ele terminou — ainda pensativa, agradecida, talvez, num sentido muito mais sério do que esta velha frase: profundamente honrada.

Como é notável comparar o seu tom naquela noite com aquele de não muitos anos atrás! Não muitos anos atrás, todos havíamos participado de uma passeata em Washington. Uma duzentas e cinquenta mil pessoas tinham vindo até a Capital da nação para solicitar do governo uma emenda contra injustiças. Tinha vindo de todas as partes, nas mais diferentes condições, nos mais diferentes trajes e em todas as espécies de veículos. Mesmo um cético como eu, com todas as razões para duvidar que a petição seria atendida, ou teria alguma influência, não podia deixar de ficar emocionado e responder à paixão de tanta gente reunida com um único propósito, num único lugar. A paixão dessa gente nos fazia esquecer que uma Washington amedrontada tinha fechado todas as portas e desaparecido, e que, se tantos políticos estavam presentes, era simplesmente pelo fato que temiam não estar, que John Lewis, então da SNCC, tinha sido forçado a reduzir o seu discurso por causa da insuportável arrogância de um arcebispo de Boston, que a administração tinha feito tudo para evitar a Marcha, até mesmo tentado descobrir se eu, que não tinha nada com a organização desta, usaria minha influência para tentar impedi-la. (Eu respondi que minha influência, que não era muita, certamente não seria usada contra a Marcha, e talvez para provar isso, eu conduzi a Marcha contra Washington, em Paris, da Igreja Americana até a Embaixada, e trouxe de lá uma lista com mais de mil nomes. Gostaria de saber onde ela está agora.)

A despeito de tudo que se sabia e temia, foi um dia muito movimentado, e ninguém ousou, a despeito de tudo o que se sabia, esperar —

esperar que a necessidade e a paixão dessa gente, tão vívida, tão sem proteção e revelada com tal dignidade, seriam traídas uma vez mais. (A República Popular da China enviou um telegrama consolidando-se conosco, mas o mesmo foi repudiado por Roy Wilkins, que disse que nós ficaríamos felizes de aceitar um tal telegrama no dia em que os chineses tivessem a permissão de solicitar do governo deles uma reforma de injustiça, como nós estávamos solicitando a nossa. Eu tinha uma estranha sensação que podíamos viver para ouvir esta ostentação um tanto zombeteira nos nossos ouvidos).

Mas Martin foi muito comovente aquele dia. Marlon (carregando uma agulhada, com o propósito de revelar a depravação do Sul), Sidney Poitier, Harry Belafonte, Charlton Heston, e alguns mais de nós fomos carregados para participar de um programa da Voz da América, para Ed Murrow, e portanto, nós vimos e ouvimos Martin na televisão.

Todos nós estávamos muito silenciosos naquela sala ouvindo Martin, sentindo a paixão do povo fluindo para ele e transformando-o, transformando-nos. Ele terminou com uma mão levantada: — “Livre finalmente, livre finalmente, adorado Deus Todo Poderoso, eu estou livre finalmente!” Naquele dia, por um momento, quase pareceu que estávamos muito no alto e podíamos ver nossas heranças; talvez pudessemos fazer o império se tornar real, talvez a amada comunidade não permanecesse para sempre naquele sonho que se sonha na agonia. Como estava combinado o povo se dispersou silenciosamente ao cair da noite. Sidney Poitier nos levou para jantar, num lugar muito, muito tranquilo de Washington. O povo tinha vindo para seu capitólio, tinha-se feito conhecido e se tinha ido: ninguém poderia mais duvidar que o seu sofrimento era real.

Por estranho que pareça, depois de Washington, finalmente fui para as estradas, fazendo palestras em diversas cidades, acabei chegando em Hollywood. Portanto, estava em Hollywood, quando, umas duas semanas mais tarde, meu telefone tocou e uma voz quase histérica de uma funcionária branca da CORE me disse que haviam jogado uma bomba numa Escola Dominical de Birmingham e que quatro meninas negras tinham sido mandadas para a eternidade. Esta foi a primeira resposta que recebemos da nossa petição.

Os planos originais para a Marcha contra Washington eram bastante rudes: o plano original era de se deitar nas pistas dos aeroportos, bloquear as ruas e escritórios, imobilizar a cidade completamente e pelo



tempo mais longo que pudéssemos: forçar o governo a reconhecer a urgência e a justiça dos nossos pedidos. Malcolm estava muito mordaz a respeito da Marcha, que ele descreveu como uma traição. Creio que tinha razão. Martin, cinco anos mais tarde, estava cinco anos mais esgotado e cinco anos mais triste e ainda fazendo petições. Mas o ímpeto tinha desaparecido, porque o povo não mais acreditava em suas próprias petições, não mais acreditava em seu governo. O raciocínio por trás da Marcha contra Washington, como eventualmente se desenvolveu — ou como era, nas palavras de Malcolm, “diluída” — era que uma assembléia pacífica produziria melhores resultados. Mas, cinco anos mais tarde, era muito difícil acreditar que o assalto frontal, como foi planejado contra o capitólio, podia possivelmente ter produzido mais derramamento de sangue ou mais desespero. Cinco anos mais tarde, parecia claro que havíamos meramente adiado, e absolutamente não a nosso favor, a hora do ajuste de contas.

Eu, Martin e Andrew nos despedimos e prometemos que nos encontraríamos em Nova York.

Siegel, o primeiro advogado que contratei para Tony, era um refugiado do *Bleak House*, e eu queria tê-lo encontrado naquelas páginas e não na vida. Ele era ativo, como eu disse, de cabelos grisalhos, astuto, uma espécie de bajulador à antiga, ele sempre me fazia lembrar um abutre. Tinha sido um criminologista durante longo tempo, praticamente desde que nasceu, e tinha, como me foi dito, uma “boa” reputação. Mas eu estava para descobrir que para ter uma “boa” reputação como criminologista não implica necessariamente em nenhum crédito na competência ou dedicação deste advogado; e indica menos ainda que ele tenha algum interesse nos seus clientes; o termo parece se referir quase que exclusivamente às habilidades que ele possui de se virar, da sua influência com os outros advogados, juízes e promotores de justiça. A reputação de um criminologista — exceto, naturalmente, para um ou dois titãs no campo — parecia depender da sua posição neste clube. O destino de seus clientes, para falar grosseiramente, depende do dinheiro que este possua: pode-se dizer, quase sempre, que se um pobre está em dificuldades com a lei e recebe justiça, foi por intervenção divina.

Um pobre é sempre um homem isolado, no sentido de que seus amigos são tão ignorantes e desesperados como ele. Tony foi preso em

27 de outubro de 1967 e permanece até agora na prisão. Ele foi levado a julgamento uma só vez durante esse tempo; o julgamento resultou em nada. Um cidadão numa posição mais favorável que a de Tony nunca teria sido tratado dessa forma. Parecia, por exemplo, que os direitos constitucionais dele foram violados naquele exato momento em que ele foi detido, dada a forma que foi usada para identificá-lo. Essa questão nunca foi trazida à tona, embora Tony tivesse insistido muitas vezes nesse ponto. A polícia é muito sensível quando é acusada de violar os direitos constitucionais de um suspeito — a polícia é, de fato, tão sensível a toda e qualquer crítica como uma velha rainha de beleza — e nunca teria detido Tony da maneira que fez se não tivesse certeza que a sua acusação poderia ser examinada. Tony não tinha quase nada a seu favor, exceto sua devotada irmã Valerie e eu. Mas nós não estávamos equipados para negociar com o mundo em que fomos jogados tão subitamente, e eu me encontrava em grande desvantagem nesta batalha por ser obrigado a lutar a três mil milhas de distância.

Isto significava que havia um vácuo onde deveria estar a testemunha de Tony. Não teria acontecido se o sistema fosse diferente ou se fosse dirigido por pessoas diferentes. Mas o sistema funciona como funciona, e atrai as pessoas que atrai. Os pobres, os negros e os ignorantes são a escada para o sucesso; porque os indivíduos que compõem este notável clube são julgados pelos seus números de detenções e condenações. Estas coisas são mais importantes do que justiça, se é que justiça tem alguma importância. É óbvio que é mais fácil arrastar à força até o tribunal algum desgraçado ignorante e acusá-lo de um crime qualquer, do que suportar as inconveniências e possíveis perigos de descobrir o verdadeiro culpado e o que realmente aconteceu. Em minha experiência, os defensores da paz pública não têm interesse em saber quem é o culpado. Fui detido pela polícia de Nova York, por exemplo, e acusado culpado em frente do juiz, e tive a acusação registrada, sem que ninguém me perguntasse a respeito da minha culpabilidade. Não tive nem mesmo a oportunidade de abrir a boca. (Consegui anular o caso na corte, e se tivesse meios teria movido uma ação contra a cidade. O juiz, quando solicitado a explicar sua omissão, disse que a corte estava lotada naquele dia e que o barulho do tráfego que vinha da rua o distraiu.)

No caso de Tony Maynard, a questão de justiça foi simplesmente uma zombaria quando se considera que nenhuma tentativa foi feita para descobrir o outro assaltante branco e também pelo fato de que pro-



meteram a Tony uma sentença leve se ele se declarasse culpado. Eu sei que isto é verdade, porque durante o seu julgamento, quando os jurados se retiraram do recinto — e os jurados estiveram fora do recinto mais tempo do que se poderia imaginar — Galena, o Procurador de Justiça, me levou para um canto e na presença de Valerie, irmã de Tony, e do segundo advogado que eu tinha contratado, Selig Lenefsky, pediu-me para usar minha influência para persuadir Tony a aceitar a proposta. Disse ainda que de qualquer forma iriam acabar agarrando-o. Lenefsky e Galena são sócios agora, um desenvolvimento perfeitamente normal, que vem aumentar a confiança respeitosa e a consideração que os pobres têm pelos seus protetores.

Mas eu antecipei. O fato de estar ausente de Nova York significava que não havia quem fizesse pressão contra Siegel, e este, tanto quanto pude descobrir mais tarde, não fez absolutamente nada. A maior parte da correspondência que mantinha comigo mencionava dinheiro. Eu lhe fiz um adiantamento, e não pensava em enganá-lo deixando de lhe pagar os honorários; mas estava relutante, especialmente com o correr do tempo, quando nenhum progresso estava sendo feito, em continuar atirando o meu dinheiro pela janela. Isto nos levou a um beco sem saída, e eu e Valerie nos encontramos completamente perdidos. Queria dar um chute em Siegel, mas em que base iria contratar um outro advogado? Ninguém que eu conhecesse sabia alguma coisa a respeito de criminologistas; os advogados que eu conhecia, considerava-os como uma “raça baixa”. Eu pensei em Melvin Belli, mas ele trabalhava na Califórnia, pensei em Louis Nizer, e de fato, tentei vê-lo: mas sabia que não podia pagar os honorários de nenhum desses advogados. Pensei em publicidade, mas não é fácil conseguir publicidade para um caso, Ó Deus, tão pouco extraordinário. Achava que meu fraco testemunho não iria significar muita coisa e, além disso, não poderia aguentar o terremoto que seguramente viria, se fizesse um público clamor por justiça. E não podia trabalhar nisso o tempo todo, porque estava sob contrato na Califórnia e tinha que voltar para lá. E além de tudo, agora tinha que terminar o meu script, ao menos para poder receber os meus honorários: Ó, o preço da justiça. Eu e Val iríamos nos encontrar no escritório de Siegel, para tomar conhecimento de que o julgamento tinha sido adiado mais uma vez, contudo podia ser muito bom para nós todos, porque significava que o Juiz Senhor Fulano de tal substituiria o Juiz Senhor Sicrano de tal, pelo menos Siegel disse que tentaria tudo para que fosse o

Juiz Senhor Fulano de tal e não o Juiz Senhor Sicrano de tal, e mais tarde nessa mesma noite lhe telefonaria. E Siegel sorria com muita satisfação, como se estivesse dizendo, Vê o trabalho que estou tendo por você, como me entrego de corpo e alma aos seus interesses. Não, seus detetives particulares fracassaram na tentativa de localizar Dennis Morris. (Morris é o desconhecido que identificou Tony por meio da fotografia.) Ele tinha desaparecido. Ninguém parecia saber o seu paradeiro. Não, não havia uma palavra a respeito de Michael Crist, também. Tudo isto levava tempo e dinheiro — e ele acendia um charuto, com os olhos azuis brilhando com intensidade e me observando com expectativa.

Enfim, o que é que eu poderia fazer com aquele velho nojento? Como nós poderíamos saber se com aquele telefonema ele tratava dos interesses de Tony ou simplesmente falava com uma pessoa qualquer? Podíamos passar o resto de nossas vidas naquele escritório, Tony podia definhar na prisão, e jamais iríamos saber. Ele não se preocupava com Tony, e nós não esperávamos que ele o fizesse — mas nós supúnhamos que ele devia se preocupar com alguma coisa. O quê? sua honra como criminologista? Provavelmente — o que provava como tínhamos sido loucos. A sua honra como criminologista era absolutamente inatacável, ele tinha sido membro do clube a vida toda. E nós não tínhamos nenhuma maneira de acender uma fogueira embaixo do cu dele para obrigá-lo a fazer aquilo que ele estava sendo pago para fazer. Ele não precisava da gente. Havia milhares como nós, sim, negros como nós, que iriam mantê-lo com charutos a vida toda, usando seus níqueis para tirar os seus bem-amados de uma encrenca. Algumas vezes, ele conseguia — ele não fazia objeção de livrar alguém de uma confusão. Mas era uma loteria; dependia do número que saísse; e ele certamente não fazia oposição. Dia após dia, nós o deixávamos e íamos a Tombs, onde eu via Tony, que estava se agüentando fantasticamente bem; nunca pensei que ele pudesse ser tão forte. Vendo-o, eu me sentia culpado, frustrado e desesperado por ver o tempo escapar de minhas mãos como areia. Val ficava me esperando descer, dávamos um pequeno passeio, e então eu a deixava com os outros que aguardavam a visita das seis horas.

Se alguém deseja saber quem está nas prisões deste país, basta apenas ir até a uma delas e olhar os visitantes. Nós passávamos horas e horas, dias e dias, eternidades lá em Tombs, eu e Val, e, mais tarde, meu irmão, David. Eu suponho que havia visitantes brancos; se-



guramente havia, mas eles eram esmagados pelo número de negros, da massa negra. Negros e matronas porto-riquenhas, negros e moças porto-riquenhas, negros e meninos porto-riquenhos, negros e homens porto-riquenhos: tais são os peixes agarrados na rede da justiça. Confusão, desespero e pobreza rolavam pelo vestibulo como ondas no mar: os visitantes chegavam esperando por um milagre. O milagre seria descobrir alguém que realmente se incomodasse com aquelas pessoas na prisão. Mas ninguém pode se dar ao luxo de se incomodar. A prisão estava lotada, os calendários repletos, os juizes ocupados, os advogados ambiciosos e os tiras zelosos. Que diferença faria se alguém ficasse preso aqui um ou dois anos, se estragasse a saúde aqui, se ficasse louco aqui, se cometesse um crime ou se suicidasse aqui? Seria ruim, mas o que se pode fazer? é a vida.

Não estou querendo dizer que todo mundo aqui na prisão seja inocente, mas sim que a lei, da forma como atua, é culpada e que os prisioneiros, por causa disso, são todos aprisionados injustamente. É possível imaginar um rapaz branco da classe média — ou, enfim, algum rapaz branco — detido sob a acusação de ter cometido algo tão grave como um crime, baseado apenas em tão leves e frágeis indícios e forçado a passar, até o momento em que escrevo, três anos na prisão? Qual é a força que está operando quando um prisioneiro é aconselhado, solicitado, ordenado, intimado ou forçado a confessar um crime que ele não cometeu, e que recebe a promessa de uma leve sentença em troca de tal perjúrio e da degradação de si mesmo? A lei existe com o propósito de favorecer a ambição daqueles que juraram defender a justiça, ou é para ser considerada seriamente como uma moral, uma força e um poder de uma nação? O problema com essas questões é que elas parecem retóricas e têm a desvantagem de irritar o leitor, que não deseja que lhe digam que a administração de justiça neste país é uma farsa perniciososa. Bem, se alguém realmente deseja saber como a justiça é administrada neste país, não deverá questionar os policiais, os advogados, os juizes, ou os membros protetores da classe média. Vá até aos desprotegidos — aqueles, precisamente, que necessitam mais da proteção da lei! — e ouça o testemunho deles. Pergunte a qualquer mexicano, a qualquer porto-riquenho, a qualquer negro, a qualquer pobre — pergunte aos miseráveis como eles se sentem nos salões da justiça, e então se saberá, não se o país é ou não é justo, mas se tem ou não algum amor por justiça, ou algum con-

ceito de justiça. Em todo caso, é óbvio que ignorância, aliada com poder, é o inimigo mais feroz que a justiça pode ter.

Encontrei Martin em Nova York, em Carnegie Hall. Toda a minha roupa estava suja e tive que correr e comprar um terno escuro para a ocasião. Após dois ou três dias movimentadíssimos eu estava de novo num avião. Sempre que deixava Nova York sentia que estava abandonando cruelmente Valerie e Tony, e me dava uma vontade louca de largar o script e assistir a batalha completa em Nova York. Mas eu sabia, naturalmente, que não podia fazer isso; de certo modo eles estavam envolvidos em ambas as batalhas; e não poderia ajudá-los se estivesse destinado a perdê-las.

Houve um dia em Palm Springs que nunca vou esquecer, um dia brilhante. Havia mudado do Beverly Hills Hotel para uma casa que o produtor tinha arranjado. Billy Dee Williams tinha vindo para a cidade e ficou comigo: vários dias passei em companhia de uma repórter, uma senhora muito inteligente que estava me entrevistando a respeito da versão do filme de Malcolm. Eu me sentia muito confiante aquele dia — nunca mais vou me sentir tão confiante de novo — e conversava muito livremente com a repórter. (Livre demais, me diria mais tarde, o produtor, Marvin Worth). Havia decidido pôr as cartas na mesa e explicar, tão claramente quanto pudesse, o que achava a respeito do filme e como pretendia realizá-lo. Pensei que isto simplificaria as coisas mais tarde, mas me enganei a esse respeito. Eu e o estúdio, na verdade, empatamos no momento exato em que desci do avião. Enfim, tinha optado por franqueza, ou uma parte razoável da mesma, e como responsável pelo filme, assim pelo menos me parecia, eu certamente não podia fugir a isso. Estava realmente numa posição difícil, porque, por temperamento e por experiência, tenho tendência a trabalhar sozinho e temia fazer declarações a respeito do meu trabalho. Mas estava numa posição pública e achei que seria melhor eu mesmo fazer as minhas declarações do que deixar que as fizessem por mim. O estúdio, contudo, não queria absolutamente que eu desse entrevista de espécie alguma. Portanto, lá estávamos nós e aquela tensão particular, desde que havíamos atingido o âmago do problema — e a questão de saber sob que concepção o filme deveria ser concluído não foi resolvida a não ser quando eu finalmente mandei tudo à merda e me mandei.



Eu queria muito que Billy Dee fizesse o papel de Malcolm, e desde que ninguém mais tinha uma idéia melhor, não via porque isto não podia funcionar. Poitier, nos termos brutais de Hollywood é realmente o único grande ator negro de bilheteria, por esse fato e especialmente, porque Marvin havia me pedido para ficar de olho num ator, dava-me, como eu considerei isso, liberdade total de ação. Para dizer a verdade cruamente, desde o primeiro dia em que discutimos o problema, não tinha a menor intenção de permitir que a Columbia escolhesse o ator. Estava decidido a tirar o meu nome da produção se tal acontecesse. Podem chamar isso de estupidez, de burrice, de arrogância, ou do que quiserem — tinha tomado a minha decisão, e uma vez que a tinha tomado, nada poderia me fazer hesitar, e nada poderia alterá-la. Se eu tivesse cometido erros na concepção e na execução do filme, bem, então eu teria que pagar por esses erros. Só podemos aprender com os nossos próprios fracassos. O que não podemos é permitir que outros cometam erros por nós, descartando-nos das nossas próprias concepções, aquelas que pelo menos acreditamos, pelas concepções dos outros, que não acreditamos.

Enfim, toda aquela merda não tinha se espalhado ainda. Nesse dia, eu, a repórter e Billy, estávamos tomando uns drinks à beira da piscina. O meu chofer e cozinheiro, Walter, estava começando a preparar o jantar. A repórter se levantou para ir embora e nós a acompanhamos até o carro, voltando alegres de novo para a piscina.

O telefone havia sido trazido ali. Então, começou a tocar. Billy estava do outro lado, fazendo, creio eu, improvisações africanas da voz de Aretha Franklin. Atendi o telefone.

Era David Moses — levou algum tempo antes de o som de sua voz — eu não quero dizer o *som* de uma voz — mas alguma coisa *em* sua voz — se fazer compreensível.

Ele disse “Jimmy? Martin acabou de levar um tiro”, não creio que disse ou senti alguma coisa, não sabia que *Martin* era. Mas embora soubesse — ou pensasse — que a vitrola estava ainda tocando, caiu um grande silêncio. David disse — “Ele não morreu ainda” — então eu soube que Martin era — “mas é um ferimento na cabeça...”

Não me lembro do que respondi; naturalmente devo ter respondido alguma coisa. Billy e Walter estavam me olhando, contei o que havia acontecido.

Difícilmente consigo me lembrar do resto daquela tarde, tudo desapareceu numa escura caverna de minha mente. Nós devíamos ter ligado a televisão, se é que tínhamos uma, não me lembro. Creio que devíamos ter. Lembro-me que chorei um pouco, mais por causa de uma raiva desesperada do que por tristeza, e Billy tentava me consolar. Mas realmente não consigo me lembrar daquela noite. Mais tarde, Walter me contou que um carro esteve rondando à volta da casa a noite inteira.

A última vez que vi Medgar Evers, nós paramos na sua casa quando estávamos a caminho do aeroporto, e, portanto, pude autografar meus livros para sua esposa e seus filhos. Eu me lembro de Myrilie Evers parada no batente da porta, sorrindo, e nós abanando a mão e partindo em direção ao aeroporto, onde ele me deixou num avião. Ele sorria daquele jeito que sorriem os jovens pastores das cidades do interior, e combinamos de nos encontrar brevemente.

Alguns meses mais tarde, estava em Puerto Rico, trabalhando no último ato da minha peça. Meus hóspedes, eu e Lucien tínhamos passado um dia ou dois vagueando pela ilha, e agora estávamos voltando de carro para casa. Era um dia maravilhoso, ensolarado e brilhante e a capota do carro estava descida, nós conversávamos e ríamos alegremente com o rádio do carro ligado. Então, subitamente, a música parou e uma voz anunciou que Medgar Evers tinha levado um tiro mortal quando se encontrava na garagem de sua casa, e sua esposa e seus filhos tinham visto aquele grande homem tombar.

Não, eu não posso descrever isso. Tenho pensado ou sido perseguido por isso, frequentemente. Eu disse alguma coisa parecida com — “Esse é um amigo meu!...”, mas ninguém no carro sabia bem quem era ele ou o que ele tinha significado para mim, e para tantas outras pessoas. Por alguma razão eu não o vi: vi Myrilie e as crianças, que eram ainda muito novas. O céu azul parecia cair como um cobertor e a velocidade do carro, o vento contra meu rosto, parecia me sufocar, como se os elementos estivessem determinados a forçar alguma coisa pela minha garganta a dentro, para recheá-lo com algo que não poderia nunca caber no meu interior. Não consegui dizer nada, não consegui chorar; apenas me lembrava de seu rosto, um rosto bonito, vivo e franco, e do seu cansaço, que ele usava como se fosse sua própria pele, da maneira que ele dizia “ro-aad”,



ao invés de “road”, me lembro dele ter me contado como os farrapos de roupa de um corpo linchado ficaram presos nos galhos da árvore, fustigados pelo vento durante dias e dias e ele tendo que passar por ali todos os dias. Medgar. Foi-se.

Não me lembro mais porque fui sozinho para Atlanta. Eu usei o mesmo terno que comprei para comparecer com Martin ao Carnegie Hall. Devo ter tido a precaução de reservar acomodações num hotel, porque recorde-me vagamente que parei em frente de um e falei com dois ou três homens com tipo de ministro protestante, e começamos a andar em direção à igreja. Não havíamos nos afastado muito dali, quando ficou claro que nunca chegaríamos a lugar nenhum. Havia uma multidão compacta e por mais que tentássemos de um lado ou de outro, não conseguíamos atravessá-la. Comecei a lamentar ter vindo sozinho e incógnito, porque agora que estava em Atlanta eu me sentia um pouco desprotegido. Perdi meus companheiros e fui empurrado centímetro por centímetro em direção à igreja. Mas na minha frente, entre mim e esta, havia um muro de gente intransponível. Estava sendo amassado pela multidão, eu que sempre tinha me considerado afortunado por ser pequeno; mas agora o meu tamanho trabalhava contra mim, porque, embora nos degraus da igreja houvesse gente que me conhecesse e que eu conhecia, eles não tinham a menor possibilidade de me enxergar e eu não podia gritar. Fui empurrado alguns centímetros mais e pedi a um homem muito alto que estava na minha frente para fazer o favor de me deixar passar. Ele se moveu e disse, — “Claro, assim posso ver você entrar naquele carrão.” Era verdade — havia um grande cadillac na minha frente, tão grande como uma piscina. Vi Jim Brown a certa distância, mas ele não me viu. Tentei abrir caminho aos empurrões até o carro, fazendo frenéticos sinais, finalmente alguém que estava nos degraus da igreja me viu e quase literalmente me carregou até lá. Falei um minuto com Jim Brown e então me levaram para dentro e eu me sentei.

A igreja estava lotada, claro, incrivelmente lotada. Vi Harry Belafonte sentado bem na frente perto de Coretta King. Eu tinha entrevistado Coretta alguns anos atrás, quando estava fazendo um esboço biográfico de seu marido. Havíamos nos tornado amigos; ela tem um riso franco e agradável. Ralph David Abernathy estava sen-

tado no púlpito. Eu me lembrei dele, anos antes, em sua casa em Montgomery, em mangas de camisa, grande, preto, alegre, servindo uma bebida bem gelada, e mais tarde me levando até a um hotel próximo dali. No banco diretamente na minha frente, estavam sentados Marlon Brando, Sammy Davis e Eartha Kitt — coberta de negro, parecendo tão perdida como uma menina de dez anos de idade — e Sidney Poitier. Marlon me viu e me acenou. A atmosfera era negra, havia uma tensão indescritível — como se alguma coisa, talvez o céu, talvez a terra, fosse rachar-se. Todo mundo estava sentando muito silenciosamente.

A cerimônia passava por mim como ondas. Não que parecesse irreal: era a cerimônia religiosa mais real que jamais tinha assistido em toda minha vida e que certamente não assistirei mais; eu tenho uma espécie de ressaca da infância que não me deixa chorar em público e estava fazendo um grande esforço de concentração para não esmorecer. Não queria chorar por Martin; lágrimas parecem fúteis. Mas é possível, talvez, que tivesse medo, e provavelmente não era o único, de começar a chorar e ser incapaz de parar. Havia mais do que o suficiente para se chorar, se alguém quisesse fazê-lo — tantos de nós, derrubados tão cedo. Medgar, Malcolm, Martin: e suas viúvas, seus filhos. O Reverendo Ralph David Abernathy pediu a uma irmã para cantar a canção que Martin gostava — “uma vez mais”, disse ele, — “para Martin e para mim”, e se sentou.

A irmã, uma negra alta, cujo nome não me recorde mais, se levantou, muito linda em suas roupas e na sua tristeza encoberta, começou a cantar. Era uma canção que eu conhecia: “My Heavenly Father Watches Over Me”. A música ascendia às alturas como deve ter acontecido sobre os campos escuros no passado longínquo. A canção falava de uma promessa que um povo tinha feito, muito tempo atrás, com a vida, e com aquela vida maior ainda que termina na revelação e se move em amor.

*He guides the eagle through the pathless air.*

Ela estava ali em pé, e cantava. Como ela conseguia, eu não sei; acho que nunca vi um rosto como aquele rosto naquela tarde. Ela estava cantando para Martin e para nós.

*And surely, He*

*Remembers me.*

*My heavenly Father watches over me.*



Finalmente nos levantamos e em fila caminhamos atrás de Martin. Fiquei entre Marlon e Sammy.

Não havia prestado atenção no povo quando estava sentado empurrado em direção à igreja. Mas, então, no momento em que estávamos saindo, eu pude ver bem. Havia gente em toda a extensão da rua, de ambos os lados. Havia gente nos telhados, de ambos os lados. Em cada centímetro do chão, tão longe quanto os olhos podiam enxergar, havia gente, gente negra. Parada em silêncio. Era um silêncio que aniquilava. Comecei a chorar, e tropecei, e Sammy segurou o meu braço. Começamos a andar.

Uma semana depois, ou talvez um pouco mais tarde, eu e Billy estávamos bebendo alguma coisa em algum lugar, creio que no "The Factory", quando um jovem produtor de Hollywood veio até nossa mesa para nos dizer que a história de Martin Luther King deveria ser feita imediatamente e que eu deveria escrevê-la. Respondi que não poderia aceitar porque estava fazendo a de Malcolm. (Eu achei essa idéia terrível mas nem me dei ao trabalho de dizer isso).

Bem, se eu não aceitava, que outro escritor negro poderia escrevê-la, então? Ele me pediu alguns nomes e eu dei. Ele balançou a cabeça e disse: — Não, eu era o único que poderia escrevê-la.

Eu não consegui reagir muito rapidamente, mas Billy ficou louco.

"Você não acredita nessa merda toda que está dizendo," ele gritou, "essa história de Jimmy ser grande e não sei o que mais, isso tudo é conversa. Você está pensando é no nome comercial dele, pensando no dinheirão que você faria se conseguisse botar junto o nome dele e o de Martin Luther King numa marquete. É nisso aí que você está pensando."

Billy disse a verdade, mas é difícil envergonhar o diabo.

Os Panteras de Oakland, deram em fevereiro, uma festa de aniversário para Huey Newton, que estava preso. Eles me pediram para ser o anfitrião da festa, e então viajei para lá. A festa de aniversário era, naturalmente, um comício para levantar dinheiro para a defesa de Huey e uma maneira de fazer o mundo saber que os Panteras, extremamente sozinhos, não tinham a intenção de se deixarem subjugar. Era também, uma maneira de fazer o mundo — e

Huey — saber como eles amavam e respeitavam o jovem, que, junto com Bobby Seale, tinha organizado, na primavera de 1966, o Grupo Pantera Negra de Auto-Defesa. Esse era o nome original do grupo, e este nome exprime muito sucintamente a necessidade que o trouxe à existência. É uma necessidade que nenhum cidadão do gueto teria dificuldade de decifrar. Os tiras brancos gostam de me lembrar que os cidadãos do gueto "pedem por mais tiras e nunca por menos", mas o que eles estão pedindo é uma proteção policial maior: porque os crimes cometidos por negros contra negros nunca foram levados muito a sério. Além disso, não é exatamente para prevenir crimes como esses que os policiais estão ali. Que o povo precisa de proteção *contra* a polícia se pode perceber pela reação da comunidade negra em relação aos Panteras. Os Panteras teriam sido uma outra insignificante gang de rua sem o amparo desta comunidade. Foi esta que reagiu dando uma resposta à polícia: estes jovens, exigindo o direito de carregar armas, vestidos deliberadamente com roupas de guerrilhas, que estavam do lado de um negro onde quer que este fosse acostado por um policial, para lhe informar sobre os seus direitos e insistindo no direito da auto-defesa do povo negro, foram imediatamente marcados como "desordeiros"

As pessoas brancas parecem ofendidas pela desconfiança que os negros têm pelos policiais, acham estranho que um homem, uma mulher ou uma criança negra possa ter alguma razão para temer um tira branco. Um dos jurados recusados por Charles Garry, durante o *voir dire* processo do julgamento de Huey, disse isto:

— "Como disse antes, a minha opinião é que racismo, fanatismo, segregação são coisas que temos que eliminar das nossas mentes e corações e não das ruas. Tenho como princípio que — fui ensinado para recorrer — independente de estar com a razão, se um policial me ordenasse alguma coisa, eu a faria, porque se estivesse certo daquilo que estava fazendo teria a justiça nos tribunais". — E em resposta à pergunta de Garry, — "Suponha que um policial lhe apontasse um revólver e lhe desse um tiro, o que é que você faria?" O jurado em perspectiva respondeu: — "Permita-me dizer isto, eu não acredito que um policial fizesse tal coisa." Este é um exemplo vívido e verdadeiro da piedade do americano. De fato, o começo da declaração é reveladora: — "...racismo, fanatismo e segregação são coisa que temos que eliminar das nossas mentes e corações



e não das ruas. Alguém pode querer saber a quem o “nós” aqui se refere, mas não há dúvida quanto à parte que contém esta velada acusação “não das ruas”. Quem quer que seja o “nós”, certamente não é o declarante, mas a anarquia e o perigo *das ruas*, é culpa dos negros. Desnecessariamente: porque a polícia é honesta e os tribunais são justos.

Não é por acaso que os americanos se deixam levar por este sonho. Ele envolve o amor-próprio americano em alguma fase profunda e desastrosa da adolescência. E os americanos são cuidadosa e deliberadamente condicionados para acreditar nesta fantasia: pelos seus políticos, pelos jornais, pelos cinemas, pela televisão, por todos os aspectos da cultura popular. Se não aprendi nada em Hollywood, ao menos aprendi como são manipulados abjetamente os fornecedores da cultura. A lavagem do cérebro é tão completa que a realidade áspera e brutal não oferece resistência contra ela: a revelação da corrupção nas altas esferas, bem como os “escândalos” recentes em Nova Jersey, por exemplo, não produziram nenhum efeito na complacência americana; nem tampouco alguns dos nossos recentes assassinatos produziram um efeito maior do que compelir os americanos a se armarem — o que conseqüentemente provou a fé que eles têm na lei! — e colocarem mais uma fechadura nas suas portas. Não há dúvida que atrás dessas portas, com as suas armas à mão, eles ligam a televisão e assistem o “F.B.I.”, ou alguma outra fábula similar tão confortadora como esta. Não significa nada, portanto, dizer a um povo tão isolado que as forças do crime, as forças da lei e da ordem, trabalham lado a lado no gueto, sangrando-o dia e noite. Não significa nada dizer que, aos olhos do negro, do pobre, a principal diferença entre um policial e um malfeitor é apenas a roupa. Um malfeitor pode entrar na casa de alguém sem avisar, incomodando e molestando todo mundo, pode até mesmo cometer um crime. Um tira também pode; qualquer um que tenha algum negócio no gueto, se não pagar por fora os tiras, fica em três tempos sem o mesmo; e deverá ser lembrado — Malcolm se lembrou — que o comércio de bebidas floresceu no gueto durante anos sem nunca ter sido seriamente molestado. Não até que moças e rapazes brancos começaram a se dopar — não até que a epidemia no gueto se alastrasse, como acontece com todas as epidemias — não havia ali nenhum distúrbio público. Enquanto era somente os negros que estavam matando uns aos

outros, e pagando generosamente os tiras brancos pelo privilégio, os defensores da lei e da ordem estavam silenciosos. A estrutura interna do gueto é uma tentação quase irresistível às atividades criminosas de uma espécie ou de outra: é um homem raro aquele que não sacrifica os desamparados. Não há pressão para que o proprietário seja responsável pela conservação de sua propriedade: a única pressão é receber os alugueis; isto é, esfolar o gueto. Não há pressão para o açougueiro agir com honestidade: se ele pode tirar proveito vendendo carne de segunda por de primeira, porque não haveria de fazer? comprando barato e vendendo caro é o que fez a grandeza deste país. Se o comerciante pode vender móveis ordinários a prestação, por seis, sete vezes mais caro, quem é que poderá impedi-lo, ou mesmo quem ouvirá ou dará crédito às reclamações dos seus fregueses? O freguês nem mesmo tem noção do lugar onde deverá ir reclamar. O gueto é também uma mina de ouro para as companhias de seguros. Um centavo por semana, durante cinco, dez, ou vinte anos, é um bocado de dinheiro, mas, na verdade, muito raramente o seguro paga algum funeral. Não tenho conhecimento de nenhum caso. Uma pessoa da minha família vinha pagando um centavo por semana de seguro, durante anos, quando finalmente nós a persuadimos a empregar isso em apólices — que hoje estão valendo um pouco mais de duzentos dólares. E deixe-me declarar candidamente, e sei, neste caso, que não estou falando somente por mim, que cada vez que ouço os negros deste país serem taxados de “desleixados” e “preguiçosos”, toda vez está implícito que merecem a condição que aqui desfrutam, (Vejam os Irlandeses! Vejam os Poloneses! Sim, vejamos-nos.) eu penso em todos os sofrimentos e suores que foram necessários para ganhar esses centavos, com que confiança eles davam esse dinheiro a fim de tornar a difícil passagem para alguma parte, muito mais fácil do que a vida, a fim de mostrar dignidade diante da morte e então, não tenho qualquer compaixão por este país ou por meus compatriotas.

Dentro deste redemoinho, nesta presente elaboração de quartos de escravos, neste ensaio para um campo de concentração, nós nos colocamos, armados, não para proteger o gueto, mas para proteger os investimentos americanos de algum menino branco, que só pode ser considerado responsável por algum patriota mais velho e igualmente branco — Andy Hardy e seu piedoso pai. Richard Har-



ris, no seu artigo, *The Turning Point*, observa que num levantamento de trezentos departamentos policiais em todo o país ficou constatado que menos de um por cento exigia qualquer instrução escolar. Três anos mais tarde, um plano de estudo, ordenado pelo Presidente, revelou que a maior parte dos criminosos estava mentalmente abaixo da média, o que sugeriu que aqueles policiais que fracassaram na tentativa de detê-los ou encontrá-los podiam não estar muito acima disso. O tira branco no gueto é tão ignorante quanto medroso, e o conceito que tem do trabalho policial não vai além daquele de assustar os nativos. Ele não é obrigado a prestar contas aos nativos de nada daquilo que faz; por mais que faça, ele sabe que será protegido pelos seus irmãos, que não permitirão que nada venha manchar a honra da corporação. Quando o seu dia de trabalho termina, vai para casa e dorme profundamente numa cama a milhas de distância — milhas de distância dos negros, porque é assim, de fato, que pensa de nós. Ele está assegurado da retidão da sua conduta e da justiça do seu fanatismo todas as vezes que Nixon, Agnew ou Mitchell — ou o Governador do Estado da Califórnia — abrem suas bocas.

Vendo a reação do Norte diante dos Panteras Negras, observando a abjeta covardia da população que permite que eles sejam ameaçados, presos e assassinados, e tudo somente com o fraco pretexto da legalidade, ninguém pode deixar de sentir um profundo desprezo por esse Norte emancipado, que ainda ontem se dizia tão cheio de admiração e simpatia pelos heróicos negros sulistas. Felizmente, muitos de nós éramos céticos a respeito dessa honrada simpatia nortista e portanto, não estamos oprimidos e desapontados agora. Felizmente, quase todos nós sabemos como um dos meus irmãos interpretou isso uns vinte e quatro anos atrás, que “o espírito do Sul é o espírito da América”. Quanto mais inocentes estão sendo atormentados, presos e assassinados — exatamente como os alemães na época do Terceiro Reich — menos os cidadãos das cidades do Norte sabem disso, na verdade, eles não querem mesmo saber o que está acontecendo à volta deles. — Não há dúvida que o advento dos Panteras era tão inevitável como o resultado daquele dia em Montgomery, Alabama, quando a senhora Rosa Parks recusou a se levantar e dar o seu lugar para um homem branco naquele ônibus. Aquele dia estava para vir há muito tempo; perigo em cima de perigo, humilhação em cima de humilhação, aumentou intoleravelmente e deu à senhora Parks

a sua plataforma. Caso a senhora Parks tivesse ficado em casa por estar com dor de cabeça naquele dia, caso a comunidade não tivesse recebido queixas, não teria havido o boicote de ônibus e nós nunca teríamos ouvido falar de Martin Luther King. É a mesma coisa com os Panteras: era inevitável que a fúria iria explodir, que um negro, abertamente na frente de seus camaradas, desafiaria a arma de um policial, e mais ainda, que desafiaria o direito do policial de estar no gueto, e aconteceu daquele negro, daquele homem ser Huey. Não é concebível que o desafio jogado desta maneira por este jovem mulatino, atarracado, de cara lavada, pudesse ter tido tal repercussão se ele não estivesse articulando a raiva e repudiando a humilhação de milhares, muito mais, de milhões de homens.

Huey, naquele dia, o dia que levou Bobby Seale a descrevê-lo como “o pior filho da puta na história”, restaurou a honra dos homens e mulheres no gueto. E por esta razão, os Panteras, longe de serem uma organização ilegal, fora da lei, são os defensores da paz e da estabilidade do gueto. Mas isto sugere uma medida de autonomia imprecedented para a população do gueto e ninguém com autoridade nas mãos está preparado para encarar este fato tão óbvio. A América branca permanece incapaz de acreditar que as queixas da América negra são reais. Os brancos são incapazes de acreditar nessas queixas, porque não podem encarar o que esses fatos dizem deles e do seu país; e o efeito desta incompreensão maciça e hostil está para aumentar o perigo em que todo o povo negro vive aqui, especialmente os jovens. Ninguém está mais ciente disso do que o Comandante dos Panteras Negras. Razão por que está ansioso para criar programas de trabalho e estudo no gueto — desde refeição quente para as crianças das escolas primárias, cursos acadêmicos nos colégios até o formato e o conteúdo dos jornais Panteras Negras. Todas essas coisas são antídotos contra a desmoralização que é o castigo do gueto, são técnicas de auto-realização. É também por isso que os negros estão ensinados a carregar armas — não, como a maior parte dos brancos americanos, por temerem seus vizinhos, embora de fato, tenham muito para temer, mas com a finalidade, desta vez, de proteger suas vidas, suas mulheres, suas crianças, suas casas, e não propriamente com a finalidade de proteger a vida e a propriedade de um Tio Sam que muito raramente tem sido capaz de tratar seus sobrinhos negros com um pouco mais do que um desprezo vagamente benigno. A necessidade agora, como quase todo negro vê de uma ma-



neira ou de outra, é a criação e a proteção de um núcleo que trará para a existência um povo novo.

Os Panteras Negras se fazem visíveis — se fazem de alvos, se preferirem — a fim de trazer para a comunidade negra a presença de uma nova força em seu meio, uma força que trabalhará em direção à saúde e liberdade da comunidade. É uma força que se coloca em oposição àquela força que usa as pessoas, não somente do gueto, como coisas, e que reduz homens, mulheres e crianças a um pó irreconhecível.

Eles se intitulam especialmente como uma força para a reabilitação da juventude — a juventude que estava simplesmente perecendo nas drogas, fora das escolas, no exército ou nas prisões. A comunidade negra reconheceu essa energia quase imediatamente passando para o lado dela e apoiando-a. A posse mais valiosa de uma pessoa é o bem estar de seu filho. Nada revela mais completamente a intenção atual deste país dentro da esfera nacional do que a repressão feroz, a tempestade de fogo e sangue que os Panteras são obrigados a suportar para se declararem homens — homens que querem “terra, alimento, moradia, educação, roupas, justiça e paz”. Os Panteras deste modo se tornaram os nativos vietcongs, o gueto se tornou uma aldeia onde estes nativos se esconderam, e na operação procura-e-destrói, todo mundo ali se tornou suspeito.

Sob tal circunstância, a criação de um povo é absolutamente improvável. Parece que ninguém aprende muito da história, mas seguramente os chefes de impérios aprendem menos. Este fracasso é muito mais grave no caso dos administradores americanos, que nunca ouviram falar da história e nunca a leram, e portanto não sabem a resistência da paixão de um povo, o que este pode realizar, ou como é fatal o momento, para o império, quando a paixão é levada à subversão, e eles não perceberam ainda que sempre foram forçados a fazer duas coisas mortais. Foram forçados a revelar seus motivos, a se revelarem, expondo toda a sua nudez grosseiramente; daí a reação dos negros de todas as camadas sociais e intelectuais contra a “Administração Nixon”, que é de uma imprecendente e atordoante unanimidade. A administração só pode governar pelo medo: o medo do povo que a elegeu, e do medo que esta administração pode inspirar. A despeito de bomba lacrimogênea, maças, clubes, helicópteros, instalações sanitárias imundas, espiões, *provocateurs*, tanques,

metralhadoras, prisões, centros de detenções, esta é uma fundação débil. E os administradores ajudaram a criar um novo panteão de heróis negros. Futuramente as crianças negras serão batizadas com os seus nomes, terão aspirações mais altas neste país e no mundo. A grande questão é o quanto isto vai custar. O grande esforço está em reduzir ao mínimo os perigos. Quando eu estava na Costa, Eldridge Cleaver, Bobby Seale e David Hilliard estavam livres, Fred Hampton e Mark Clark estavam ainda vivos. Agora, cada dia traz um novo revés, e freqüentemente um sangüinário. O governo está com a firme determinação de acabar com os Panteras Negras da face da terra: o que é uma outra maneira de dizer que estão absolutamente determinados a conservar os negros nos seus lugares. Mas esta repressão impiedosa e sangrenta, que é levada a cabo, além do mais, com grande desprezo pela sensibilidade e inteligência do povo negro desta nação — porque quem pode acreditar nas informações da polícia? — leva quase todos os negros a perceberem que o governo, a polícia, e o populacho, não são capazes de distinguir um Pantera Negro de um escolar negro ou de um advogado negro. E este reinado de terror está criando um grande problema nas prisões de todo o país. — “Sabe,” disse um cansado guarda da prisão para Bobby Seale, “você conseguiu muita notoriedade, mas nós não queremos organizações aqui. Aqui não tem Panteras nem Rangers nem Muçulmanos. Aqui só tem prisioneiros.” O que ele tem é só problema, é só gente negra, que sabe porque está na prisão, e nem todos os negros poderão ficar presos em solitárias. Esses negros têm, em todas as camadas da vida americana, parentes que não esquecem, para não mencionar os filhos que não esquecem. O governo não pode se dar ao luxo de acreditar num único negro neste país, não pode penetrar no mistério de nenhum negro, ou apreender como a paciência negra pode ser tenaz e diabólica. Ainda que tivesse um único negro em quem pudesse confiar, este lhe seria inútil, porque ele não teria nunca a confiança dos outros negros. É verdade que nossas armas não parecem e nunca pareceram muito formidáveis, mas como no passado, e como hoje, nossa maior arma é o silêncio. Como o poeta negro Robert E. Hayden disse em seu poema para Harriet Tubman, “Renegado, Renegado: *Quero, quero, quero ser livre*”.

A primeira vez que encontrei Huey foi em San Francisco, um pouco antes do seu fatal encontro com os policiais Frey e Heanes. Este



encontro aconteceu às cinco horas da manhã, em Oakland, em 28 de outubro de 1967 — no mesmo dia, por estranho que pareça, em que Tony Maynard do outro lado do Oceano estava sendo detido por assassinato.

Fui para San Francisco para ficar trabalhando na casa de um amigo. Minha irmã Glória foi junto para tomar conta de mim, e também, pobre garota, para descansar. Tinha sido um ano difícil e estávamos tentando nos recompor, esperando que este terminasse logo. Nós esperávamos — provavelmente com a mesma apreensão que os refugiados devem sentir quando estão se aproximando da fronteira — que a passagem seria tranqüila, e que nenhum desastre iria empalidecer o ano que findava.

Uma senhora negra, velha amiga minha — velha no sentido de amizade, porque a idade era indeterminada — convidou-nos para um grande jantar indiano em seu apartamento e foi nessa noite que pela primeira vez encontrei Eldridge Cleaver. Tinha ouvido falar muito dele, mas de Huey Newton apenas tinha visto aquele seu poster onde ele está sentado naquela elaborada cadeira como Ministro de Defesa dos Panteras Negras. Falei muito pouco com ele naquela noite. No entanto, ele e Glória conversaram muito, recordo-me que quase não conversaram com ninguém mais. Fiquei muito impressionado com Huey — por sua inteligência, sua juventude e por uma espécie de ansiedade vívida de esperança que fazia o seu rosto mudar quando as luzes no interior enfraqueciam ou aumentavam.

Glória ficou impressionada pelas suas maneiras. Esperava, eu sei, um tipo intolerante, agitado, maçante, que a trataria zombeteiramente como “irmã” e diminuindo-a por não usar uma indumentária e fazendo-lhe uma palestra interminável, intolerável, sobre a posição do “negro”. — “Eu estou *cansada*,” Glória algumas vezes me disse, “desses *pretos* da classe média, que foram educados em colégios, que nunca viram um rato, nunca passaram fome, nunca trabalharam um só dia na vida — que acabaram de se tornar negros na *semana* passada — dizerem pra *mim* o que significa ser negro.” Huey não foi e não é assim absolutamente. Ele fala bastante — tem muita coisa para dizer — mas Huey ouve. Enfim, ambos se tornaram amigos. Antes de partirmos ele me deu vários jornais dos Panteras Negras, (o início do meu fichário sobre os Panteras Negras, senhor Mitchell) e eu, ele e Eldridge prometemos que manteríamos contato e que nos veríamos em breve.

Fiquei também muito impressionado com Eldridge — é impossível alguém deixar de ficar — mas senti um certo constrangimento entre nós. Senti que ele não gostou de mim — não exatamente isso: que me considerou de uma qualidade duvidosa. Estou habituado a isso, embora não possa dizer que goste. Sabia que ele havia escrito a meu respeito no seu livro “Soul On Ice”, mas ainda não tinha lido. Naturalmente que, quando li, não gostei do que ele disse. Mas posteriormente — por ter apreciado o livro e sentido que Eldridge era uma pessoa rara e valiosa — eu achei que podia perceber porque ele se sentiu impelido a publicar, o que era, sem dúvida, uma advertência: ele estava sendo um observador zeloso no muro da cidade, e não digo isso com sarcasmo. Parecia que ele me achava uma pessoa em que não se pode confiar, muito útil para a Instituição para merecer a confiança dos negros. Creio que ele usou a minha reputação pública contra mim de uma maneira ingênua e injusta, e que também estava um pouco confuso em sua mente com a depravação indescritível do macho e a minha pessoa — a voz e a presença de todos aqueles vagabundos, bichas e desordeiros, na prisão, deve tê-lo feito vomitar mais de uma vez. Bem, naturalmente espero conhecer melhor a mim mesmo e a intenção do meu trabalho do que isso, mas eu *sou* de uma qualidade diferente. Eldridge também é; todos nós somos. É pena, que provavelmente, nunca teremos tempo para tentar definir a amizade de um artista diferente e de má reputação, de um revolucionário diferente e de má reputação; porque o revolucionário, por mais diferente que seja, dificilmente tem má reputação da mesma maneira que o artista pode ter.

Ambos parecem condenados a permanecer para sempre numa posição diferente e quase desconfortável em relação um ao outro, e ambos permanecem numa posição cáustica e nada confortável em relação ao povo, a que os dois, de diferentes maneiras, esperam servir. Mas isto é apenas para lembrar que o povo é um mistério e que uma pessoa é outro. Embora sabendo que este enigma é muito amargo, delicado e perigoso, me parece que o fracasso de uma pessoa em respeitar outra limita perigosamente o seu discernimento em relação ao povo, e arrisca trair a si mesma a este, afundando na apatia de um desapontamento cínico, ou subindo a uma violência de sabedoria, maior do que aquela que o povo deseja ou que o povo tem.

Ultimamente, o artista e o revolucionário operam como podem operar e pagam qualquer tributo que precisam pagar por trás dessa



atividade, porque eles são possuídos por uma visão, e não seguem tanto esta visão como são levados por ela. De outro modo não podem suportar e muito menos abraçar as vidas que eles são obrigados a viver. Creio que precisamos um do outro e temos muito que aprender um do outro, e, mais do que nunca, é neste momento que precisamos.

Eu e Huey combinamos nos encontrar de novo numa tarde, mas lhe aconteceu alguma coisa e ele não pôde aparecer. Um pouco depois, eu e Glória voltamos para Nova York. Posteriormente, recebemos uma telefonema de um amigo dizendo o que havia sucedido a Huey. A primeira reação de Glória foi: — “aquele rapaz tão agradável!” e então um sombrio, amargo, — “pelo menos ele não morreu.”

Muitos meses depois, eu fui com Charles Garry, seu advogado, e alguns jornalistas, visitá-lo na “Alameda County Courthouse”. Lembrou-me que estava um dia muito quente; a pequena sala onde nos sentamos estava lotada. Huey parecia muito mais magro e pálido do que quando o encontrei da primeira vez, mas estava com boa saúde e muito lúcido.

Huey é um homem difícil de descrever. As pessoas cercadas de lendas publicitárias raramente se parecem como são descritas, mas no caso de Huey, o Grande Diretor deu o papel adequado a ele. Huey parece o mais limpo, o mais arrumado, o mais educado dos adolescente — o garoto preferido da ama-seca. Ele é muito antiquado — no bom sentido, claro — na maneira respeitosa com que trata as pessoas, especialmente as mais velhas. Pode-se imaginá-lo — quase — daqui há alguns anos, trabalhando tranqüilamente numa firma de advocacia, com uma bonita esposa, um par de filhos, fumando um cachimbo, vivendo pacificamente e mais ou menos integrado em algum subúrbio. Eu digo “quase” porque no momento que alguém tenta colocá-lo em uma moldura comum, alguma coisa fica errada com o quadro, sobra o espaço onde se imaginou colocar Huey. Há nele uma dedicação que é tão gentil quando é insubmissa, absolutamente inquebrantável. Comecei a perceber isso quando percebi que Huey estava sempre ouvindo e sempre observando. Não há dúvida que ele pode ser enlouquecido, ele é humano; mas certamente ele não pode ser enlouquecido com muita facilidade. Aqueles olhos penetram em tudo, e por trás daquele sorriso juvenil, ele esconde um complicado quadro de contagem. No dia, por exemplo, em que estava transando com a imprensa, com os fotógrafos, com seu advogado, comigo, com os regulamentos

da prisão, com sua notoriedade, com o último pronunciamento do chefe de polícia, com o sistema de terror rapidamente engolfando seus amigos e colaboradores, ele estava também, afinal de contas, à sombra da câmara de gás.

Qualquer um, sob tais circunstâncias, seria perdoado se ficasse um pouco irritado, ou fosse um pouco rude, mas Huey estava encantador, falando com candura sobre tudo aquilo que pensava. Ele acredita, e eu também, na necessidade de se estabelecer uma forma de socialismo neste país — Bobby Seale provavelmente o chamaria de uma Canção Nacional Americana — isto é, um socialismo indígena, formado pelas reais necessidades do povo americano e em resposta a estas necessidades. Não é uma posição doutrinária, independente de parecer que os Panteras glorificam Mao, Che, ou Fanon. (É preciso notar que esses homens, afinal de contas, disseram alguma coisa a este século e que podem ser lidos com algum proveito, e não são, como a opinião pública pensa, meramente traficantes — mais sutis ou mais perigosos — de heroína. A necessidade para uma forma de socialismo é baseada na observação de que as presentes organizações econômicas do mundo condenam a maior parte do mundo à miséria, e que a condição de vida ditada por essas organizações é estéril e imoral; e finalmente, que não há esperança de paz no mundo enquanto elas prevalecerem.

Mas o mundo faz as suas organizações vagarosamente, e só se submete a alguma mudança com muita relutância; a idéia de um socialismo genuíno na América é uma idéia abominável, e aqueles no poder, tanto quanto a massa, resistirão a tão tremenda heresia com todas as suas forças; por essa razão, precisamente, Huey está na prisão e os negros da nação correm perigo. Olhando Huey, eu ficava pensando, ficava querendo saber onde ele encontrava aquela força que o sustentava e que lhe dava tão gloriosa dignidade — mas então, subitamente eu não quis mais saber. A verdade é que os diferentes são grandes, e a jornada mal começou, com tantos perigos não há tempo para perder, e isto investe cada ação de uma urgência impessoal. Pode, por exemplo, não significar nada dar refeições para as crianças nas escolas, mas isso precisa ser feito, por causa da saúde e da moral da criança, por causa da saúde e da moral de seus pais. Pode não significar nada fundar uma escola liberal, ou insistir que todos os membros adultos dos Panteras recebam aulas de Educação Política, mas essa escola e essas aulas podem ser antídotos muito poderosos contra a tran-



qüilidade que este país distribui como moralidade, verdade e história. Uma injeção, um pedaço de pão, não são nada, mas é muito importante que todos os membros dos Panteras estejam proibidos de roubar ou pegar até mesmo isso do povo: e isto muda uma pessoa quando esta toma consciência de si mesma, nas palavras de Huey, como "um boi para ser montado pelo povo" Para estudar a estrutura deste país, para saber que mãos controlam o poder e com que finalidade, é necessário apenas encarar a matéria como um exercício acadêmico — e portanto, é necessário, tudo isto é necessário, pela disciplina, pela sabedoria e pelo poder. Desde que os negros são tão seriamente excessivos em número, é possível desmistificar esses veementes exercícios como meros atos de fé, ridículos para todo mundo, exceto para o crente: mas ninguém no poder parecer achar os Panteras ridículos, nem mesmo remotamente. Pelo contrário, eles jogaram, despejaram sobre as cabeças desses poucos negros indefesos uma chuva de castigos tão violentos que atraiu a atenção e os comentários céticos do mundo — que não aceita a versão americana da realidade como verdadeira; e eles aparentemente consideram os Panteras tão perigosos que as nações — ou melhor, os governos — amigas dos Estados Unidos recusaram permitir que qualquer Pantera desembarcasse em seus territórios, para grande descontentamento das suas já decididamente críticas populações estudantis. O resultado disto é negativo para os Panteras, mas esse resultado revela volumes e volumes sobre a América e o nosso papel no mundo. Aqueles que mandam neste país agora — mandar, é bom esclarecer, não é a mesma coisa que governar — estão determinados a esmagar os Panteras a fim de esconder a verdade da situação negra americana. Querem esconder esta verdade do povo negro — para evitar a possibilidade de alguma reação — e gostariam de escondê-la do mundo; e não, ó céus, porque estão envergonhados dela, mas simplesmente porque não têm intenção de mudá-la. Eles não podem dar-se ao luxo de mudá-la, não saberiam como mudá-la, mesmo que tivessem imaginação suficiente para abarcar a concepção da liberdade negra. Mas esta concepção vive nas suas imaginações e na imaginação popular somente como um pesadelo. Os negros nunca foram livres neste país, nunca se pretendeu que eles deveriam ser livres, e o espectro de tão terrível liberdade — a idéia de uma liberdade tão maldita e abandonada — conjura um outro país não imaginável, um país onde nenhum homem branco religioso pode viver. Um país civilizado é, por definição, um país dominado por brancos e onde os ne-

gros reconhecem claramente o seu lugar. E é realmente assim que a maior parte dos brancos americanos pensa. Eles consideram — quase corretamente, tanto quanto lhe diz respeito aos seus interesses — que são eles agora, finalmente, que estão sendo representados em Washington, e, é claro, qualquer promessa real para a liberdade negra neste país teria o efeito de reorganizar todas as nossas prioridades e alterar todas as nossas promessas, portanto, horrível exemplo, nós estaríamos apoiando liberdade negra de combatentes na África do Sul e na Angola, e não estaríamos aliados a Portugal, ficaríamos mais apegados a Cuba do que estamos com a Espanha, estaríamos apoiando as nações árabes ao invés de Israel, e nunca teríamos sido compelidos a seguir os franceses no Sul da Ásia. Mas tal conduta faria desaparecer para sempre o sorriso da face daquele amigo que todos nós regozijamos de termos em Chase Manhattan. A conduta que nós *estamos* seguindo está determinada a ter o mesmo efeito, e com terríveis repercussões, mas sugerir tal coisa agora está muito perto da traição. A despeito da nossa situação horrível, e mesmo encarando a possibilidade de que os Panteras possam ser esmagados e enterrados, eles — isto é, o povo negro daqui — tem mais a seu favor do que tiveram aqueles numerosos cristãos correndo até as catacumbas: e escavar o túmulo, como interpretou Malcolm, do mais poderoso império romano.

Neste lugar, e mais precisamente nesta época, as gerações parecem florescer, brilhar e definhar com a velocidade da luz. Não creio que seja meramente o reflexo inevitável da idade média: suspeito que houve realmente alguma alteração radical na estrutura, na natureza, no tempo. Alguém pode dizer que não há imagens claras; todas as coisas parecem sobrepostas e em guerra com alguma coisa mais. Não há panoramas nítidos: a estrada que parece estar puxando alguém para frente no futuro está também puxando esse alguém para trás no passado. Eu me sentia caleidoscópico, fragmentado, andando pelas ruas de San Francisco e tentando decifrar o que era que minha própria consciência fazia de todos os elementos em que eu estava envolvido e que estavam todos enroscados em mim. Estava em San Francisco por razões não muito agradáveis, mas a despeito desse fato havia certas compensações. Olhar para o rosto de Huey, mesmo pensando que ele estava na prisão, fora uma compensação — pelo menos eu sabia que ele estava se agüentando. Falar com Charles Garry, que era inteli-



gente, honesto, ativo e devotado a Huey, fora uma compensação, assim como fora encontrar Melvin, o irmão de Huey, ou simplesmente andar pelas ruas de San Francisco, que é a minha cidade preferida — minha cidade americana preferida.

Estive em San Francisco pela primeira vez, no auge do movimento pró direitos civis. Fui a pedido da revista *Esquire* e depois voltei para fazer uma palestra. Não havia então a juventude das flores, somente estudantes sérios e impulsivos, ansiosos para saberem o que podiam “fazer”. Os negros levariam a mal se moças e rapazes brancos viessem para a vizinhança — confraternizar é a única palavra provavelmente — com os outros jovens nas varandas, nos bares, nas máquinas automáticas de refrigerantes? Os negros levariam a mal se alguns deles fossem visitar uma igreja negra? Eles poderiam convidar membros da congregação negra para as suas igrejas brancas, ou os negros não iriam se sentir à vontade? Seria uma boa idéia se os times de basquetebol dos negros e dos brancos disputassem algumas partidas? E não haveria nenhum problema depois no baile, porque cada camaramaria iria levar a própria namorada. Eu achava que eles deveriam ir para o Sul neste verão para trabalhar nas eleições, ou deveriam ficar na cidade e trabalhar nas suas próprias comunidades? Alguns deles queriam realizar um debate num local aberto — o Projeto Quatorze — eu viria falar e responderia as questões? O que se deve fazer a respeito das pessoas mais velhas que são *muito simpáticas, na verdade*, mas apenas — bem, apenas não parecem entender o problema — o que se deve responder a elas, o que se deve fazer? E as crianças negras: é uma outra espécie de vida — você precisa compreender isso. *Sim*, um lote inteiro de gente negra vai querer derrubá-lo, você precisa entender. Nós temos a nossa que é muito mais agradável. Sr. B., o Irmão Malcolm disse que um povo só pode ser respeitado quando possui a sua própria terra. O que o senhor acha disso? E como é que vamos conseguir a nossa própria terra? Meus pais disseram que não devo participar de movimentos, de demonstrações, de passeatas, essas coisas todas. Disseram que devo estudar primeiro. O que o senhor pensa disso? Sr. B., o que o senhor diz a um velho que se sente desiludido a respeito de tudo? Sr. B., o que nós vamos fazer a respeito do tráfico de drogas aqui no gueto? Sr. B., os negros devem se alistar no exército? Sr. B., o senhor acha que os Muçulmanos estão com a razão e que nós deveríamos ser um estado separado? Sr. B., o senhor já esteve na Áfri-

ca? Sr. B., o senhor não acha que a primeira coisa de que o nosso povo precisa é de unidade? Como é que podemos acreditar nessa gente branca em Washington? Eles não se incomodam com os pretos. Sr. B., qual a sua opinião a respeito da integração? O senhor não acha que isso pode ser uma armadilha, uma lavagem cerebral para os negros? Eu cheguei à conclusão que o homem nunca irá fazer nada certo. Ele é um demônio, exatamente como Malcolm disse que era. Eu disse ao meu professor que nunca mais faço a saudação à bandeira. O senhor não acha que tenho razão? Quer dizer que se nós tivéssemos um baile depois do jogo de basquetebol, todos os irmãos teriam que dançar a noite inteira com a *mesma garota*? Mas e os rapazes brancos? Oh, eles podem dançar com a *sua garota*. Gargalhada, embaraço, sensação de mal estar. Sr. B., o que o senhor acha a respeito de casamento entre raças diferentes?

Perguntas autênticas podem ser expressadas de uma forma absurda e provavelmente podem ser respondidas só pelo examinador e assim mesmo no momento. Mas perguntas autênticas, especialmente de jovens, são muito comoventes e é por isso que vou sempre me recordar dos rostos de algumas daquelas crianças. Embora as questões que estavam diante deles fossem difíceis, eles pareciam, pelo menos a maior parte, gostar do desafio. É verdade que os estudantes brancos pareciam olhar os estudantes negros com alguma apreensão e algum espanto, e eles também revelavam inconscientemente como estavam tão corrompidos pela doutrina da supremacia branca. Mas os estudantes negros, ainda que fossem capazes de uma condescendência elaborada, deliberada e excessiva, pareciam dizer muitas coisas apenas por gozação, sem acreditar nelas, e exibiam um sorriso malicioso nos lábios. Os estudantes: eles sentiam um irritante desprezo pela sua geração branca mais velha.

O que mais parecia afligir os estudantes brancos — afligir talvez seja uma palavra forte demais — o que os deixava pensativos e ansiosos — era a desesperada natureza de suas opções. Não porque tivessem comparado suas opções com as dos estudantes negros e tivessem ficado perturbados pela injustiça óbvia e temporal. Pareciam sentir vaga e desesperadamente que os papéis que eles, como brancos, deviam representar, não eram muito significativos, e talvez — por causa disso — não muito honestos. Eu me lembro de um rapaz que estava quase para se tornar um gerente de uma das maiores linhas aéreas — para ele, gracejava tristemente, o céu seria o limite. Mas ele queria



saber se podia “se agüentar”, se podia reter o respeito de algumas das pessoas que o respeitavam agora. O que queria dizer era que esperava não ser posto de lado de todas as coisas significativas da existência humana. E ele receava o pior. Ele, como muitos outros estudantes, estavam sendo forçados a escolher entre traição e irrelevância. As suas obrigações morais com o irmão negro, se fossem autênticas e se viessem a ser influenciadas, colocavam-nos em conflito com tudo aquilo que amaram e tudo aquilo que lhes dera uma identidade. Deixava o presente deles incerto e o futuro ainda mais, e mesmo pondo em jogo a razão de continuarem vivos. Eles não estavam julgando ou repudiando o estado americano como opressivo ou imoral — estavam simplesmente inquietos. Estavam cientes de que os negros realmente olhavam de uma maneira muito cética o cometimento branco, deixando claro que não dependiam dos brancos. Os negros não podiam depender dos brancos até que estes compreendessem que se submeteram, e o que estudantes brancos não esperavam se submeter quando tomassem o Trem da Liberdade era a idéia de que a situação negra na América era somente um aspecto da natureza fraudulenta da vida americana. Eles não esperavam julgar tão asperamente seus pais, seus velhos e seus antecedentes, e não haviam percebido que as suas vidas brancas, para os administradores da república, não valiam grande coisa. Vindo em defesa do rejeitado e do desamparado, viam-se confrontados com a extensão de sua alienação, e com a dimensão imaginável da sua pobreza. Eles eram privilegiados e estavam protegidos somente até o momento em que fizessem, com efeito, o que lhes fosse ordenado: mas eles foram criados para acreditar que eram livres.

Eu voltei de novo a San Francisco na época da juventude das flores, quando todo mundo, jovem e não tão jovem, se entregava a alguma espécie de droga. Podia-se ver esses rapazes e moças em todas as ruas de Haight-Ashbury, em San Francisco — eles estariam em todos os outros lugares também, se não fosse a vigilância dos tiras — com seus cabelos longos, seus colares, seus trajes, sua imaginação resistente, e, a despeito de um ceticismo duro e sagaz que era tão enervante quanto era incontestável, eram realmente atormentados pela esperança do amor. O fato de seus uniformes e seu jargão representarem a distância que tinham para percorrer antes de alcançar a maturidade que torna possível o amor — ou não mais possível — não podia ser considerado falta deles. Havia nascido numa sociedade em que nada era

impossível realizar, onde, talvez, nada fosse mais desprezível e temeroso do que a idéia da maturidade do espírito. Suas flores tinham a validade, pelo menos, de existir em direto desafio ao romance de uma arma, e sua bondade, de qualquer modo ilusória, era todavia um direto repúdio da adoração americana da violência. Pareciam ainda, ó céus, condenados e completamente cientes — dessa condenação. Era na verdade juventude de flores, uma juventude que não optara pelas promessas e possibilidades que a brilhante república (no momento visivelmente definhando) oferecia. Não podia deixar de sentir certo mal estar quando os observava, sabendo que eram idealistas, fragmentados e impotentes. Exatamente como o Terceiro Reich que primeiro precisou conquistar a oposição dos alemães antes de se lançar sobre os judeus e depois sobre o resto da Europa, a minha república, infelizmente, (começava a pensar no Quarto Reich) seria forçada a cavar por baixo dessa juventude antes de se lançar sobre os negros e depois sobre o resto do mundo. Os negros, de um modo geral, não eram vistos no meio desses jovens. Dentro do sinistro sistema de vida americano, eles caminhavam pelas mesmas ruas, eram encontrados nas mesmas vizinhanças, eram vítimas das mesmas forças, pareciam suportar um ao outro sem má vontade — até pelo contrário, especialmente do ponto de vista das forças que os observavam — e ainda assim não pareciam influenciar um ao outro, e certamente não estavam juntos. Os negros não estavam depositando sua confiança em flores. Estavam depositando sua confiança em armas.

Uma roda histórica tinha completado o círculo. Os descendentes dos “cowboys”, que massacraram os índios, os herdeiros desses aventureiros que escravizaram os negros, queriam depor as suas espadas e seus escudos. Mas estes só poderiam ser depositados aos pés do Sambo, razão pela qual eles não podiam estar juntos. Eu me sentia como se estivesse fazendo uma leitura labial quando observada a comunicação do desespero.

Era apavorante, de qualquer forma, com ou sem flores, encontrar tantas crianças nas ruas. Na África incivilizada e incompetente nunca encontrei órfãos: as ruas da América pareciam um grande, horrível, inaudito orfanato. Durante muitos anos sempre me pareceu nítido que o que chamamos de problema racial não é absolutamente um problema racial. O problema está enraizado na questão de como uma pessoa trata uma outra do seu próprio sangue, da sua própria carne e especialmente os seus próprios filhos. Os negros são os filhos despre-



zados e massacrados da grande casa Ocidental — bastardos ignotos e abomináveis. Este é um fato tão óbvio, tão facilmente verificável, que seria pura insanidade negá-lo, e contudo a vida do país inteiro está baseada nessa negação, nessa mentira patética e monstruosa. Por muitas gerações, muito branco americano foi — algumas vezes guinchando — para a sua cova, sabendo que seu próprio filho, o resultado da sua força geratriz, foi negado, e algumas vezes assassinado por ele. Muita mulher branca americana passou pela vida carregando o duro fardo de se saber responsável pelo massacre de seu amor, e também pela destruição do fruto daquele amor. *Vós sois mentirosos e a verdade não está em vós*: não pode ser agradável ser forçado, a cada dia que o bom Deus nos manda, a dizer tantas mentiras sobre tantas coisas. É preciso um grande esforço de vontade e uma capitulação absoluta da personalidade para poder viver com as mentiras que se diz a si mesmo. Não é verdade que as pessoas se tornam mentirosas sem saber. Um mentiroso sempre sabe que está mentindo, e é por isso que os mentirosos viajam juntos: a fim de se tranquilizarem na ilusão de que o dia do julgamento final nunca virá para eles. Eles precisam um do outro para o seu bem-estar, para a saúde e perpetuação de suas mentiras. Mantêm uma combinação tácita para guardar os segredos uns dos outros, porque têm os mesmos segredos. É por isso que todos os mentirosos têm inclinação à crueldade e à corrupção. Para alguém conhecê-los, basta simplesmente ouvir suas piadas sujas, o que acham que é engraçado e que ao mesmo tempo é também autêntico para eles.

Os jovens das flores pareciam completamente cientes que os negros eram os seus irmãos renegados, pareciam mesmo estar pacientemente esperando que os negros reconhecessem que eles tinham repudiado suas casas. Eles sentiam que — julguei isto pela conduta deles, pelo que parecia ser sua cegueira e a necessidade comovente de se tornarem orgânicos, autônomos, de se tornarem criaturas amorosas e alegres e o desejo de reunirem amor, alegria e erotismo, fazia com que todos florescessem juntos como uma só criatura — eles mesmos eram os descendentes de uma piada suja, a piada suja que sempre esteve escondida no coração da lenda da Imaculada Conceição. Eles estavam nas ruas na esperança de se tornarem um todo. Conquistaram o primeiro degrau — disseram Não. Se fossem ou não capazes de conquistar o segundo, o degrau mais difícil, dizendo Sim, e então indo de encontro à sua aceitação individual — era uma questão que quase me fundiu a mente, assim como parecia fundir a de todos os turistas e po-

liciais daquela zona. Quando o herdeiro de uma grande casa repudia a sua casa, esta não pode resistir a não ser que se busque sangue estrangeiro para salvá-la; e aqui estavam os herdeiros e as herdeiras de todas as idades nas ruas, juntos com aquele sangue que sempre foi considerado o mais alienígena, e que nunca legalmente foi misturado com o dos filhos e filhas da grande casa.

Eu tinha a impressão de que via nos olhos de algumas pessoas que os observavam aquele mesmo brilho, paranóico, espantado e covarde que vi nos olhos de alguns americanos brancos quando encontravam um negro no exterior. Neste último caso a gente tinha a impressão de que eles estavam evitando ser agredidos — como se tivessem encontrado o seu inimigo mais implacável numa deserta estrada de montanha. Os olhos parecendo dizer: *Eu não fiz isso! Deixe-me passar!* e nesses momentos é que se podia reconhecer a natureza fraudulenta e conveniente da inocência americana que sempre foi capaz de se persuadir de que desconhece aquilo que conhece até bem demais. Ou então, era exatamente como olhar alguém que foi apanhado numa mentira: porque um negro no exterior está longe de ser um dos “nossos” negros. É um estrangeiro, e não pode ser controlado por nada daquilo que seus compatriotas pensam, dizem ou fazem. Numa palavra, ele é livre, e conseqüentemente, descobre como o seu compatriota está tão pouco preparado para observá-lo naquele estado. Em San Francisco, os olhos que olhavam aquelas crianças pareciam sentir que estas estavam deliberadamente espalhando os segredos da família na esperança de instigar os negros a destruí-la. E era precisamente o que elas estavam fazendo — desejavam inconscientemente e desesperadamente ser salvas, para viver. Mas os negros já sabiam os segredos da família e não se interessavam por eles e também porque não confiavam naqueles jovens brancos tão problemáticos. Os negros tinham os seus próprios problemas que eram de uma ordem diferente, e estes exigiam muito mais atenção do que as alegrias ou tristezas desses jovens. Estavam conscientes de que este jovem branco tão problemático podia subitamente decidir não estar mais com problema e ir para casa — e quando fosse, seria um inimigo. Além disso, era melhor não falar muito livremente com ninguém que falasse muito livremente com você, especialmente nas ruas de uma nação que, com certeza, tem aqui e no mundo todo mais informantes pagos do que qualquer outra nação na história. Verdadeiros rebeldes, na verdade, são tão raros quanto verdadeiros



amantes, e, em ambos os casos, interpretar uma febre por uma paixão pode destruir a vida de alguém.

A confrontação entre negros e brancos, quer seja ela hostil, como é nas cidades e nos sindicatos, ou se tem a intenção de formar uma frente comum e estabelecer uma nova sociedade, como com estudantes e radicais, é obviamente crucial e contém o esquema do futuro americano e o único potencial de uma verdadeira e válida identidade americana. Ninguém sabe precisamente quantas identidades são esquecidas, mas pode-se dizer que as identidades não são inventadas: uma identidade surge pela maneira com que uma pessoa encara e usa a sua experiência. É um longo processo e, às vezes, espantosamente complicado. Quando eu era jovem, por exemplo, era um insulto ser chamado de negro. Mas os negros agora assumiram este termo pejorativo e fizeram dele um toque de reunir e um distintivo de honra, e estão ensinando suas crianças a terem orgulho de sua cor. É verdade que estas são tão coloridas — cor de café, chá, chocolate, moca, mel, beringela coberta com pimenta vermelha, pimenta vermelha mergulhada em beringela — quanto é possível um povo ser; gente negra, aqui, não é mais homogeneamente negra do que gente branca é fisicamente branca. Mas os matizes de cores que foram usados por tanto tempo para afligir nossas mentes e nos jogar um contra o outro, em princípio, agora, não contam mais. Negro é uma fantástica condição espiritual, um dos maiores desafios que qualquer ser vivente pode encarar—isto é o que os negros estão dizendo. Nada é mais fácil, também para a chamada culpa oculta americana, do que rejeitar isso como um chauvinismo em reverso. Mas nisto os brancos americanos estão sendo — é uma qualidade do destino deles — imprecisos. Alguém ser libertado de um estigma de brancura por abraçá-lo, é deixar cessar, para sempre, a sua harmonia interior e colaborar com o autor da sua degradação. Isto abruptamente reduz o inimigo branco a uma competição meramente física, onde ele só pode vencer fisicamente. Senhores brancos assassinaram negros porque estes recusaram dizer “Senhor”: mas era a corroboração de seu valor e de seu poder que eles queriam e não a do corpo e menos ainda a mancha de sangue. Quando a mente do negro não é mais controlada pelas fantasias do homem branco, uma nova estabilidade, ou aquilo que pode ser descrito como uma desigualdade imprecendente, começa a se fazer sentida: porque o homem branco não sabe mais quem ele é, ao passo que o homem negro sabe o que ambos são. Portanto, se é difícil se libertar do estigma da brancura, é igual-

mente difícil sobrepujar a desilusão desta brancura. E ao mesmo tempo que o negro afirma (agora nas glórias da sua recém-achada cor, que é sua, finalmente) nem sempre com muita delicadeza o poder e a validade incontestável de seu ser — mesmo na sombra da morte — o branco frequentemente é provocado e amedrontado. Enfim, ele tem suas razões, não somente por estar cansado de todo o conceito de cor, mas também porque está temeroso do que possa acontecer a este conceito se o mesmo cair, por assim dizer, nas mãos erradas. E realmente alguém pode estar atento, mas o problema é que era inevitável que o negro e o branco chegassem ao auge desta tensão. Somente quando tivermos passado este momento, saberemos o que a nossa história fez de nós.

Muita gente branca parece viver num estado de terror, cuidadosamente reprimido, em relação ao negros. Há alguma coisa curiosa e paradoxal nesse terror, que está envolvido não somente pelo medo comum da morte, mas pela sensação de considerá-lo completamente irrelevante se alguém está ou não respirando. Creio que tem alguma coisa a ver com o fato de que os homens brancos mataram homens negros por esporte, ou por terror, ou por intolerável excesso de terror, que é chamado aversão, ou por necessidade de afirmarem as suas próprias identidades como homens brancos. Mas contudo, nenhum desses motivos parece ser necessário ao homem negro: não é necessário para um negro odiar um branco, ou ter algum sentimento particular em relação a ele, a fim de perceber que precisa matá-lo. Sim, nós chegamos, ou estamos chegando a isso, e não há razão para recuarmos diante da expectativa desta espécie extraordinariamente fria de fratricídio expectativas estas que, afinal de contas, os brancos trouxeram neles mesmos. Claro que se um negro discute violência, dizem que ele a está “defendendo”. Mas isto está muito longe de ser minha intenção, mesmo porque não tenho desejo algum de ver uma geração perecendo nas ruas, mas a violência, em qualquer que seja a sua amplitude e o seu aspecto, pode não surgir nas mãos de alguém como eu e sim nas mãos do povo americano, que está no momento entre os mais desonrados e violentos povos do mundo. Estou meramente tentando encarar alguns ásperos fatos humanos. Eu não carrego um revólver e não me considero um homem violento: mas a minha vida mais de uma vez dependeu do revólver no coldre de um irmão. Sei que quando certos inimigos poderosos do povo negro vão para a cova, enfim, eu posso sentir alguma piedade por terem gasto suas vidas tão perversamente,



mas, claro, não lamento a morte deles e também, quando ouço dizer que estão doentes, não rezo para a recuperação deles. Eu sei o que faria se estivesse armado e se alguém apontasse um revólver para meu irmão — não contaria até dez para dar um tiro e não teria aversão pelo ato e nem remorso. As pessoas que tratam os seres humanos como se fossem menos que um animal não deveriam ficar surpresas quando o pão que lançaram n'água volta boiando envenenado para elas.

*Eu sou negro e sou orgulhoso:* suponho que, agora, o mais acurado termo para esta história, este perigo peculiar e particular, assim como para todas as pessoas geradas fora dela e labutando nela, é: Afro-americano. Que é somente o casamento de duas confusões, um vínculo arbitrário de dois indefinidos — e presentemente indefiníveis — substantivos próprios. Quero dizer que no caso da África, a África ainda está acorrentada à Europa, e explorada pela Europa, e a Europa e a América estão acorrentadas juntas; e enquanto continuarem assim, é árduo falar da África a não ser como um berço e uma potência. Até que os muitos milhões de pessoas do continente africano controlem sua terra e suas riquezas, a personalidade africana não florescerá e as suas instituições genuínas não medrarão para revelar a África como ela é. Mas é surpreendente que aquela parte norte do continente americano que se intitula, arrogantemente, de *América*, apresente um mistério tão profundo e perigoso para a compreensão humana como o fabuloso e imenso continente africano. São muito diferentes os termos em que o mistério é apresentado assim como os próprios mistérios. Quando alguém coloca os mistérios lado a lado, considerando a história e possível futuro da África, e a história e possível futuro da América — alguma coisa é elucidada da natureza, o vigor e a tenacidade da grande guerra entre costumes de vida negra e branca. Alguma coisa é inspirada na fecundidade da natureza, na esterilidade da natureza, e então se percebe que de modo algum é uma simples questão de saber quem é quem: um pode muito bem se parecer com o outro. Questões mais ruidosas do que tambores começam a martelar a mente, e se percebe que o que é chamado civilização vive antes de tudo na mente, e a mais importante província da civilização é a mente, e a primeira, ou os rudimentos dela, podem viver muito tempo após os seus exteriores desaparecerem — eles não podem nunca desaparecer completamente da mente. Estas questões — um tanto vagas para serem questões, este excitação, este desconforto — dizem respeito à verdadeira natureza de qualquer herança e à maneira com que ela é legada. Há uma razão,

certamente, quando algumas pessoas desejam colonizar a lua e outras dançam diante disso como diante de um velho amigo. A amplitude a que estas apreensões e relações são modificadas pela passagem do tempo, ou pelo acúmulo de invenções, é uma questão que ninguém parece ser capaz de responder. Todos os homens, seguramente, são primitivos, mas se pode duvidar que todos os homens sejam primitivos da mesma maneira; e se são, é somente porque naquele retiro absolutamente inatável da alma, eles não adoram os mesmos deuses. Os dois continentes, África e América, é bom lembrar, foram “descobertos” — que peso de arrogância esta pequena palavra contém — com devastadores resultados para a população indígena, cujo uso humano depois disso foi a fonte de capital para gente branca. Em ambos os continentes os deuses negros e brancos se encontraram em combate, e é do resultado desse combate que depende o futuro de ambos os continentes.

Ser um afro-americano ou um americano negro é estar na situação intolerável de todos aqueles que nunca se encontraram como parte de uma civilização que pudessem de algum modo defender honrosamente — ou então, nunca falaram com ardente amor, esperando fazer o império novo, fazê-lo honrado e valioso de vida. Qualquer um em qualquer civilização ama sem auto-controle alguns aspectos dela. Uma pessoa não deseja deliberadamente se opor à sua sociedade. Qualquer um preferiria estar em sua casa entre os seus compatriotas, a ser ridicularizado e detestado por eles. Há um nível em que o escárnio do povo e mesmo sua aversão são comoventes, porque são cegos: é terrível olhar pessoas agarradas ao seu cativeiro e insistir na sua própria destruição. Creio que o povo negro sempre sentiu isso a respeito da América e dos americanos e sempre viu pairando sobre a cabeça descuidada deste a sombra da fúria que se aproxima.



## EPÍLOGO:

### QUEM DEU CRÉDITO À NOSSA PREGAÇÃO?

Este livro foi muito adiado por processos, assassinatos, funerais e desespero. A crise americana, que é parte de uma crise global e histórica, também não está, muito provavelmente, para se resolver em breve.

Um velho mundo está morrendo e um novo, chutando o ventre de sua mãe, o tempo, anuncia que está pronto para nascer. Este parto não será fácil e muitos de nós estamos condenados a descobrir que somos parteiras incrivelmente desajeitadas. Não importa, contanto que aceitemos a nossa responsabilidade para com o recém-nascido: a aceitação da responsabilidade contém a chave para a necessária evolução da prática.

Este livro não está terminado — e poderá nunca ser terminado, por mim. Enquanto o escrevo, estou esperando saber o destino de Tony Maynard, cujo último endereço era a Ática. Embora os tiras tenham sido enterrados, com muitos pesares patrióticos, os negros ainda estão esperando saber quem está vivo ou morto. O Sr. Nixon felicitou o Sr. Rockefeller que felicitou a polícia: tanto por nada! Quanto ao resultado de tudo isto sobre o Comando dos Panteras Negras, sobre os negros e sobre as pessoas não brancas deste país e do mundo inteiro, o tempo dará uma resposta suficientemente peremptória. As pessoas, mesmo se são tão imprudentes por nascerem negras, não vieram a este mundo simplesmente para suprir matronas gordas e faļadeiras com casacos de

pele ou diamantes, ou oportunidades genocidas para seus assexuados, desprezados e desprezíveis maridos — oh, pioneiros!

Haverá reações no mundo inteiro, nos anos que virão, contra os atos de violência, mas a festa do Ocidente terminou, e o sol do homem branco se pôs. Ponto.

Angela Davis está ainda em perigo. George Jackson encontrou Jon, o seu jovem e amado irmão, na comunhão real da morte. E pode-se dizer que a Senhora Georgia Jackson e a alegada mãe de Deus acharam, finalmente, alguma coisa em comum. Mas agora é a Virgem, a Maria de alabastro, que precisa abraçar a desprezada mãe preta, cujos filhos são também descendentes do Espírito Santo.

*Nova York, San Francisco, Hollywood, Londres, Istambul, Saint Paul de Vence,*

*1967-1971.*



ESTA OBRA FOI COMPOSTA  
EM EQUIPAMENTO DE FOTO-  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSA EM  
OFF-SET NAS OFICINAS DA  
COMPANHIA GRÁFICA LUX,  
ESTRADA DO GABINAL, 1521  
JACAREPAGUÁ — GUANABARA



mente nova, é o resultado da sua própria experiência de vida. Com extraordinária candura ele fala de seus anos de deliberado exílio, de sua renovação no exterior, de sua participação nos movimentos pró direitos civis, da terra sulista de identidades estereotipadas, da morte de tantos líderes, do fim de suas esperanças e da dolorosa passagem de volta à luta, agora com realidades políticas que negam a não-violência e são concluídas nas ruas, nos tribunais e nas penitenciárias. “E PELAS PRAÇAS NÃO TERÁ NOME” é a mais eloquente, a mais pessoal e a mais completa expressão do tema de sua época e da sua sociedade.

---

OS LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS NÃO  
ENCONTRADOS NAS LIVRARIAS PODEM SER  
PEDIDOS PELO

Reembolso Postal

LIVRARIA BRASILIENSE

Rua Barão de Itapetininga, 93  
Caixa Postal 30.644 — SÃO PAULO